

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

Álbuns de casamento em dois movimentos:
fragmentos visuais de um ritual

Luiz Antonio Feliciano

CAMPINAS - 2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Programa de Pós-Graduação em Multimeios

**ÁLBUNS DE CASAMENTO EM DOIS MOVIMENTOS:
FRAGMENTOS VISUAIS DE UM RITUAL**

LUIZ ANTONIO FELICIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Multimeios sob orientação do Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain.

CAMPINAS - 2005

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

F334a Feliciano, Luiz Antonio.
Álbuns de casamento em dois movimentos : fragmentos
visuais de um ritual / Luiz Antonio Feliciano. — Campinas,
SP : [s.n.], 2005.

Orientador: Etienne Ghislain Samain.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Artes.

1.Fotografia. 2. Antropologia. I. Samain, Etienne
Ghislain. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

Palavras -chave em inglês (Keywords): Photography.
Anthropology.

Área de concentração: Antropologia visual.

Titulação: Mestre em multimeios.

Banca examinadora: Etienne Ghislain Samain, Nuno César Pereira
de Abreu, Ronaldo Entler.

Data da defesa: 25/02/2005.

Dedicatória

*À Dona Ana (in memoria) e ao Seu Dito,
pelo sonho.*

*Ao Flávio Craveiro (in memoria), pela
semente.*

*À Andréia, pelos cuidados com a plan-
tação.*

Resumo

Olhar um álbum de fotografias de casamento parece ser um gesto simples e rotineiro. No entanto, este trabalho, através de um duplo movimento, propõe uma leitura da relação dinâmica que envolve este ato e, ainda, procura descrever o casamento a partir do registro imagético. Partindo de três álbuns, de épocas diferentes, é feita uma incursão na padronização, cultural e social, do olhar fotográfico sobre um ritual.

Abstract

To look at one album of marriage photographs seems to be a simple and routine gesture. However, this work, through a double movement, propose a reading of dynamic affair that it still involves this act, and looks for to describe the marriage from an imagistic register. Breaking from three albums of marriage of different epics, It's made one incursion in standard cultural and social, of the photogenic-eye over a ritual.

Agradecimentos

Para chegar até aqui, muitos esforços se uniram e um simples agradecimento pode não representar a importância que teve essa força na caminhada. Lembrar de todas as pessoas que contribuíram, talvez seja impossível, porém aqueles que estiveram mais perto merecem um agradecimento muito especial.

À minha esposa Andréia;

aos meus pais, D. Ana (in memória) e Seu Dito;

aos meus irmãos, Lucinéia (Fia), Vando, Tael, Daniel, Elaine, Willian e Adriana;

aos meus cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas;

a todos os amigos, aqui representados pelo Miura e pela Fabiana Bruno;

a todos os Professores, sobretudo, ao Ronaldo, à Ucha e à Jandira;

aos casais, Maria Marta e Moacir, Lurdes e Moacir, Vera e José Henrique, por me abrirem as portas de suas casas e de seus corações.

Um agradecimento muito sincero ao Professor Etienne Samain, por permitir a minha presença num ambiente tão mágico e gratificante, e a sua esposa, Godeleave, que soube me acolher como a um filho.

Com certeza, o destino seria diferente se esses “deuses”, e tantos outros, não tivessem cruzado o meu caminho.

Muito obrigado e que

Deus abençoe a todos.

Sumário

Dedicatória	V
Resumo	VII
Abstract	IX
Agradecimentos	XI
Introdução	15
Primeiro Movimento	21
I – Uma radiografia geral	23
I. 1 – Cortes e (re)cortes: a identificação de um objeto de pesquisa..	25
I. 2 – Um olhar sobre “todos” os álbuns	27
I. 3 – Uma escolha entre tantas possíveis.....	29
I. 4 – Funções que se concretizam numa escolha	31
II – Um objeto tripartite	
A estrutura do álbum de (ou do) casamento	35
II. 1 – O que o álbum não mostra.....	37
II. 2 – O que o álbum “resolve” mostrar	40
II. 2. 1 – O civil e sua formalidade: estrutura e significações	41
II. 2. 2 – O religioso e sua sacramentalidade: estrutura e significações	46
II. 2. 3 – A festa e sua celebridade: estrutura e significações.....	53
Segundo Movimento	59
I – Mergulhos rasos	
Uma radiografia de três álbuns	61
Um preâmbulo	63
I. 1. – Primeiro mergulho: o álbum de 1969.....	64
I. 1. 1 – Descrição do material	64
I. 1. 2 – Ordenação e apresentação das fotografias	65
As fotografias do álbum de 1969	67
Civil	67
Religioso	68
Festa.....	69
I. 1. 3 – Alguns “nós” para serem desatados.....	70
I. 2 – Segundo mergulho: o álbum de 1976	71
I. 2. 1 – A descrição do material	72

I. 2. 2 – Ordenação e apresentação das fotografias	72
As fotografias do álbum de 1976	74
Civil	74
Religioso	75
Festa.....	76
I. 2. 3 – Outros “nós” para serem desatados	77
I. 3 – Terceiro mergulho: o álbum de 1987	78
I. 3. 1 – A descrição do material	79
I. 3. 2 – Ordenação das fotografias e apresentação das imagens	79
As fotografias do álbum de 1987	81
Religioso	81
Festa.....	84
Civil	86
I. 3. 3 – Novos “nós” para serem desatados	87
I. 4 – Algumas considerações sobre os três álbuns	88
II – Mergulhos mais profundos	
“Entornos” (em torno) de três álbuns	91
Um novo preâmbulo	93
II. 1 – Propósitos na opção por álbum	95
II. 2 – Mais que um fotógrafo, um olhar privilegiado	99
II. 3 – Algumas escolhas que contam muito	101
II. 4 – Lugar da memória, espaço para ser (re)visitado	104
II. 5 – Instantes e seqüências: modos de ver	107
II. 6 – Um elemento da sociedade do espetáculo	111
À guisa de conclusão	115
Referências Bibliográficas.....	123
Anexos	131
Entrevista I - 1969	133
Entrevista II - 1976.....	145
Entrevista III - 1987	157

Quem não tiver (ou nunca teve) uma “caixinha” para guardar suas recordações, que atire a primeira pedra.

Introdução

De alguma maneira, as pessoas sempre procuraram registrar os momentos importantes da vida. Do desenho na caverna aos *blogs* dos estudantes, do diário da adolescente à roupa do bebê que a mãe guarda com carinho, das conchinhas do mar da última viagem de férias à pétala da rosa ganhada no dia dos namorados e guardada dentro do caderno, dos retratos pintados pelo artista à primeira foto 3/4 do tempo do colégio, dentre essas e tantas outras, não importa a forma, o que interessa é o conteúdo. A lembrança que vem à mente, ao olhar aquele objeto, é o que o valoriza, torna-o sagrado.¹ A fotografia, desde a sua invenção (e mais ainda, a partir da sua popularização), passou a ser o principal meio para registrar os momentos importantes da vida. Com a fotografia, as lembranças das datas significativas – batizados, *casamentos*, aniversários, festas, viagens, férias – passaram a ter um novo sentido. Além de recordar tornou-se possível compartilhar o que havia sido vivido. Mesmo guardando algum objeto para marcar aquele momento, o registro fotográfico tornou-se necessário para fixá-lo no tempo. A memória começou a dividir com a fotografia o peso da responsabilidade de guardar aquelas lembranças. Em algum lugar da casa, uma “caixinha” começaria a receber os papéis com as imagens do passado. Hoje, a

¹ Cf. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. FERNANDES, Rogério. São Paulo, Ed. Martins fontes, 1999.

“caixinha” é virtual e a imagem alguns milhares de *pixels*.

No início, a fotografia, mais próxima dos rituais religiosos (batizados, primeira comunhão, casamentos), era produzida no estúdio do próprio fotógrafo. Com os avanços tecnológicos, os fotógrafos passaram a presenciar as cerimônias, registrando um resumo do ritual, principalmente o do casamento. Já não era mais uma ou duas fotografias feitas no estúdio, no dia seguinte à cerimônia, mas várias fotografias para contar a história do que tinha acontecido no decorrer dela. Com o álbum de fotografias de casamento um novo olhar se lança sobre o ritual e a memória. Este é o ponto que interessa neste trabalho, o álbum como um objeto que desata alguns nós e propõe outros, num dos “rituais de passagem” mais importantes da vida das pessoas, o casamento. Qual a função do álbum? Para que serve, depois de alguns anos? Sua estrutura, sua montagem, sua confecção, sua relação com fotógrafo e personagens. A proposta desse trabalho foi desatar alguns desses nós e, acreditamos, ter contribuído para que outros aparecessem.

Resumindo: fizemos neste trabalho dois movimentos exploratórios: distintos, porém necessários; singulares, tanto quanto complementares.

O primeiro se desenvolveu em torno das questões referentes ao objeto álbum. Uma radiografia para determinar a sua “anatomia”. Um movimento dividido em duas partes: Uma geral, que abrange a todos os álbuns e outra voltada, especificamente, ao álbum de fotografias de casamento. Esse percurso nos ajudou a entender melhor o álbum de casamento como um objeto de pesquisa. Algumas de suas particularidades serviram de orientação na busca de soluções para os “nós” que motivaram a nossa pesquisa. O segundo movimento aconteceu sobre o nosso objeto de pesquisa, ou seja, os três álbuns. Também dividida em duas partes, essa etapa, num primeiro momento, faz uma descrição de cada álbum, através de um exercício, puro e simples, de “olhar” para o objeto. Num segundo momento, trabalhamos as questões que surgiram da atividade de “ouvir” os casais. Não uma descrição integral das entrevistas (que

segue em anexo, ao final do trabalho), mas a partir de alguns fragmentos dessas, praticar o ato cognitivo de “escrever”. Referindo-se ao antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, procuramos nesse segundo movimento, numa tentativa bem simplificada, trabalhar sobre “o ver, o ouvir e o escrever”,² proposto por ele como o trabalho do antropólogo. Para nós, cada passo com sua particularidade e especificidade, sem enaltecer nenhum deles. Por fim, buscamos, a título de conclusão, amarrar algumas dessas questões, que se desprendem do álbum e se prendem às personagens e, ainda, o inverso disso.

Foi nosso objetivo, durante a pesquisa: abrir três “caixinhas” onde estavam guardados diversos tipos de suportes para a memória; escolher um modelo desses suportes (no nosso caso, o álbum), que estivesse presente em cada uma delas, para mapear de modo mais profundo algumas das possibilidades que ofereciam; e, por fim, procurar desatar alguns dos “nós” que surgiram ao longo do caminho. Com isso, demonstrar mais uma possibilidade de se trabalhar nos parâmetros da “Antropologia Visual”. Um percurso difícil e árduo, além de delicado como “pisar em ovos”, porém, acima de tudo, rico nas recompensas.

² OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever.” In: *Revista de antropologia*. São Paulo: USP, vol. 39, nº 1, 1996.

Álbuns de casamento em dois movimentos:
fragmentos visuais de um ritual

Primeiro Movimento

I – Uma radiografia geral

I. 1 – Cortes e (re)cortes: a identificação de um objeto de pesquisa

Fazer uma abordagem da fotografia, como em toda pesquisa, requer recortes cada vez mais precisos. Isso faz-se necessário para que seja possível uma exploração mais detalhada do objeto. Por ser tão imenso o universo da fotografia, seria inviável, na prática, uma abordagem de todos os seus aspectos. O que nos obrigou identificar um elemento que fizesse parte desse todo e pudesse ser trabalhado através de uma pesquisa. Vislumbrou-nos o “álbum de fotografias”. Um objeto que, pela sua simplicidade (ou, arriscaria ainda, sua cotidianidade), ao contrário do que é exótico³, não recebe o destaque, que, a nosso ver, merece, como elemento de estudo e exploração no campo das ciências⁴ sociais e humanas. No entanto, ele cumpre com precisão as funções para que foi criado – registrar os momentos, criar vínculos com o passado, servir de atestado comprobatório, entre outras. O álbum foi escolhido como objeto do presente estudo pela sua presença marcante na vida das pessoas e pela potencialidade que ele alcança, enquanto suporte, no universo da comunicação humana. Há mais coisas que prendem as pessoas a um álbum, que apenas um simples “olhar às fotografias”. Esse é o viés que abre caminho para este estudo, quiçá pormenorizado, do objeto álbum.

Porém, pesquisar sobre todos os álbuns de fotografia era tão improvável como “recolher todas as conchas nas areias das praias”. Nesse sentido, a escolha pautou-se, ainda, por outros (re)cortes, tanto possíveis como, da mesma forma, necessários, para que o trabalho se viabilizasse. Como o álbum de fotografia está diretamente ligado

³ WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Tradução de FERREIRA, Roberto L. (Trad.). Campinas: Papirus Editora, 1998. Cf. p.17

⁴ Philippe Dubois (1990), Miriam Moreira Leite (s/d), Ana Maria Mauad (2000), Irène Jonas (1991), Pierre Bourdieu (1955), Nicolau Sevanko (1993) são alguns dos pesquisadores que lançaram discussões sobre o álbum de fotografia.

ao registro de rituais de passagem,⁵ sociais ou religiosos, ou, ainda, situações de quebra do cotidiano,⁶ centralizar em apenas um desses momentos foi o caminho mais coerente para um primeiro passo na busca do entendimento do objeto. Deste modo, o ritual do casamento foi o escolhido. Uma escolha intencional, visto que o casamento é um dos rituais de passagem mais importantes na vida daqueles que decidem assumi-lo (além do prestígio que recebe quanto ao registro fotográfico). É importante pela transformação que causa no cotidiano dessas pessoas. São duas pessoas, de locais e famílias diferentes, que vão se unir para viverem, a partir dali, uma vida, juntos. Será que a mudança na rotina da vida dessas pessoas vai se refletir na importância dispensada ao registro imagético? Esse ponto é importante para recortar ainda mais o objeto, pois o casamento acontece em diferentes regiões, culturas, religiões e contextos sociais o que pode interferir na relação das pessoas com as imagens. Com isso, um católico do interior de São Paulo vai ter uma relação com o álbum de fotografias diferente(mente) – pode se supor – da de um outro católico vivendo numa cidade do Centro da Europa. O olhar de um ortodoxo vai se diferenciar do olhar de um judeu, mesmo que eles vivam no mesmo país. Nesse sentido, e para se tornar possível, o trabalho que apresentamos se originará a partir de álbuns de fotografias, produzidos em casamentos católicos realizados em uma mesma cidade⁷.

Procuramos, desse modo, trabalhar com “apenas” três álbuns (que serão detalhados posteriormente) produzidos, todavia, em épocas diferentes – mais precisamente nos anos de 1969, 1976 e 1987 –, que, aqui, tornam-se representantes

⁵ Sobre rituais de passagem é importante conferir o trabalho de VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de passagem*. FERREIRA, Mariano (trad.) e DA MATTA, Roberto (Apres.). Petrópolis: Ed. Vozes, 1978. E, ainda, o trabalho de TURNER, Vitor. *O processo ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. (1ª ed. em inglês, 1969)

⁶ Sobre o cotidiano é importante conferir os trabalhos: PAIS, José Machado. “Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana.” In: *Análise Social*, vol. XXII (90), 1996-1º, p. 7-57. E, também, do mesmo autor, “Nas rotas do cotidiano”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, junho 1993. p. 105-113.

⁷ Os álbuns, que serviram de objeto para a pesquisa, foram todos produzidos na cidade de São José dos Campos, no Estado São Paulo.

das décadas de 60, 70 e 80, do século XX. Um período durante o qual a cidade de São José, assim como tantas outras do interior de São Paulo, passou por grandes transformações. Isso sugere um outro questionamento: será, porventura, que tais transformações são perceptíveis através dos registros fotográficos? E em que sentido são percebidas? Nesse sentido, a escolha do tempo (período) foi importante para que algumas dessas mudanças tomassem corpo e forma. A variação no estilo de roupa e no corte de cabelo, a troca da fotografia em preto e branco pela colorida, o que caracteriza evoluções na indústria fotográfica, são algumas das transformações que podem ser percebidas através dos álbuns. Esse primeiro passo começa a fazer sentido para os caminhos que serão percorridos durante o trabalho.

I. 2 – Um olhar sobre “todos” os álbuns

Um possível e primeiro passo quando se fala em aproximar-se de um objeto é conhecê-lo. Talvez, valha a pena, deste modo, se deter um instante sobre o significado dado, de um modo geral, ao termo álbum. Ou seja, o que dizem os dicionários que se aplicam para todos os álbuns. Isso pode dar uma idéia de como ele é visto e reconhecido pelas pessoas. Qual a representação que esse objeto tem para as pessoas? Podemos ver que os dicionários⁸ trazem algumas definições para a palavra álbum, colocando-o como um objeto que recebe coleções diversas: fotografias, selos, recortes, ou ainda, versos, discos e outros objetos que merecerem “recordação”. Nota-se que no álbum são depositados os objetos que servem como referência para determinados momentos da vida. Uma adolescente anota no seu diário (que antes era íntimo e hoje tornou-se

⁸ Essas definições podem ser encontradas na íntegra nos dicionários: *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda; *Melhoramentos*: minidicionário da língua portuguesa. p. 19; *Dicionário Michaelis* - UOL

público através dos *blogs*) um resumo das coisas interessantes que aconteceram durante o dia. Um álbum, por sua vez, comporta, de uma outra forma (no caso dos álbuns fotográficos, através das imagens), um resumo do que aconteceu em determinadas passagens da vida, tais como: rituais, festas, viagens, relacionamentos, entre tantas outras situações possíveis. Podemos ainda verificar que alguns sinônimos – registro, caderno, coleção⁹ – podem nos ajudar a compreender melhor o objeto álbum. Barthes, numa outra direção¹⁰, gostaria certamente de distinguir o álbum do livro. O álbum é circunstancial, ele é por natureza sintético, talvez uma coleção de “fragmentos de preparação”.

Essas sólidas investidas podem apontar para algumas funções que o álbum assume nos diferentes contextos. Uma prova, um resumo, uma autenticação, uma lembrança, um registro. As definições, encontradas no dicionário, mostram que ele possui um forte poder indicial, quando assume a postura de um “livro de apontamentos”. Nele concentram-se os “pontos”, que desencadeiam recordações, do que ocorreu em determinado momento ou período. Mais que isso, há uma relação viva e dinâmica anterior e posterior àquela coleção de fotografias, de textos, de objetos. O que o álbum contém (independentes dos objetos reunidos) são apenas referências, fragmentos, *insights* que vão auxiliar na (re)composição da memória do que foi vivido.

Já o álbum de fotografia, em particular o de casamento, se apossa desses sinônimos para se firmar enquanto parte do ritual. Ele é ao mesmo tempo: um “documento” que garante a autenticidade da união; uma “certidão de nascimento” de uma nova família; uma “relação” entre o ritual, o fotógrafo e os partícipes; um “ajuntamento de objetos” de mesma natureza (fotografias) que compilam as lembranças do ritual; um “livro de apontamentos” que guarda em suas imagens, como diz Philippe

⁹ MELHORAMENTOS: minidicionário da língua portuguesa. p. 441; 81; 113.

¹⁰ BARTHES, Roland. *La préparation du roman I et II*. Paris: Seuil/imec, 2005. p. 242-45.

Dubois, “verdadeiros traços físicos de pessoas singulares que estiveram ali e que têm relações particulares com aqueles que olham as fotos”¹¹. Isso, por sua vez, desperta um desejo mítico, se não, muito próximo disso, em querer olhá-lo. No álbum estão os “Ecos Visuais” do ritual, os “fragmentos de um discurso amoroso”, conjugal e social. O que faz com que, mesmo antes de ser aberto, ele suscite e desperte uma curiosidade face ao mistério que pretende alimentar e lembrar. De certa maneira, ele induz um olhar periférico que englobe não somente as imagens, mas todas as particularidades que o compõem.

I. 3 – Uma escolha entre tantas possíveis

O álbum é um objeto que pode (e deve) ser examinado e descrito na sua materialidade. Neste universo, a variedade de modelos é muito grande. Esses aparecem em diversos padrões, indo desde o 10x15 cm, até o 30x40 cm. Os que mais se destacam são os que comportam as fotografias no tamanho 20x25 cm, 20x30 cm e 24x30 cm. O acabamento também pode variar bastante. Suas capas podem ser simples ou luxuosas, produzidas em couro puro, couro sintético e/ou veludo. Além desses materiais, que são comuns no mercado, há fotógrafos que preferem produzir seus próprios modelos, para oferecer outras alternativas a seus clientes. Desse modo, se utilizam de produtos variados de acordo com a criatividade de cada um. Porém outros detalhes, internos e externos, presentes nos álbuns, merecem, da mesma forma, ser analisados, pois refletem preferências, muitas vezes “condicionadas”, dos casais. O tipo de papel pode variar entre o liso “brilhante”, o mate “fosco” e o lustre (uma espécie de mate com brilho). Essas escolhas estão mais diretamente ligadas aos fotógrafos, no entanto, hoje, os

¹¹DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*. Campinas: Papyrus Editora, 1994. p. 80.

noivos têm se preocupado em definir, também, os suportes para suas imagens.

Uma das decisões que cabe aos noivos tomar é em relação à encadernação das fotografias. Essas podem, entre as mais comuns, serem feitas em passe-partout ou em forma de livro. No primeiro tipo, as fotos são encaixadas nos passe-partout (geralmente confeccionados em plástico transparente, em forma de “saquinho”). Este vem com um papel, mais espesso que o normal, contendo desenhos nas bordas, que ajudam a decorar as fotografias) e acopladas às capas dos álbuns. Muitos desses modelos vêm acompanhados com uma caixa revestida com o mesmo material da capa. No segundo tipo, as fotos são coladas uma à outra, fazendo uma folha de frente e verso, que, ao final, são todas colocadas juntas, recebendo, assim, uma capa. Este modelo também é acondicionado em uma caixa revestida com o mesmo material da capa. As bordas das folhas podem ainda receber uma coloração dourada ou prateada, de acordo com o gosto dos casais. Qualquer um desses modelos recebe também uma placa identificando os nomes dos noivos e a data do casamento. Da mesma maneira, os fotógrafos, ou as empresas fotográficas, deixam gravados, no início ou no final do álbum, os nomes e telefones de contato como forma de *merchandising* (propaganda).

Essa diversidade de modelos dá ao casal a “possibilidade” de escolher o que melhor lhe agrada. No entanto, mesmo podendo decidir de acordo com o seu gosto, este se esbarra em uma padronização existente no mercado, que somente pode oferecer (assim como acontece com todos os produtos consumidos no atual “modelo econômico”) o que as empresas do ramo produzem, isso faz com que o gosto dos noivos se encaixe ao tipo de material que esteja disponível no momento. Neste caso, tanto os noivos como os fotógrafos (principalmente os menos criativos), acabam “engessados” por um padrão oferecido pela indústria de materiais fotográficos. Como os valores financeiros variam de modelo para modelo, essa escolha passa ainda por um outro “crivo”, a situação financeira do casal na época do casamento. Muitos vão gostar de um modelo e, no final, “contratar” um outro, por ser este o mais barato. Mas, outro detalhe pode

também interferir nessa decisão, a “moda”. E de que forma isso acontece? Os modelos mais escolhidos, em determinada época, exercem influência na opção dos noivos por um ou outro modelo. Todos esses detalhes contribuem, cada um à sua maneira, com as escolhas feitas pelos casais.

Nesse mesmo caminho em busca do modelo de álbum que melhor lhe agrade, tanto estética como financeiramente, o casal se depara também com a escolha do fotógrafo. Automaticamente, ao escolher o profissional que vai “tirar” as fotos, os noivos já fazem a opção pelo produto final que ele oferece. Essa opção por determinado fotógrafo já recorta um “leque” com outras possibilidades. Isso vale também para os casais que preferem “contratar” uma “empresa fotográfica”. Neste caso, a escolha é pela empresa, independente de quem seja o profissional que vai fotografar a cerimônia. Essas decisões, tomadas pelos noivos, vão proporcionar *status* diferentes e conotações diversas.

I. 4 – Funções que se concretizam numa escolha

Como foi apresentado, existe no mercado fotográfico uma variedade de modelos de álbuns, dentre os quais os noivos podem escolher o que melhor lhes satisfaçam. Tomar essa decisão, num primeiro olhar, pode parecer um ato simples e voluntário, mesmo que isso passe por alguns crivos, alguns enquadramentos (já comentados). Porém, qualquer opção feita trará consigo, de uma forma intrínseca, intenções que justificam os motivos pelos quais os noivos optam por ter um determinado álbum de fotografias. Para entender essa funcionalidade pode-se, ao meu ver, considerar e examinar esse objeto como uma organização – sacralizada – de um dos grandes momentos (já que todos os momentos importantes são rituais “sociais” de passagem) da vida.

Nesse sentido, através dessa função de organizar uma determinada situação (neste caso, o casamento), o álbum cumpre um duplo papel: cuidar da “imagem-material” e vigiar a “imagem-memória”. No primeiro, ele favorece a conservação e a apresentação das fotografias. Através dele, é possível ordená-las numa seqüência (crono)lógica – o que lhe concede um poder de “imagem-narrativa” – e, também, protegê-las contra danos causados pelo manuseio indevido (contato com o suor das mãos e com a poeira). Ao desempenhar esse papel de “curador” das imagens fotográficas, automaticamente, o álbum desenvolve uma segunda função: conservar¹², organizar e eternizar a memória (as recordações) dos partícipes. Pois a partir das imagens se desencadeia uma série de lembranças, suprimidas através dos anos, que, de certo modo, continuarão existindo enquanto as fotografias estiverem, lá, intatas (no sentido de ainda existirem).

Outras funções fazem parte de um mesmo álbum de fotografias, uma de caráter ideológica e outra, estética. Esta tem por finalidade preservar a “imagem-beleza”, ou seja, a maneira como os noivos querem ser vistos pelos outros. Isso se reflete tanto nas suas imagens, captadas pelas fotografias, como, também, nos modelos dos álbuns escolhidos. Aquela, por sua vez, tem a finalidade de testemunhar a “imagem-social” do casal. Através dela, os noivos assumem seus respectivos “papéis” diante da sociedade. Adotam uma postura de aceitação das regras que configuram o “jogo” das relações conjugais, tanto no âmbito social, como no religioso.

A essas funções, junta-se, ainda, uma que, a meu ver, confere um prazer (e um poder) maior ao ato fotográfico: a função de “imagem-símbolo”. Esta cumpre o papel de continuar ligando os participantes ao ritual. É um poder “mítico” que tem a capacidade de trazer de voltar aquilo que o tempo se encarregou de fazer esquecer. De certa maneira, essa

¹² Cf. SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: SEVANKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. NOVAIS, Fernando A. (Coord.). São Paulo: Ed. Cia. Das Letras, 1998. p. 457.

dimensão simbólica, muito além da mera recordação, consegue juntar, num outro “plano”, o passado e o presente. Uma maneira de (re)criar e (re)vivenciar as coisas¹³, que é permitida a todos que se relacionam com o objeto. A caracterização dessas funções se configura através de uma “dimensão social” que o álbum adquire a partir de sua comunicabilidade. O que pode ser reforçado pelo que ele se propõe a registrar e como esse registro é estruturado internamente, do mesmo modo, como é apresentado e (re)visto. Isso é o que é apresentado no próximo capítulo.

¹³ ELIADE. *Op.cit.*, p. 48-52.

II – Um objeto tripartite

A estrutura do álbum de (ou do) casamento

II. 1 – O que o álbum não mostra

Os álbuns de casamento que apresentaremos, estruturam-se em torno de um tríptico movimento ritual – civil, religioso e festa – de uma teia de múltiplos “rituais de passagem” concatenados e que formam o chamado ritual do casamento. Esse período de margem, pelo qual passam os futuros esposos, tem início com a marcação da data do casamento e estende-se até a reintegração à rotina cotidiana (natural). É um ciclo formado por pequenos ritos, singulares, no entanto, importantes na (des)construção de uma fase da vida e na (re)construção de outra. A escolha do vestido, a confecção dos convites, os preparativos da cerimônia e da festa, a montagem da casa, dentre vários outros (tanto a noiva, como o noivo, se preocupam com diversos detalhes, grandes ou pequenos, anteriores e, também, posteriores à cerimônia do casamento), se apresentam como alguns dos elementos que contribuem na preparação dos noivos para essa “mudança” social. Através das decisões, tomadas em conjunto – concretização das “concessões” necessárias à convivência entre pares –, o casal dá início a uma (trans)formação no seu modo de vida. É um período fundamental, porém, nenhum desses momentos é visto como complementar de um processo somatório e gradual. Isso pode ser verificado através da estrutura interna do álbum, que enfatiza à tríade ritual – civil, religioso e festa –, não comportando esses pequenos elementos, essenciais na transposição desses papéis sociais.

De todos os acontecimentos ligados ao ritual do casamento, três deles se destacam na importância que adquirem enquanto “marcos”, do início e do final, de um processo dinâmico que se caracteriza como um ritual de passagem. Mesmo assim, esses ritos, que fazem parte desse período de margem, não aparecem registrados nos álbuns de fotografias. Dois desses, diretamente ligados aos preparativos da cerimônia,

podem se configurar como participantes dos ritos da separação¹⁴: de um lado, a “despedida de solteiro” para os homens e, de outro, o “chá-de-cozinha” para as mulheres. Em ambos, as brincadeiras sexuais são bastantes evidentes.

O ritual masculino acontece durante a noite e é marcado por um grande consumo de bebidas alcoólicas, principalmente pelo noivo que é obrigado, pelos amigos, a beber, inclusive acima do limite, pois já é intencional que ele se embriague. Seu corpo é inteiro pintado, além de ter que usar roupas íntimas femininas. Em alguns casos o encontro se encerra em boates ou bordéis (quando não é inteiramente realizado nesses locais) onde, às vezes, o noivo mantém relações sexuais com uma das mulheres da casa. Uma forma de demonstrar a sua virilidade e, por outro lado, romper com o caráter boêmio do homem solteiro. Um adeus à liberdade permitida, na sociedade, somente ao homem. Participam, desse ritual, apenas os homens que fazem parte do círculo de amizades do noivo e que compreendam uma mesma faixa etária. Na maioria dos casos, os mais velhos e os muito novos ficam de fora dessa “brincadeira”.

O ritual feminino, por sua vez, ocorre numa tarde de domingo e é presenciado por mulheres de várias faixas etárias. Tanto as “tias” mais velhas como as primas mais novas participam dessa “brincadeira” que tem a finalidade de marcar para a noiva o final de uma fase social e o início de uma outra. Todas as participantes, ao serem convidadas, recebem um aviso de qual presente deve ser levado para entregar à noiva. Através de um jogo de adivinhações, a noiva recebe esses presentes que são úteis para o dia-a-dia (abridor de lata, saca rolha, pano de prato, escorredor de macarrão e várias outras coisas) do casal. Nessa “brincadeira”, a noiva precisa descobrir o nome da pessoa que deu o presente. Para cada resposta errada ela se despe de uma peça de roupa ou tem uma parte do corpo pintada. São, ainda, utilizados elementos

¹⁴ Conferir os trabalhos de Van Gennep e Vitor Turner, sobretudo, a longa apresentação que Roberto da Matta faz no livro, de Arnold Van Gennep, “Os Rituais de Passagem”, publicado no Brasil em 1978, pela editora vozes, com tradução de Mariano Ferreira.

(cenoura, batata, palha de aço) que simbolizam o órgão sexual masculino, o que, ao meu ver, representa um “primeiro” contato com a relação sexual. Mesmo com as novas formas liberais de relacionamento, essas rituais, tanto o masculino como o feminino, continuam existindo.

Outro ritual, este ao contrário dos dois primeiros, se apresenta como uma integração do casal no novo contexto do seu convívio social. A “lua-de-mel” é um momento íntimo em que o relacionamento chega, num olhar romântico, ao ápice. Os noivos têm a liberdade de praticar a relação sexual, sem qualquer forma de preconceito, já que o sexo antes do casamento continua sendo um “tabu”, principalmente para as sociedades mais conservadoras, ainda que tenha havido a promoção de um liberalismo sexual, iniciado a partir dos anos sessenta. Isso fica comprovado nos longos debates sobre essa temática, promovidos pelos “meios de comunicação”, e, também, nas conversas entre a maioria dos jovens. Esse momento vem selar o que os ritos de separação (despedida-de-solteiro e chá-de-cozinha) apartaram. Normalmente, esse período se inicia após a cerimônia do casamento através de uma viagem, com duração de três dias a um mês (dependendo das condições financeiras do casal) e se prolonga através dos primeiros meses da nova vida, etapa em que se dá uma nova agregação¹⁵ à sociedade.

Cada um desses três “rituais” (despedida-de-solteiro, chá-de-cozinha e lua-de-mel) é fotografado apenas pelos próprios participantes. Não há uma preocupação com o registro profissional desses momentos. Talvez, ao meu ver, por revelar uma intimidade (ou brincadeiras íntimas) são rituais que não devam se tornar tão públicos. Ou, ainda, por serem rituais “culturais”, e não “legais” (institucionalmente oficializados) diante da sociedade, não seja necessário uma “prova” contundente de sua existência, nem seja preciso sua futura promoção.

¹⁵ *Idem.p.*

II. 2 – O que o álbum “resolve” mostrar

Como o casamento é também composto por vários elementos, anteriores e posteriores, a tríade – civil, religioso e festa – central do ritual, o álbum de fotografias, por sua vez, vai priorizar e obedecer a toda uma ordem de descrição, que se organiza a partir desses três momentos (o civil que oficializa, o religioso que sacramentaliza e a festa que celebra o relacionamento)¹⁶. Estes, além de serem distintos e complementares, são também caracterizados como um tempo de “margem e passagem”¹⁷. Um período de transição em que, de um lado, os noivos já não são mais solteiros e, de outro, eles, ainda, do mesmo jeito, não são casados. Estes rituais, na maioria das vezes, acontecem em dias, horários e locais diferentes. Assim como, podem, também, ser realizados todos, ao mesmo tempo, num mesmo local.

O casamento católico deixa bem definida (assim como outras religiões e credos) a existência, singular e complementar, desses três rituais. No álbum, isso também fica muito claro, já que é apresentado, de forma objetiva, cada um desses momentos. Nele vão estar presentes os pontos importantes que se destacam, durante cada cerimônia. Esses podem ser considerados os “pilares” do ritual. De certa maneira, isso se define, ainda, como uma inscrição da “espinha dorsal” do casamento católico. Conjunturas “padronizadas” que decorrem do próprio desenrolar “da trama” ritual. Que, por sua vez, obedece, ainda, à eleição de instantes decisivos, social e fotograficamente, aceitos e estereotipados. Pode-se, ao meu ver, dizer que esses “clichês fotográficos” surgem a partir de uma cumplicidade entre o fotógrafo, com seu olhar “enquadrado”

¹⁶ Com as mudanças propostas pelo novo Código Civil, de 2002 (Art. 1.515 e Art. 1.516, §§ 1º e 2º) a estrutura do álbum de casamento também deverá – talvez – sofrer mudanças. Os álbuns vão conter apenas dois momentos distintos, o religioso e a festa, visto que com a nova lei o casamento religioso passa a ter efeito civil. Todo o processo civil é feito pelo cartório, porém a cerimônia de leitura e assinatura dos cônjuges e testemunhas acontece juntamente com o religioso.

¹⁷ VAN GENNEP. *Op. cit.*, p. 31.

culturalmente, e os valores sociais (e simbólicos) de determinada sociedade. Para se compreender melhor a estruturação do álbum de casamento, apresentaremos a estrutura de cada ritual e como ele é mostrado através do registro fotográfico.

II. 2. 1 – O civil e sua formalidade: estrutura e significações

Num primeiro momento, procuramos, de um modo geral, descrever o ritual. Isso, acredito, possibilita um mapeamento, ou melhor, um desenho que pode servir como pano de fundo para entender melhor o desenvolvimento da trama que move o ritual (não somente este, como também os outros – religioso e festa). Isso é, o que se passa “nas entrelinhas” ou, ainda, partindo do nosso objeto, poderemos pensar a dinâmica que sobrevive “nas entre fotos”. O que Barthes¹⁸, a meu ver, chama de “campo cego da fotografia” e que motiva os casais a participarem desse jogo (troca) social.

O casamento civil segundo Josette Lordello¹⁹, passou a ser obrigatório, no Brasil, a partir do Decreto n.º 521 de 26 de junho 1890. A cerimônia normalmente ocorre em um cartório de registro civil. Alguns casais, no entanto, preferem que ela aconteça no mesmo local da festa ou, ainda, na igreja em que ocorrerá o casamento religioso. Quando isso acontece, se faz necessária a presença do “oficial de registro civil”,²⁰ como representante do poder público, para a legitimação da união. Na cidade de São José dos Campos verifica-se que com a entrada em vigor do Novo Código Civil Brasileiro, em janeiro de 2002, a presença do oficial somente é exigida nas cerimônias

¹⁸ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Nota sobre a fotografia. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1984. p. 86.

¹⁹ LORDELLO, Josette Magalhães. *Entre o Reino de Deus e o dos Homens: a secularização do casamento no Brasil do séc. XIX*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002. Cf. p. 146.

²⁰ Este termo é usado no Código Civil Brasileiro

realizadas no cartório ou no salão da festa. Quando acontece o casamento religioso com efeito civil, o mesmo representante da igreja cumpre o papel de representante do poder público. Essa prática já estava prevista em lei e era aplicada nas cidades em que os dirigentes das igrejas concordavam com as exigências feitas²¹. Em São José, algumas igrejas evangélicas já atuavam dessa maneira validando com efeito civil, o casamento religioso. A igreja católica, por sua vez, não trabalhava nesse sistema por determinação de sua autoridade episcopal, o Bispo Diocesano. No entanto, independente de onde será realizada a cerimônia, por ser um ato público, vale lembrar que as portas do local deverão permanecer abertas para que qualquer pessoa que queira possa presenciar.

Partindo do modelo tripartite, verifica-se que cada um dos momentos é realizado em um local diferente. Assim, o ritual civil acontece, na maioria das vezes, em um cartório de registro civil. Os dias e horários para a realização dessa cerimônia vão variar de acordo com as determinações de cada cartório. Na cidade de São José, as cerimônias podem ser realizadas na quinta ou sexta-feira, tanto no período da manhã como no da tarde. Às vezes, pode, ainda, ser realizado no sábado pela manhã. Normalmente, após essas cerimônias, os noivos oferecem um almoço ou um jantar para os padrinhos, alguns parentes e amigos mais próximos também participam desse momento.

Os ritos do casamento civil não são presenciados por muitas pessoas, apenas o “oficial de registro civil”, os noivos, os padrinhos (testemunhas) e, algumas vezes, os pais e familiares também participam da cerimônia. Mesmo com um número reduzido

²¹ No casamento religioso com efeito civil, toda documentação é feita pelo cartório e apenas a assinatura do registro civil acontece na igreja. Depois de realizado o casamento, os noivos têm um prazo de 90 dias, contados a partir da data do mesmo, para a entrega, no cartório, do documento fornecido pela igreja para a retirada da certidão de casamento civil. Caso esse prazo não seja respeitado, o casamento civil perde a validade e o processo tem que ser feito novamente, inclusive a cerimônia do casamento civil.

de pessoas presentes, esse momento é tão importante quanto os outros e apresenta-se com uma estrutura ritual bem definida.

A cerimônia dura em média de dez a quinze minutos e dificilmente ultrapassa esse tempo. Ela começa com a entrada dos noivos, dos padrinhos e dos demais presentes. Estando todos posicionados (sendo que os padrinhos e familiares do noivo ficam ao seu lado e, respectivamente, ao lado da noiva ficam seus padrinhos e familiares) o oficial de registro civil pergunta aos noivos da espontaneidade em que assumem o compromisso. Esse é o momento do casamento civil, por isso, há a necessidade das testemunhas (padrinhos) estarem presentes, pois ao pronunciarem o “sim” o casamento se realiza. Ainda, que, por algum motivo, os noivos não assinem o registro²², as testemunhas presentes confirmam a realização deste, que somente pode ser desfeito através de processo jurídico. Após a resposta dos noivos, se realiza a leitura do processo (isso pode variar de acordo com cada cartório, pois alguns preferem não fazê-la) para que se tornem públicas as informações e possam ser contestadas. De todo modo, qualquer objeção quanto à realização do casamento deve ser feita antes, já que os noivos têm um prazo mínimo de trinta dias para dar entrada nos papéis para que seja feita a “proclama” do casamento. Desse modo, é divulgada, através de um jornal da cidade, a pretensão dos noivos em contrair o matrimônio, justamente para que se houver algum impedimento, para que este não se realize, isso possa ser apresentado. Depois de realizada a leitura, acontecem as assinaturas. Primeiro os noivos assinam, depois os padrinhos do noivo e, na seqüência, seus familiares, logo em seguida, os padrinhos da noiva e, também, seus familiares. Terminada as assinaturas, o oficial entrega o registro de casamento aos noivos e os cumprimenta. Antes dos padrinhos e dos demais presentes cumprimentarem os noivos, acontece a entrega das alianças,

²² No 1º Cartório de Registro Civil de São José aconteceram alguns exemplos, que podem ser narrados pela Juíza de Casamento Lilce Almeida Nunes de Aguiar Siqueira.

este momento é opcional, tanto que alguns noivos preferem fazer somente na igreja. Depois dos cumprimentos, todos deixam o cartório.

Como o registro fotográfico se vale da paralisação de um instante, excluindo elementos importantes (que podem, além da visão, ser percebidos pelos outros sentidos) que fizeram parte daquele momento, o álbum vai priorizar aqueles que dão indícios do que tenha ocorrido. Nesse sentido, é importante fotografar o momento em que os partícipes assinam o documento processual de registro de casamento. A imagem das assinaturas é uma prova incontestável de que os noivos disseram sim e assumiram ali, diante de um representante do poder público, os compromissos inerentes ao casamento civil. Como as assinaturas são importantes em qualquer processo jurídico, pois demonstra concordância com as regras descritas no contrato, a fotografia é uma “cópia visual autenticada” do ato realizado.

Podemos, então, procurar descrever o registro fotográfico do ritual civil, que apresente, como “padronizações”, alguns pontos os quais, se não aparecem em todos os álbuns, pelo menos fazem parte da grande maioria. Estes podem ser subdivididos em duas partes que se complementam: a primeira composta pelas imagens produzidas durante a cerimônia; a segunda pelo que é produzido *a posteriori*. A primeira parte compõe-se dos momentos em que é feita a leitura do processo, dos noivos e dos padrinhos assinando o documento processual e, quando acontece, da troca das alianças. A segunda parte vai apresentar algumas situações, sempre no sentido de “poses”, criadas pelo fotógrafo para serem fotografadas. Nelas os noivos aparecem sozinhos em diversas poses (segurando a certidão, em um vis-à-vis, abraçados olhando para o fotógrafo) e, em outras, acompanhados dos padrinhos e convidados. Tudo isso pode acontecer dentro do próprio cartório ou também num jardim ou praça próximos dali.

Mas qual a importância desses determinados registros, visto que, a maioria dos álbuns os detêm? Por que essa padronização nos momentos registrados? Pode-se

tentar algumas significações para as imagens? A fotografia da leitura do processo (documento), pelo oficial de registro civil, certifica o casamento como um ato público. Os noivos assinando o processo comprovam, marcam, certificam a disposição em assumir o compromisso firmado. É o momento em que o casal se mostra ciente dos direitos e deveres de um para com o outro. Os padrinhos e os pais assinando o processo são fotografias que vêm novamente comprovar, marcar e certificar a união que acontece. Os padrinhos são as testemunhas deste ato público e a fotografia, por sua vez, é a legitimação do que aconteceu. A entrega da certidão aos noivos é um ponto forte no cerimonial, contudo, raramente aparece nos álbuns. Os noivos recebem do representante do poder jurídico, o documento que os habilitam a usufruírem dos direitos permitidos às pessoas casadas. É importante colocar que a certidão é entregue sempre ao noivo, ficando a noiva apenas com os cumprimentos do juiz, o que já deixa subentendido os respectivos papéis sociais de cada um. A fotografia com todos os participantes que estiveram na cerimônia do civil mostra todos os presentes, diferentemente da certidão que consta somente os noivos e os padrinhos. Ela legitima e autentica a participação de todos naquele momento. As poses dos noivos, felizes e satisfeitos com o que vivenciam, é a prova de que eles cumpriram uma das fases e estão contentes por isso. Diante da foto não há contestação.

Alguns desses momentos criados (poses) para fazer parte do álbum, acabam sendo incorporados ao ritual. Não se consegue imaginar o casamento civil, assim como os outros momentos que compõem a tríade, sem trazer consigo, como rêmora, o ritual da fotografia e todas as suas implicações. Entretanto, não se pode, da mesma forma, esquecer que essas fotografias vão retratar apenas o “pico” da curva de um processo ritual. Somente uma parte de um todo vai ficar em evidência, os pequenos detalhes, anteriores e posteriores à cerimônia, que enriquecem o ritual, não são apresentados.

Podemos pensar o casamento civil como um ato público que oficializa uma união entre duas pessoas. Um “pacto contratual” que tem a finalidade de respaldar

juridicamente cada um dos contratantes. Através dele alguns direitos são reservados ao casal e aos filhos, porém, não se deve partir apenas do princípio da segurança jurídica, pois a convivência em concubinato (união estável)²³, de acordo com o Código Civil Brasileiro, já garante direitos a ambos. Há, então, a necessidade de lançar um olhar sobre os valores sociais intrínsecos a esse ato. Nesse contexto, o álbum tem um papel fundamental, já que faz a publicidade da união e mostra a pertença do casal a uma sociedade de “iguais”. Casar-se no civil assegura, ao casal, um reconhecimento, pelos seus pares, de que a união cumpre as normas social e juridicamente exigidas. O importante é como a relação do casal será vista pela sociedade.

II. 2. 2 – O religioso e sua sacramentalidade: estrutura e significações

Olhemos para a cerimônia religiosa como um ato público que institucionaliza a união do casal, ou seja, reconhece diante de uma comunidade de iguais a licitude da ligação conjugal entre os cônjuges. Mas, além disso, esses ritos, por estarem diretamente ligados à religiosidade, revestem esta aliança com a “áurea sacramental”. Esse reconhecimento da igreja diante do casamento, instituindo-o como sacramento, somente acontece, como coloca Vainfas²⁴, a partir do século XII d.C., após muita resistência por parte de diversos teólogos que queriam manter o casamento num plano humano, apenas como um ato “profano”. Vários foram os teólogos que procuram, cada um a sua maneira, colocar o casamento num plano divino. Essa intromissão da igreja em tal ato visava o aumento de seu poderio principalmente através do controle dessas uniões que aconteciam com propósitos econômicos e políticos. Mas a concepção

²³ LEI N.º 9.278/96, Art. 1.º, CÓDIGO CIVIL/2002.

²⁴ Cf. VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

moderna do casamento ainda herda vários desses conceitos. Num primeiro momento é importante mapear os ritos religiosos para se buscar compreender um pouco dessa herança.

O casamento religioso recebe um destaque maior pela preparação e *glamour* que fazem parte do cerimonial. Para que tudo ocorra bem, tanto os noivos como alguns familiares dispõem um tempo grande para resolver cada detalhe. Como o religioso costuma receber mais convidados, geralmente todos os familiares e amigos aparecem, é importante que a cerimônia seja a melhor e a mais bonita, para que esta possa ser admirada por todos os presentes. Os ritos religiosos duram entre trinta e sessenta minutos, podendo, ainda se estender por mais tempo. Isso não faz com que o religioso seja mais importante que o civil e/ou a festa. No entanto, visto que invoca a presença de Deus, na pessoa do seu representante – sacerdote ou diácono – esta parte da tríade é vista com um olhar privilegiado, um olhar que aprova e confirma a sacramentalidade da união dos amigos (os noivos).

Numa tentativa de procurar descrever o ritual religioso, destacamos apenas o intervalo de tempo que compreende desde a entrada até a saída da igreja. É notório que há, anterior a esse momento, toda uma preparação para o ritual, que pode durar horas ou, mesmo, dias. No caso, principalmente, da noiva, existe toda uma ritualidade nesses preparativos, que hoje em dia o mercado já oferece “o dia da noiva”, que tem a função de prepará-la para o “grande momento de sua vida”. Esses preparativos, pelos quais os noivos passam, fazem parte do período marginal e têm grande importância no contexto de um ritual de passagem.

O ritual religioso tem início com a entrada do noivo e todo o cortejo de entrada dos padrinhos. Em seguida, a noiva entra acompanhada de seu pai, que vai “entregá-la” ao futuro genro, que a “recebe”, das mãos do sogro, ainda no corredor, seguindo, então, juntos para o púlpito. Após as entradas, acontecem os ritos de saudação e a leitura bíblica, seguida da homilia do condutor da cerimônia – sacerdote ou diácono –

que transmite aos noivos o olhar da igreja sobre o casamento. As promessas matrimoniais, que vêm logo na seqüência, é o momento em que o casamento se realiza, pois é através do “sim” que os noivos assumem o compromisso conjugal diante de Deus e da comunidade. O juramento entre os noivos finaliza o momento das promessas matrimoniais. A partir daí, acontece o rito das alianças. Começa com a entrada de uma criança, geralmente uma menina, – ou um casal de crianças – trazendo as alianças (essa entrada também pode acontecer juntamente com a entrada da noiva), em seguida o representante as abençoa e os noivos colocam-nas cada um no dedo anular da mão esquerda do outro e encerram com um beijo. Logo em seguida, dependendo da preparação do casal, acontece a comunhão e, na seqüência a benção ao casal e a finalização da cerimônia. Após o término, os noivos assinam o livro de registro de casamento, recebem os cumprimentos dos padrinhos e fazem o cortejo de saída.

Todos esses momentos vão compor a estrutura de um álbum de casamento. Cada um deles é fotografado, por ser considerado um ponto importante na configuração de um casamento socialmente aceito e legitimado. Já que esses elementos aparecem como os pilares do ritual religioso, convém, no momento, lançar tentativas que possam apontar para algumas significações. Destarte, partindo da *mise-en-scène* da entrada dos noivos e da entrega da noiva ao genro, pelo sogro, pode se inferir numa predisposição de ambos em receber um sacramento. No entanto, a entrega da filha ao “pretendente” remete a um gesto antigo de troca, um “dom/contra dom”. Em troca da filha, a família recebia um dote, mesmo que isso fosse caracterizado como força de trabalho. Como afirma Vainfas:

*A mulher era, pois, parte do patrimônio familiar e a sua entrega a um homem selava a união de duas casas reais ou nobiliárquicas.*²⁵

²⁵ *Idem*, p. 27

Hoje, no gesto da entrega da filha não se confirma a sua troca por um dote, no entanto, o “alcance econômico”²⁶ é evidente, pois envolve a perda, por parte da família, de uma força de trabalho e, também, como a ligação familiar implica distribuição de herança, esta ainda tem um forte peso. Isso pode ser notado na rejeição que há nos casamentos entre pessoas de classes sociais diferentes. A leitura bíblica e a homília são momentos em que o padre ou diácono, enquanto representante da igreja, transmite aos noivos a palavra de Deus e, enquanto representante da comunidade, os aconselha sobre o modo de convivência a dois no âmbito cristão. Mesmo sendo uma parte importante da cerimônia, não recebe um destaque do ponto de vista do registro, pois são raros os álbuns que contém fotos desses momentos. Porém, é nesse instante que a igreja reforça, a cada cerimônia, o discurso da importância da vivência na fé. Consequentemente, revigora e fortalece os seus conceitos no seio de uma nova família que se inicia.

Durante as promessas matrimoniais e o juramento, é que ocorre o casamento propriamente dito. De todos os sacramentos da igreja católica, o matrimônio é o único em que os ministros são os próprios noivos. Como esse diálogo acontece no altar, local sagrado designado somente às pessoas preparadas, esse é, então, o momento em que os noivos se doam e se recebem sob o olhar de Deus e da comunidade. O rito das alianças carrega alguns valores intrínsecos. O objeto, em si, já é repleto de simbologia. Sua circularidade mostra que não existe nem fim, nem começo, o que representa a eternidade e a infinitude da união. A confecção em ouro, o mais valioso dos metais, é a representação da riqueza e da nobreza do casamento. É um elemento visual que identifica, para a comunidade, que o usuário tem um compromisso conjugal com alguém e quem a usa vê, ali, o símbolo de tal compromisso. E, mais, é definida por Hincmar (séc. IX) como “símbolo da fidelidade e do amor, e laço da unidade

²⁶ VAN GENNEP. *Op. cit.*, p. 106.

conjugal, a fim de que o homem não separe o que Deus uniu”²⁷. Elas são trazidas por uma (ou mais) criança que representa a pureza e a verdade do relacionamento. Ao serem abençoadas, esses elementos de índole “profana” tornam-se sagrados. Desde o momento em que ficam noivos, as alianças passam a fazer parte da vida do casal. Durante o período do noivado, elas permanecem colocadas no dedo anular da mão direita. Após o casamento, elas são colocadas no dedo anular da mão esquerda. Esse dedo comporta uma veia que é ligada direto ao coração. O gesto é feito pelos próprios noivos, que colocam a aliança no dedo do cônjuge, uma forma de transferir todo o sentimento de um para o outro. A comunhão e a bênção ao casal são como um reforço espiritual para a sustentação do relacionamento. Já que, para os católicos, a eucaristia é o alimento da fé e da alma, no casamento ela proporciona uma força e um comprometimento de uma constante (re)alimentação na fé em Deus e na igreja. E a bênção, por sua vez, qualifica os noivos como protegidos divinos e garante que a união é aceita por Deus e pela igreja.

A assinatura do processo acontece após o encerramento da cerimônia. Mesmo sendo um sinal da fé, portanto, um ato sacramental, o religioso é também um ato público e necessita de um registro histórico para um controle institucional. Esse processo cumpre todas as exigências da Igreja e recebe, ao final da cerimônia, a assinatura dos noivos e do celebrante. Esta assinatura é a concordância com todas as normas exigidas e a ciência dos direitos e deveres assumidos enquanto membros de uma comunidade religiosa. Depois de terminada toda a cerimônia, o beijo sela a união. Este também pode acontecer logo depois da troca das alianças. Essa é a marca do sentimento que envolveu o casal, os conduziu ao matrimônio e continuará com eles para dar sustentação ao relacionamento. É, ainda, um símbolo da sexualidade que envolve o casamento. Mesmo o casamento sendo um sacramento, o beijo é um sinal

²⁷ *Apud. VAINFAS, Op. cit., p.33.*

da sua profanidade. Esse é o primeiro beijo de casados. Na maioria das vezes, a fotografia do beijo não é a do primeiro beijo, mas uma cena posada para a fotografia, assim como várias outras situações. Antes da saída dos noivos, podemos ressaltar que acontecem os cumprimentos dos padrinhos e dos pais. Nesse momento, na maioria dos casamentos, a noiva entrega flores às madrinhas e às mães. Uma forma de agradecimento àquelas que estiverem ao lado, dando um apoio para que a cerimônia acontecesse. Por fim, os noivos saem lado a lado, um olhar e um caminhar na mesma direção. Uma igualdade que deverá existir durante a vivência matrimonial, um dando ao outro o apoio necessário.

Como nas fotografias do civil, nas do religioso também são criadas algumas situações para serem fotografadas. Assim, pode-se dizer que, durante toda a tríade ritual, o ritual da fotografia vai ser incorporando e tomando parte até se confundir como elemento essencial do casamento. Situa-se nesse campo dos ritos fotográficos, imagens que chamamos, por ora, de “interlúdios”, pois dão um tom mais “melódico” à narrativa fotográfica. A noiva no carro é uma imagem que aparece em quase todos os álbuns. Geralmente feita no momento que a noiva chega à igreja, no entanto, muitos fotógrafos preferem fazê-la no final da cerimônia. É uma imagem diretamente ligada ao *glamour* e *status*, visto que, a maioria das noivas procura alugar os veículos mais luxuosos para conduzirem-na à igreja. A imagem dos pais e dos padrinhos presentes na igreja aparece na maioria dos álbuns, esta mostra aqueles que acompanharam o relacionamento e foram convidados a testemunhar a união. São os parentes e os amigos que têm mais afinidade e proximidade com os noivos. Os *close-ups* dos noivos são produzidos com lentes teleobjetivas, que dão ênfase ao plano focado, o que facilita captar a expressão da emoção dos noivos no momento da cerimônia, isso pode ser notado, principalmente, na tensão que fica expressada no olhar de cada um deles. Após o religioso e antes da festa geralmente os noivos fazem fotos dentro do carro e, quando não existe um jardim no local da recepção, eles aproveitam o intervalo, para

uma sessão de fotos em alguma praça. Isso também, mesmo fazendo parte do ritual da fotografia, já foi incorporado ao ritual do casamento. Não se imagina um casamento sem a sessão de fotos num jardim.

Esses momentos fotografados julgados importantes pela sociedade (e, principalmente, em conformidade com o olhar do fotógrafo), aparecem como sobressaltos (picos) que ajudam a compor a teia do casamento religioso. Com isso, essas fotografias apresentam os momentos eleitos necessários à aceitação social do casamento. São pontos fortes que marcam o casamento e reforçam a legitimidade da união. Os preparativos, que são o pano de fundo de todo o ritual, acabam não sendo percebidos pelo olhar do fotógrafo profissional. Isso se dá pela não convivência no círculo diário e rotineiro do casal. O que não acontece com as lentes amadoras e (des)compromissadas das máquinas compactas e/ou digitais dos familiares e amigos que registram detalhes muito mais relevantes aos noivos. O convívio diário ajuda a conhecer os gostos e os costumes das pessoas, isso possibilita “deduzir” o que é importante deixar registrado, para ser lembrado *a posteriori*. Mas há uma trama, unindo todos esses elementos, que não consegue ser registrada. Aqueles detalhes que parecem irrelevantes e que são os fios condutores desse enredo. E onde está o “fio condutor” que consegue ligar todos esses elementos, relevantes ou não? Nesse ponto entra, a meu ver, a funcionalidade da fotografia, expressa no álbum de casamento. Ela vai captar apenas os pontos que saltam às suas lentes, ciente de que isso é o bastante para fisgar o observador e puxá-lo para dentro dela. Como uma forma que pensa e faz pensar, as imagens oferecem somente isso e o restante tem que ser perseguido. E cada um que abrir o álbum e olhar as imagens, vai encontrar o seu próprio “fio condutor”.

Esta estrutura do álbum que é apresentada, pode perfeitamente se apossar da estrutura do ritual. Pois nele se apresenta uma “espinha dorsal” do ritual. Como o olhar dos fotógrafos segue uma “padronização” na produção das imagens, grande parte deles preferem não registrar os detalhes que sejam irrelevantes ou que não estejam de

acordo com o padrão proposto segundo a ótica desse tipo de registro. Muitos desses (a daminha sentada no chão, o buquê em cima do altar, a etiqueta na sola do sapato do noivo, entre outros), corriqueiros, são logo descartados, para não desagradar o “cliente”. Há, no entanto, também, uma forte tendência para o chamado registro jornalístico, nos eventos de casamento, porém, mesmo dando ênfase a esses pequenos detalhes, os pontos principais, destacados acima, são, da mesma forma, registrados. A única diferença fica no olhar descondicionado do fotógrafo, que muitas vezes se preocupa com uma fotografia mais “natural” e menos “posada”. E durante a escolha das fotos, alguns noivos podem incluir algumas dessas imagens inusitadas em seus álbuns.

II. 2. 3 – A festa e sua celebridade: estrutura e significações

Depois de realizada a cerimônia religiosa, há um momento para comemorar a união. A festa, nesse sentido, vai se apresentar como o ritual de “agregação” dos nubentes à nova situação social. Como através do casamento acontece uma “perturbação social”,²⁸ ela serve também para recepcionar o parentes e amigos que se deslocam para participar da cerimônia. Este ato de comer e beber juntos reforça a união numa comunidade de iguais. Além disso, outros elementos vão ajudar a estruturar este momento como um ritual. Assim como no civil e no religioso, é importante destacar quais são os pontos principais que decorrem de toda essa ritualidade. Isso possibilita a inferência sobre possíveis significações de tais ritos e, ainda, mostrar quais deles estão mais presentes nos álbuns. Esta cerimônia, por ser mais descontraída, permite um registro mais livre, com interferências dos fotógrafos. Porém, esta *mise-en-scène*

²⁸ VAN GENNEP, *Op. cit.*, p. 121.

se faz necessária para que facilite a “padronização” no registro fotográfico.

O ritual começa com a entrada dos noivos no local da festa. Hoje, geralmente, nos grandes centros urbanos, elas acontecem em salões. No entanto, em cidades menores, elas continuam acontecendo na residência dos pais da noiva. A partir dessa entrada, o centro das atenções passa a ser o “bolo”. Ali, na mesa, preparada e decorada para receber o bolo, vão acontecer a “encenação do champanha” e o respectivo “corte do bolo”. É também nesse local que acontecem as fotografias com os pais, padrinhos e com os familiares. Outros ritos acontecem em locais não tão específicos. O corte da gravata, como é em forma de cortejo, ocorre por todo o salão, assim como, a entrega das lembranças é da mesma forma. Temos, ainda, a dança da valsa e o buquê que é jogado pela noiva. A fotografia dos presentes, hoje, quase não acontece, porém é um momento bastante significativo. A festa permite que todos esses momentos sejam construídos para serem fotografados. Não há um compromisso com a realidade, apenas com a legitimidade. Podemos também procurar apontar para algumas significações, pois se esses elementos continuam existindo e aparecendo nos álbuns é porque a carga de valores, intrínsecas a eles, não se desgastou.

Primeiro serão abordados os pontos que aparecem no álbum e fazem parte da cerimônia, depois os que fazem parte da cerimônia e raramente aparecem nos álbuns e, por último, aqueles que fazem parte do ritual da fotografia, aparecem nos álbuns e, conseqüentemente, estão incorporados aos rituais da festa. No momento das fotografias ao redor do bolo, são tiradas várias fotografias. Pais, padrinhos, parentes e amigos fazem parte dessas poses. Em princípio são fotografados os pais e os padrinhos, os parentes e os amigos, na maioria das vezes, são fotografados no final da festa. As fotos dos pais e padrinhos geralmente compõem o álbum, já as dos parentes e amigos não necessariamente têm o mesmo destino. Essa fotografia, ao redor do bolo, não somente registra a presença das testemunhas que fizeram parte da cerimônia, como também “reforça o laço de amizade” entre eles e os noivos. Como coloca Van

Genep, “(servir de padrinho)... [é] uma união que só pode ser rompida por um rito de separação especial”.²⁹

O champanha é um elemento forte no contexto desta etapa do ritual. Ele é usado em outras comemorações, principalmente quando relacionadas à vitória ou à conquista, e o casamento é a concretização de um período de conhecimento e amadurecimento, que caracteriza a passagem vitoriosa por uma fase da vida. O champanha vem celebrar essa vitória, esse passo importante conquistado pelos noivos. Mais ainda, numa tentativa particular de inferir algumas significações, o estouro do champanha e o cruzar dos braços com as taças são gestos que podem trazer, intrínsecos, um “desejo sexual”. O estouro como símbolo da “ejaculação” e cruzar dos braços da “união dos corpos”. É o momento do “pacto sexual” que se “sela” com o “beijo”. Enquanto toda a encenação acontece, desde o estouro até o beijo, as fotos vão sendo tiradas, dando uma longa seqüência com várias fotos. A partir delas, os noivos escolhem as que mais lhes agradam, ficando, na maioria das vezes, a do “estouro”, a do “cruzamento” e a do “beijo” para comporem o álbum.

O “corte do bolo” é o momento mais forte. A importância é tamanha que alguns convidados somente deixam a festa após ele ser distribuído. Há toda uma reunião familiar e amigável em torno dele, todos querem ver e comer um pedaço do bolo. Se olhar por esse lado, o bolo pode mesmo representar essa (re)união de todos os familiares, principalmente os mais distantes, como um símbolo de “agregação”. Já, a sua “partilha” representa o rito de “separação”, por isso, a necessidade de esperar para comer um pedaço dele. No entanto, numa nova tentativa de buscar significações, uma outra simbologia pode também se apossar desse elemento, essa propícia aos noivos, como o champanha, se reveste do “desejo sexual”. O bolo de cobertura branca, como a pureza virginal do branco que veste a noiva, é cortado para representar a

²⁹ *Idem.* p. 44. [Grifo é meu]

relação sexual. Isso, numa tentativa moderna de representar ritos antigos, como Vainfas cita à *desponsatio*, rito nupcial do período feudal:

*Tratava-se de uma grande festa na casa da família do “noivo”, cujo clímax ocorria no quarto nupcial: ao redor do leito se reuniam numerosas testemunhas, e o pai do rapaz celebrava a união. Todos ficavam a olhar o casal despido para constatar a intenção da união carnal, e da procriação.*³⁰

Olhar os noivos cortando o bolo é testemunhar a intenção da união carnal e social do casal.

O gesto da noiva em jogar o buquê é um momento bastante esperado pelas mulheres solteiras, pois, vinculado a este gesto, existe a crença de que “quem pegar o buquê será a próxima a se casar”. Como o ritual do casamento é marcado também pelo rito de separação, este é um momento da noiva entregar algo que é seu para as convidadas. Nesse caso, através de uma brincadeira, como se estive passando o bastão para a próxima a se casar.

A exposição dos presentes é bastante comum, mas ultimamente não tem tido a mesma frequência. Hoje, a maioria dos casais prefere fazer suas festas em salões, deste modo, os presentes são entregues antes do casamento, na casa da noiva ou do noivo. Este gesto de mostrar os presentes pode ser associado com a entrega das lembranças e o corte da gravata, pois fazem parte de uma dinâmica que procura reforçar os laços de amizade entre os pares. Em todos os casamentos na entrega das “lembranças” a noiva providencia antecipadamente algum objeto, *souvenirs* ou bibelôs, que será entregue às convidadas. É uma simples “lembrança” para marcar aquele momento, uma maneira de retribuir os presentes recebidos. Somente as mulheres recebem-nas, o que caracteriza um momento exclusivo das mulheres. Diferentemente,

³⁰ VAINFAS, *Op. cit.*, p. 27.

o corte da gravata, exclusivo aos homens, é um momento em que alguns amigos do noivo saem vendendo a gravata. É uma contribuição voluntária, em que cada um colabora com o que pode. Esse dinheiro auxilia nas dívidas contraídas em função do casamento. Os convidados sabem da importância deste dinheiro, por isso contribuem. Essa participação recíproca nos três momentos, pode ser entendida a partir do que Van Gennep coloca: “estas idas e vindas de objetos entre pessoas dão origem a um grupo delimitado e criam a continuidade do vínculo social entre as pessoas, com a mesma significação que a ‘comunhão’”.³¹ A necessidade de pertencer a uma sociedade de iguais faz com que esses momentos continuem presentes no ritual do casamento.

Outras situações que também participam do álbum e, como já foi dito, passaram a fazer parte do ritual do casamento, mesmo sendo apenas da alçada da fotografia, são as poses dos noivos num jardim. Há uma variedade de lugares onde estas fotos podem ser tiradas, isso varia muito de um para outro fotógrafo. Muitas vezes os próprios noivos indicam ou sugerem os locais para serem feitas essas fotos, assim como, as poses que mais gostam. Além de serem imagens que se destacam no álbum, em sua maioria, são também as mais escolhidas para ficarem expostas através de pôsteres e/ou quadros. Nessas fotografias é reproduzida a maneira como os noivos querem ser vistos pela sociedade. Uma espécie de eternização do *status* que se conseguiu naquele momento, por conta da “pompa” que envolve o casamento. Muitas dessas poses estão reproduzidas na maioria dos álbuns. Uma repetição de modelos existentes e que qualificam os noivos como integrantes de uma sociedade de iguais.

São, ainda, produzidos alguns flagrantes dos noivos, geralmente algumas fotos tiradas de momentos de descontração do casal. Dançando, namorando ou apreciando a comida e a bebida, é a entrega dos noivos a curtição de sua festa, isso rende boas

³¹ VAN GENNEP, *Op. cit.*, p. 44.

imagens para alguns fotógrafos. Além desses, detalhes de alguns elementos que fazem parte do casamento são também fotografados. As taças com *champagne*, as alianças, as mãos dos noivos com as alianças, o buquê, os sapatos da noiva, o véu, a gravata e vários outros que despertam a criatividade de alguns fotógrafos e rendem belas imagens. Uma forma de destacar alguns símbolos que traduzem o *glamour* do casamento. Porém, esse tipo de fotografia é produzido pelos fotógrafos que conseguem se descondicionar do “olhar padronizado” da fotografia de casamento.

Essa estrutura do ritual do casamento apresentada nos álbuns de fotografias aparece como uma “espinha dorsal” do ritual. Em todos os três momentos, como comentado, existe toda uma trama, uma linha que costura cada detalhe e dá vida para aquele momento. Isso a fotografia não consegue captar, mas é através dela que o “estopim” é aceso. Mesmo que algum momento não seja fotografado, ele estará automaticamente “indiciado”, nas demais fotografias. No entanto, o álbum se vale do direito de “(re)compor”, a sua maneira, o que foi vivido naquele momento, para, a meu ver, exercer tanto fascínio.

Segundo Movimento

I – Mergulhos rasos

Uma radiografia de três álbuns

Um preâmbulo

Fazer a descrição dos três álbuns foi uma etapa tão importante e necessária à pesquisa, assim como todas as outras fases. Desde entender o “objeto álbum” e a sua estrutura – primeiro movimento –, passando pelo convívio com os protagonistas, para tentar entender o olhar que têm sobre o seu álbum, e, por fim, o debruçar-se sobre todo o material recolhido para, num ato cognitivo, procurar esboçar “uma”, entre “várias” possíveis, análise coerente – segundo movimento. Pôde-se, através desse olhar sobre os álbuns, entender o objeto na sua materialidade. Os detalhes não perceptíveis, numa leitura afetiva, ficam mais evidentes quando se resolve “mergulhar”, mesmo que este mergulho seja de pouca profundidade, no “tempo” e no “espaço” desse objeto. Não que esse contato “lógico e racional” com o objeto, não fosse envolvido com o véu da afetividade, apenas que a sentimentalidade gerada não servisse de “entrave” na busca de algumas respostas. Através de cada minúcia que saltava aos olhos, foram se desencadeando apontamentos (e questionamentos), que se tornaram essenciais para entender que há uma relação dinâmica entre os partícipes e o álbum. Nesse sentido, esses “nós” que foram surgindo, e, na mesma proporção, foram sendo “desatados”, serviram como os grandes motivadores e, acredito, “balizadores”, que propiciaram o bom andamento do trabalho.

Os nossos três álbuns (“nossos”, porque temos um pouco de cada um deles, assim como, eles também já carregam um pouco de nós) foram nos conduzindo por caminhos que, muitas vezes, não sabíamos onde iríamos chegar. Como todo objeto de pesquisa, estes, igualmente, demonstram resistência, e ainda o fazem, pois não nos ofereceram tudo (e continuam não oferecendo). Tivemos sempre que ir buscar um pouco mais, e à cada (re)visitação, algo de novo se apresentava. Principalmente por

serem produzidos em épocas diferentes, cada um oferece particularidades, que os tornam únicos, assim como, semelhanças que os padronizam. Isso fica bem evidente nessa “radiografia” que procuramos desenvolver. Foi constante, também, a preocupação em não classificá-los sob uma escala de valores. Procuramos, apenas, abordá-los com um olhar clínico, sem, no entanto, nos esquecer da importância que cada um tem àqueles que os detêm. Um futuro “mergulho” nos permitirá entender melhor o que isto venha significar.

I. 1. – Primeiro mergulho: o álbum de 1969

O primeiro álbum pertence ao casal Moacir e Maria Marta, casados há trinta e cinco anos. O casamento aconteceu no dia 22 de fevereiro de 1969, na Capela Nossa Senhora do Loreto. Essa capela faz parte da Capelania Militar da Aeronáutica e situa-se no CTA – Centro Técnico Aeroespacial, em São José dos Campos, São Paulo.

O casamento foi fotografado por um fotógrafo que era amigo da família e freqüentava os mesmos círculos de amizades. Na época, era um dos fotógrafos mais recomendados pela elite joseense. Seus descendentes ainda trabalham com fotografia e têm loja de materiais fotográficos na área central da cidade.

I. 1. 1 – Descrição do material

Mesmo após trinta e cinco anos, o álbum do casal apresenta-se em bom estado de conservação, o que mostra o cuidado que eles têm com as suas imagens. O material é encadernado no sentido horizontal, em espiral (como um caderno), sendo uma fotografia colada à outra, ficando expostas uma à frente e outra ao verso (lado de

trás). A capa é composta apenas por um plástico acrílico, transparente, que protege a primeira fotografia, deixando-a visível. Esta imagem foi produzida em estúdio e é composta de um fundo infinito preto, com duas “taças” e uma “rosa” dispostas no canto inferior direito, ficando o espaço restante todo em preto. Da mesma forma, a contracapa também é composta por um plástico acrílico transparente que protege a última foto, deixando-a visível. Nesta última imagem aparece apenas a “grinalda” posta sobre um pano preto. Esta idéia de trabalhar com os símbolos do casamento, para ajudar a decorar o álbum, foi da D. Maria Marta. Ela conta que teve participação ativa em todo o processo, desde da escolha do fotógrafo, até as sugestões para a capa e o tipo de encadernação.

Todas as trinta e nove fotografias, e isto inclui as fotos da capa e contracapa, que compõem o álbum são em preto e branco. O tamanho das ampliações é o mais comum quando se trata de fotografias P&B, que é o 18x24 centímetros. Essas imagens apresentam, de uma maneira bem definida, as três partes que compõem o ritual do casamento. Vamos, deste modo, encontrar o civil, o religioso e a festa, sempre intercalados por alguns “interlúdios”. Encontramos, ainda, anexado à última página do álbum, o convite distribuído pelo casal aos convidados.

I. 1. 2 – Ordenação e apresentação das fotografias

A montagem das fotografias, do mesmo modo que a maioria dos álbuns, obedece a uma ordem cronológica gradual, idêntica ao acontecimento dos fatos. Porém, algumas mudanças podem ser notadas, o que, de maneira nenhuma compromete o “poder de representação” que o objeto assume. Essas inversões (a noiva preparada para o religioso vem antes do civil, entre a entrada da noiva e o noivo recebendo-a, está a entrada das damas, a fotografia dos presentes aparece antes da noiva jogando o buquê),

que se escoram numa “licença poética”, permitida à narrativa visual, podem, mesmo, melhorar a receptividade por parte dos leitores.

Verifica-se que as fotografias do álbum de Dona Maria Marta e Sr. Moacir polarizam somente os três principais momentos (o civil, o religioso e a festa), não sendo encontradas, portanto, fotografias dos preparativos do casamento. Hoje, principalmente, fotografar a noiva se arrumando, no salão de beleza, é uma prática muito comum. No álbum em pauta, as fotografias se seguem nesta ordem: 11 fotografias destacam a parte civil do casamento, 13 vão lembrar a cerimônia religiosa e 13 serão testemunhas da festa que reuniu parentes e amigos em torno dos esposos. Destas, podem-se destacar os interlúdios que são inseridos nos intervalos dos três momentos.

As imagens do civil dão destaque às assinaturas e a entrega da certidão. Temos, também, algumas poses tanto dos noivos a sós, como, também, com as madrinhas. É interessante notar, que mesmo sendo o civil uma cerimônia formal, todos os presentes aparecem sorridentes.

Nas imagens feitas durante a cerimônia religiosa, é exibida toda a estrutura descrita por nós, no capítulo anterior. No entanto, alguns “pontos” importantes não aparecem, porém em algumas fotografias percebe-se que há indícios de que aquilo ocorreu. Isso pode ser notado no momento das alianças e na hora do beijo dentro da igreja. E, aí, percebemos o “fora-de-campo consistente” da fotografia, de que nos fala Jacques Aumont.¹

Da festa vão aparecer justamente aqueles “pontos padronizados”, necessários à aceitação social do casamento. Destacam-se, ainda, os interlúdios que dão um toque de charme a essa “narrativa visual”.

¹ AUMONT, Jacques. *A imagem*. ABREU, Estela dos Santos & SANTORO, Cláudio C. (Trad.). Campinas- SP: Papirus, 1993. (Coleção Ofício de Artes e Forma)

Álbum de 1969

Civil



(capa)



(01)



(02)



(03)



(04)



(05)



(06)



(07)



(08)



(09)



(10)



(11)



(12)

Religioso



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)

Festa



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



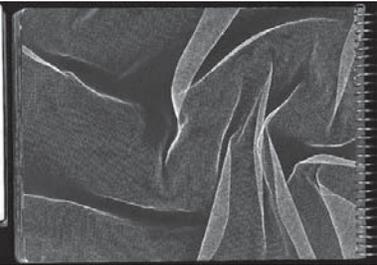
(36)



(37)



(Convite)



(Contracapa)

I. 1. 3 – Alguns “nós” para serem desatados

Partindo dessa descrição e observando as fotografias, pode-se levantar alguns questionamentos que são interessantes na análise do contexto social em que se inserem essas imagens. No momento da criação de uma nova família, alguns valores sociais – a importância de estar inserido em uma família, a religiosidade presente nesse “ponto de partida”, os papéis do homem e da mulher – ficam registrados, o que vai servir como reforço, de um “modelo social”, para a sociedade.

Percebe-se, em todo álbum, uma evidência maior das mulheres, que se destacam nas assinaturas do civil e nas poses com os noivos (fotos 04, 05, 06, 07, 11 e 12). Na festa, novamente se comprova esta ênfase maior dada às mulheres (foto 28). Ao redor do bolo (fotos 30, 31 e 32), principalmente no momento do corte (foto 29), são as mulheres que aparecem em maior número. Durante todo o ritual, nota-se um ambiente de muita descontração pela expressão sorridente dos participantes (fotos 02, 03, 04, 05, 06, 07 e 08). Outro detalhe, são alguns objetos (vaso, cortina, tapete, mesa), presentes nas poses após o civil (fotos 09, 10, 11 e 12), que indicam que as imagens foram produzidas na própria casa dos noivos. Diferentemente, da maioria dos casais que prefere fazê-las em um jardim ou uma praça.

É interessante destacar que alguns momentos importantes nas cerimônias do casamento católico, como a troca das alianças e a comunhão, não aparecem neste álbum. Assim como, em momento algum, aparece foto de beijo, nem mesmo na festa, onde o ambiente é mais descontraído, ele é registrado. Há apenas uma imagem, antes da saída dos noivos da igreja (foto 23), que deixa “vestígios” de que possa ter ocorrido.

Durante a festa, assim como no civil, percebe-se que grande parte das imagens são posadas, apenas a foto 37 foi tirada no momento em que a cena acontecia. Talvez, nessas imagens se encontrem o que Barthes chama “sensação de inautenticidade”, a “microexperiência da morte (do parêntese)”, pois são nessas poses que:

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir a sua arte.²

A inversão cronológica pode ser percebida quando aparece a fotografia feita junto aos presentes (foto 36), tirada na casa, antes da fotografia da noiva jogando o buquê (foto 37), tirada no salão. No religioso ela também acontece, só que pelo fato da cerimônia ter uma seqüência mais bem definida, isso fica mais evidente (isso pode ser percebido nas fotos 13, 14, 15 e 16. Essa mudança da posição de uma imagem em relação à outra, na narrativa visual, não interfere no contexto que deseja transmitir. Visto que, a seqüência gradual – primeiro o civil, depois o religioso e, por último, a festa – é respeitada.

Esses são alguns tópicos sugeridos, que podem se desdobrar em outros de cunho antropológicos, sociológicos, estéticos e semiológicos.

I. 2 – Segundo mergulho: o álbum de 1976

Este álbum pertence ao casal Lurdes e Moacir, casados há vinte e oito anos. O casamento aconteceu no dia 17 de julho de 1976, na Igreja São Dimas, em São José dos Campos, São Paulo. O profissional quem fotografou o casamento é desconhecido, pois mesmo havendo uma preocupação com o álbum de fotografia, já que o casal verificou os preços e o material em algumas lojas, ele foi contratado somente momentos antes do casamento civil. Essa é uma prática que atualmente ainda acontece, vários fotógrafos ficam a disposição, em frente ao cartório, com a intuito de serem contratados para fotografar os casamentos que não tiver fotógrafo profissional. Muitos casais

²BARTHES, *Op. cit.*, p. 27.

acabam por escolher, ali, naquele momento, o fotógrafo para fazer as fotos do civil e, conseqüentemente, acertam também para fotografar o religioso e a festa.

I. 2. 1 – A descrição do material

O álbum do casal encontra-se em um estado precário de conservação. Sua capa é em plástico duro, com um espaço que emoldurava uma fotografia do casamento que abria o álbum. Este continha a fotografia em que os noivos entravam no carro, após o casamento religioso. A capa foi tirada do álbum e, conseqüentemente, a fotografia colocada em um quadro que, atualmente, fica exposta na estante da sala. Deste modo, como o álbum ficou sem a sua capa, a primeira foto do civil é que passou a cumprir esta função. Já, a contracapa, por sua vez, é feita também em couro sintético, de cor creme, e apresenta-se com uma rasgadura. A encadernação é feita através de plástico transparente que atua como passe-partout. Como é apenas ele (o plástico), sem nenhum outro material para fixar as fotografias, não há possibilidade de conter detalhes decorativos a sua volta.

Todas as trinta e quatro imagens são produzidas em preto e branco, somadas às duas fotografias coloridas tiradas em um “batizado”, que se encontram no final do álbum. Todas elas têm o tamanho 18x24 centímetros. As fotografias são distribuídas de maneira que apresentam na seqüência as cerimônias do civil, do religioso e da festa, bem como os “interlúdios” que as intercalam.

I. 2. 2 – Ordenação e apresentação das fotografias

Como o álbum de 1969, este de 1976 também apresenta algumas alterações na ordem cronológica, interna, de cada um dos momentos da tríade. Ele, igualmente,

se centra nas três partes, não contendo imagens dos preparativos do casamento. As fotografias que compõem o álbum são distribuídas entre os três momentos e os interlúdios. Desse modo, 08 delas foram tiradas durante a cerimônia civil, 17 enquanto se realizava a cerimônia religiosa e 09 no local onde aconteceu a festa. Já os interlúdios vão aparecer em dois momentos após o civil e dois após o religioso.

Do civil, vão estar registradas as imagens das assinaturas e, ainda, as poses realizadas após a cerimônia. As fotografias do religioso mostram o que é importante – entrada, juramento, alianças, bênção, saída – para autenticar o casamento “católico” aceito pela sociedade. Igualmente, vamos perceber que as imagens da festa também vão conter uma descrição dos pontos que se sobressaem à cerimônia. Um conjunto de imagens, formado pelos três momentos, que define uma “espinha dorsal” e, que, neste álbum, fica mais evidente, pois as imagens exemplificam, de forma mais contundente, a estrutura do ritual do casamento, a partir do registro fotográfico.

Podemos verificar, nas próximas páginas, olhando às fotografias, como se deu a eleição e o registro desses momentos.

Álbum de 1976

Civil



(capa)



(01)

(02)

(03)



(04)

(05)

(06)



(07)



(08)

Religioso



(09)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)

Festa



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



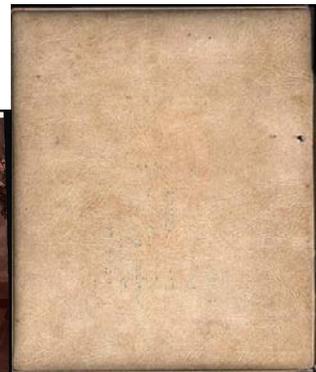
(34)



(35)



(36)



(contracapa)

I. 2. 3 – Outros “nós” para serem desatados

Como podemos perceber, o álbum de D. Lurdes e Sr. Moacir também oferece alguns pontos importantes para uma análise. No casamento civil todos os presentes apresentam-se apreensivos, sendo que, os noivos só aparecem sorrindo quando posam para a fotografia (foto 07), após a cerimônia. Mesmo assim, D. Lurdes ainda expressa apreensividade, o que reflete a preocupação que tinha, por conta do casamento. Ela mesma coloca que, por morar sozinha, não tinha ninguém para ajudá-la. Nota-se, também, que há uma diferenciação no estilo de roupas dos padrinhos e dos noivos. Os padrinhos da D. Lurdes, por serem mais jovens, se vestem como os noivos, mais descontraídos, já os padrinhos do Sr. Moacir, mais velhos, vestem roupas mais formais (foto 08). O que retoma a possibilidade de discutir os “papéis sociais” de cada um deles, mesmo num ambiente entre iguais.

Na cerimônia religiosa, percebe-se que a D. Lurdes não entra acompanhada pelo pai (foto 09), mas, sim, um irmão é quem a acompanha. Seu pai estava presente na igreja, porém, como no casamento da outra filha, não pôde entrar com ela, por motivo de doença, então, achou justo não conduzi-la também até ao altar. No entanto, ele aparece, juntamente com a esposa e os noivos, numa fotografia (foto 30) tirada na festa. Outra questão interessante, é o buquê que a noiva e a daminha carregam. Elas levam apenas uma rosa, diferentemente dos buquês *glamourosos* das noivas atuais. Tanto a D. Lurdes, no casamento de 1976, como a D. Maria Marta, no casamento de 1969, carregavam uma rosa. Essa tinha uma forte “conotação sexual”. Quando o “botão” estava fechado significava que a noiva era virgem, ao contrário, quando aberto era porque a noiva já havia mantido “relação sexual”. Nesta mesma linha, podemos também pensar nos três beijos que acontecem. Dois, dentro da igreja (foto 10 e 22), são dados na testa da D. Lurdes, já o beijo dentro do carro (foto 25) é dado na boca. A fotografia deste último, por sinal, ficou escondida, durante muito tempo, até que o

pai do Sr. Moacir falecesse. Em respeito a ele, que achava que o beijo na boca era um símbolo do “comunismo”, D. Lurdes e Sr. Moacir preferiram deixá-la guardada³. Esse pode ser o mesmo motivo dos beijos, que acontecem dentro da igreja, serem dados na testa, já que os pais do Sr. Moacir estavam presentes na cerimônia e, ainda, por cima, serem os padrinhos da D. Lurdes.

Nota-se, também, que a festa acontece na residência da tia do Sr. Moacir, que por sinal, foi uma das madrinhas da D. Lurdes e uma das pessoas que mais ajudaram nos assuntos relacionados com o casamento. Numa das fotografias da festa (foto 26), ela aparece abraçada à D. Lurdes. Temos também as fotos do batizado que aparecem no final do álbum (fotos 35 e 36). Estas imagens foram produzidas num batizado, em que o Sr. Moacir e a D. Lurdes foram padrinhos. Num primeiro momento, parece-nos que é o batismo de um dos filhos do casal, no entanto, é apenas um afilhado. Mas isso mostra que o álbum é aberto para (re)composições. Uma vez se “acrescenta” algo importante, outras se “subtrai” o indesejado. Um objeto, portanto, “vivo” e “dinâmico”.

I. 3 – Terceiro mergulho: o álbum de 1987

Este terceiro álbum pertence ao casal José Henrique e Vera. O casamento religioso aconteceu no dia 10 de Janeiro de 1987, na Igreja do Coração de Jesus, em São José dos Campos, São Paulo. O casamento civil foi realizado em junho do mesmo ano. O fotógrafo foi o próprio irmão do noivo, que na época trabalhava com fotografia. Este fotografou apenas o religioso e a festa, pois aconteceram no mesmo dia. Já o civil foi fotografado por um profissional de uma loja que funciona até hoje.

³ Este fato foi confidenciado pelo próprios noivos, durante a entrevista.

I. 3. 1 – A descrição do material

Pelo fato do casamento civil ter acontecido algum tempo depois do religioso, o casal acabou tendo dois álbuns, um contendo as fotos do religioso e da festa e o outro contendo as fotos do civil.

O álbum do religioso e da festa é mais luxuoso e apresenta-se em um bom estado de conservação. Tanto a capa como a contracapa foi confeccionada em couro sintético marrom, com o nome do casal e a data do casamento estão gravados na cor dourada. A encadernação é feita em formato de livro, com uma fotografia colada à outra, igual ao modelo do álbum da D. Maria Marta e do Sr. Moacir. Na primeira folha aparece colado o convite do casamento e, no verso, aparece, gravado, o nome do fotógrafo, com o seu telefone. Além da gravação dos nomes, não há outros detalhes decorativos.

Todas as cinquenta e uma fotografias são coloridas, no tamanho 20x25 centímetros, dessas, quatro foram arrancadas do álbum e desapareceram. As outras se distribuem de maneira que registram o religioso e a festa, que são intercaladas por alguns interlúdios. O álbum do civil é mais simples, sendo que suas fotografias são no tamanho 13x18 cm, acondicionadas em passe-partout de plástico transparente. A capa, por sua vez, juntamente com a contracapa, é feita em plástico branco. No caso, exclusivo, deste casamento, foi necessário dois álbuns para registrar as três partes do ritual.

I. 3. 2 - Ordenação das fotografias e apresentação das imagens

Como nos outros álbuns, a ordem cronológica dos acontecimentos não é plenamente respeitada. Da mesma maneira, não encontramos, também, fotos dos

preparativos do casamento. A cerimônia religiosa detém 33 fotos das 51 que compõem o álbum e a festa 18 delas. Os interlúdios, que se somam três, somente aparecem após a festa.

Como o álbum, desse terceiro casamento, contém mais fotografias, a “estrutura” da cerimônia religiosa consegue ser descrita com uma quantidade maior de imagens. Isso possibilita ângulos e enquadramentos diversos, no entanto, ele acaba ficando, um tanto, repetitivo. Num dos comentários do José Henrique, ele dizia que se fosse para fazer essa escolha novamente, diversas fotos seriam cortadas, por serem repetidas.

As fotos da festa vão, igualmente, apresentar uma “padronização” nas imagens produzidas. De modo que, o bolo, o champanha e os outros ritos podem ser vistos, assim como, também, os interlúdios. Igualmente, o álbum do civil, mesmo sendo produzido depois, registra as assinaturas e, ainda, as poses “tradicionais” do final da cerimônia, que aparecem como interlúdios, mostrando que independente de terem sido produzidos em momentos diferentes, o “padrão” vai existir. Isso pode ser verificado nas páginas seguintes.

Religioso



(Convite)

(publicidade)

(01)



(02)

(03)

(04)



(05)

(06)

(07)



(08)

(09)

(10)

Religioso



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)

Religioso



(23)



(24)

(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)

Festa



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



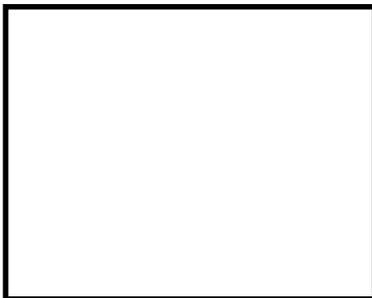
(40)



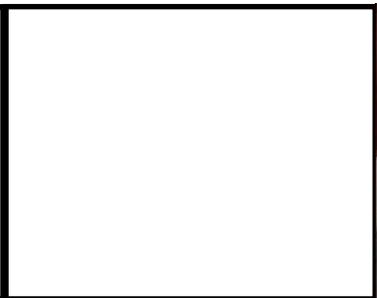
(41)



(42)



(43)



(44)



(45)

Festa



(46)

(47)

(48)



(49)

(50)

(51)

Civil



(01)



(02)



(03)



(04)



(05)

(06)



(07)



(08)



(09)



(10)



(11)



(12)



(13)

I. 3. 3 – Novos “nós” para serem desatados

O fato do álbum do casamento civil estar separado do álbum do religioso permite questionar sobre o motivo que levou os noivos a terem os dois álbuns. Isso implica um problema de ordem jurídica, pois a falta de documentação do noivo fez com que as cerimônias fossem realizadas em datas bem distantes. Um outro entrave foi a necessidade de uma permissão especial do Bispo Diocesano (Dom Eusébio Oscar Scheid, atualmente Cardeal do Rio de Janeiro), para que a cerimônia religiosa acontecesse, sem que o casamento civil fosse realizado. Ainda, olhando para as fotos do civil (fotos 03, 07 e 08), nota-se que um dos padrinhos presta muito atenção no fotógrafo. Este foi, como disse o próprio José Henrique, “caçado a laço” minutos antes da cerimônia começar. Como um dos padrinhos havia faltado, esse padrinho, que é conhecido da família e passava próximo ao cartório, foi convidado a servir de testemunha para o casal. Outro detalhe é o estilo de roupa dos padrinhos e dos noivos que não se diferenciam, ao contrário dos participantes do casamento civil que aparecem no álbum de 1976. Pela fotografia (foto 09), nota-se que todos têm a mesma faixa de idade.

Nota-se que, o pai da noiva (foto 03 e 04) apresenta-se de camisa, sem o tradicional paletó. Como ele não concordava como o casamento, não se preocupou em alugar roupas. Na última hora ele decidiu levar a filha até o “altar”, como a Vera colocou: “Aí, já não dava mais tempo”. Percebe-se que não há fotografia do noivo recebendo a noiva e, também, dos dois dentro do carro. Como eles escolheram, praticamente todas as fotos, a ausência desses dois momentos, se deve a algum problema com o fotógrafo que possivelmente não as fez ou até mesmo não quis mostrá-las. Com relação às fotos (29, 30, 43, 44 da igreja e 06 do civil) que foram arrancadas do álbum, o casal só notou a falta durante a entrevista. Enquanto conversávamos, eles folheavam o álbum, comentando sobre as fotografias. Quando foi perguntado qual a

fotografia que eles mais gostavam, o José Henrique procurou uma em que toda a sua família estava reunida. Então, ele percebeu que as duas fotos, uma da igreja e outra da festa, em que o seu pai aparecia, tinham sumido. Como as fotos são coladas de duas em duas, para serem encadernadas, ao serem arrancadas outras duas também tiveram o mesmo destino. Essas, eles nem conseguiram explicar quais eram, assim como a foto do civil, também não.

Na festa, percebe-se que nem todos os padrinhos aparecem nas fotografias. Essa ausência talvez possa ser explicada pelas fotografias que foram arrancadas e, que, provavelmente, registrassem as suas presenças. Como a festa aconteceu em um salão, as últimas fotografias do álbum, tanto no quarto (fotos 46, 47, 48 e 49), como no jardim (fotos 50 e 51) aconteceram na residência dos pais da noiva, pois era onde se encontravam os presentes recebidos. Novamente pode-se observar que a ordem cronológica foi alterada, isso fica claro nas fotos 08, 09, 10, 16, 17, 18, 19, 34, 35 e 36, o que mostra que a importância é dada ao registro. Já, a ordem dos acontecimentos, vai ter duas realidades, uma histórica, que ficou “no tempo”, e outra mítica, que vive “na memória”. No caso da narrativa visual, presente no álbum de casamento, essa está mais próxima da segunda, pois é aberta à “(re)visitação”.

I. 4 – Algumas considerações sobre os três álbuns

Se olharmos os três álbuns, notamos que algumas “particularidades” se evidenciam, assim como, em determinados detalhes, uma “padronização” também é percebida. Do ponto de vista material, cada um tem as suas particularidades. As capas, as encadernações, o passe-partout, a quantidade de fotos são todos elementos que podem ser facilmente notados. Mesmo sendo produzidos em épocas diferentes, eles apresentam essas características, muito mais ligadas ao gosto, social e culturalmente

padronizados, de cada casal. Como já foi colocado, cada escolha material vai depender de um número limitado de possibilidades existentes no mercado. Isso, de certa forma, padroniza os gostos e universaliza os modelos.

De certa forma, vamos perceber que algumas coisas vão chamar mais atenção do que outras. No álbum de 1969, num primeiro momento, a encadernação e, principalmente, a capa tornam-se um convite para um olhar. O modo como as fotografias foram encadernadas mostra a criatividade do fotógrafo. A disposição dos elementos significativos do casamento, as taças e a rosa, para compor a capa, assim como, a grinalda, que perfaz a contracapa é um outro ponto que parece criativo. No entanto, essa criatividade nas fotografias teve participação ativa da D. Maria Marta que foi sugerindo algumas possibilidades para que o fotógrafo pudesse fazer algo diferente.

Já, no álbum de 1976 não encontramos esses detalhes que tornam cada um deles, único. Porém a distribuição das fotografias, de maneira que conseguissem registrar todo o casamento é algo que parece ser matemático. Ao ser contratado um álbum com 36 fotografias, o fotógrafo apresenta um com 34, sem faltar nenhum momento, é algo bastante interessante. As fotografias apresentam bem essa precisão do fotógrafo.

O álbum de 1987 chama atenção pela quantidade de fotografias que o torna repetitivo. Isso, associado a cor, faz com as imagens percam, de certa forma, o seu fascínio. O que não acontece com os outros dois álbuns que se valem do direito de ter uma menor quantidade de imagens, além, de se fartar do esteticismo que a fotografia em preto e branco oferece.

Partindo do ponto de vista da imagem, vemos que o tempo que separa os três álbuns pouco interferiu no tipo de registro, ou melhor, no olhar que o promove. Em termos materiais percebemos as mudanças a todo instante. Filmes, papéis, equipamentos, a tecnologia se renova a toda hora. Mas o que é registrado sofreu poucas mudanças, no decorrer dos tempos. Podemos ver que os pontos principais aparecem registrados em cada um dos álbuns e ao longo de vinte anos. No civil, as

assinaturas e as poses; no religioso, a entrada, o juramento, a benção, as alinças; na festa, o champanha, o bolo, as fotos com os padrinhos. De certa maneira, vamos ver algumas mudanças nos enquadramentos das fotografias, porém, isso também é limitado, pois interfere no modo como o casal quer ser visto pela sociedade. Ninguém quer se mostrar diferente ao seu meio.

Pensemos, portanto, no momento em que nasce uma nova família, que precisa se mostrar de acordo com os padrões que a sociedade exige, a fotografia precisa (re)tratá-la, conforme essas normas sociais. Por isso, a ausência de cortes indesejados, poses indiscretas, nos álbuns convencionais de fotografias de casamentos. Em contra partida, vamos ter os álbuns nos “padrões” do fotojornalismo, que atende aos casais que se desprederam, em parte, dessa normatização secular do ritual do casamento.

Nestes termos, o álbum constrói as próprias grades que o prende.

II – Mergulhos mais profundos

“Entornos” (em torno) de três álbuns

Um novo preâmbulo

Conhecer o álbum, descrevê-lo e (re)visitá-lo proporcionam um mapeamento minucioso do objeto. Todos os detalhes materiais podem ser descritos com precisão por serem perceptíveis. No entanto, faz-se necessária uma imersão dentro dele (o álbum) para compreender melhor a sua essência. Isso se consegue através de um “mergulho profundo” que permita desvendar as particularidades que os sentidos comuns não captam. Uma descoberta que somente é possível por meio do contato (um “fôlego” extra) com aqueles que protagonizaram o momento registrado. Essa cumplicidade entre observador e observado, caracterizada por um diálogo franco e comprometido, permite (re)compor o que foi vivenciado e olhar holisticamente para um álbum de casamento.

Não seria correto lançar quaisquer colocações a respeito do álbum, sem se recorrer aos depoimentos⁴ dos noivos. Nesse sentido, é tomada a liberdade de utilizar-se de partes das entrevistas como ponto de partida para as discussões. Esse olhar, lançado por eles sobre um objeto que, até então, não propunha nenhum questionamento, se configura num “estopim”, capaz de detonar múltiplos debates, que busquem compreensões lúcidas sobre o álbum de fotografias de casamento e as diversas teias de relações que se desenvolvem ao seu redor.

⁴ Esses depoimentos aconteceram em forma de entrevistas que foram feitas nas residências dos casais. A entrevista com a D. Maria Marta foi realizada no dia 03 de julho de 2003 (nessa ocasião não conseguimos conversar com seu marido, por motivos particulares). A D. Lurdes e o Sr. Moacir foram entrevistados em duas etapas: a primeira, no dia 14 de junho de 2003, ocasião em que houve um problema com o gravador; no dia 22 de agosto de 2003 demos continuidade a sessão. Com o José Henrique e a Vera a entrevista foi realizada no dia 07 de setembro de 2003.

Procuramos trabalhar de forma bem natural, apenas procuramos seguir um roteiro de perguntas para ser mais fácil chegar a algumas respostas pertinentes. Em todas as entrevistas, lançávamos as perguntas, informalmente, para que as respostas fluíssem com a maior naturalidade possível. Isso para que as respostas não fossem conceituais, ou seja, diferentes daquilo que eles vivenciam no dia-a-dia com o álbum. Ao final do trabalho, oferecemos, em anexo, a íntegra dessas entrevistas.

A relação com o álbum de casamento começa muito antes da cerimônia acontecer. Essa importância que se dá ao registro, faz com que ele passe a fazer parte do ritual. Isso pode ser notado através da preocupação, não somente dos noivos, como também dos familiares, em contratar um fotógrafo profissional para tirar as fotos. Uma escolha que privilegia as pessoas de confiança, já que é um acordo que ultrapassa o simples fato de fazer um registro fotográfico para alguém. De todo esse processo, fica um vínculo que converge para o álbum. Um elemento capaz de unir pessoas diferentes, de tempos e locais diferentes a um mesmo ponto (o ritual e o que dele se desbobra). Assim, o mesmo álbum liga o fotógrafo, os noivos e os seus familiares ao ritual. No caso desses três, especificamente, além das ligações existentes em cada um deles, conseguem, ainda, abrir uma “fenda” ao pesquisador, e seu orientador, e, conseqüentemente, criar, assim, uma nova teia de relações.

Essa etapa vai se compor de uma discussão pautada sobre os pontos que foram mais importantes nas entrevistas. Partindo daquilo que os casais colocaram, elencamos, no nosso ponto de vista, o que era relevante para uma análise. O primeiro ponto a ser discutido se prende “a importância de se ter um álbum de fotografias de casamento” e “a partir de quem nasce esse desejo”. A maneira “como se escolhe o fotógrafo” foi uma outra questão levantada. Depois das imagens prontas, “a seleção das fotografias” que vão compor o álbum, nos pareceu relevante, assim como, o “lugar onde ele fica guardado”. As “formas de registro” e os “embates entre a fotografia e o vídeo” renderam também alguns comentários. E, por último, uma discussão sobre a “fotografia como parte da sociedade do espetáculo”. Estes são alguns apontamentos levantados, porém, tanto os álbuns como as entrevistas não se esgotam, a cada “leitura” novos elementos podem ser levantados.

II. 1 – Propósitos na opção por álbum

Verificamos, através das entrevistas, que a preocupação dos noivos em registrar a cerimônia é bastante evidente. O casal, por estar mais envolvido com esse processo de transformação de suas vidas, acaba decidindo por ter um álbum de casamento. Essa decisão antigamente sofria interferências dos pais (e familiares) que muitas vezes impunham suas próprias vontades, de se fazer, ou não, o registro. Hoje, principalmente com as novas concepções⁵ sobre o casamento, as influências sobre as decisões ainda acontecem, só que em menor escala, além de também serem menos evidentes. No nosso caso, as entrevistas com os casais puderam apontar indícios dessa mudança. Como D. Maria Marta, mesmo, coloca que, na época de seu casamento, o noivo cuidava da montagem da casa e a noiva, juntamente com sua família, ficava com os preparativos da cerimônia. Assim, como ela também disse, houve participação de seus pais na decisão de se fazer o álbum.

No meu caso, por exemplo, partiu da minha mãe, de mim, do meu marido. Então, era mesmo assim... Foi como se fosse um elo entre nós quatro, meu pai, minha mãe, eu e o Moacir. (D. Maria Marta, casamento de 1969)

Por outro lado, os outros dois casais disseram que a decisão em adquirir o álbum partiu deles mesmos. D. Lurdes e Sr. Moacir contaram que todos os preparativos para o casamento foram eles mesmos que arrumaram. Como ela estava morando sozinha na cidade e distante de seus pais, ficou difícil uma ajuda da família. Mesmo os parentes que viviam mais próximos não ajudaram. Com isso, a contratação do fotógrafo acabou ficando para a última hora, mesmo tendo decidido, antes, pelo álbum.

⁵ Cf. LEITE, Mirian L. Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1992. (p.126) e JONAS, Irene, “Verdades e mentiras do álbum de família”. In: *Cadernos de antropologia e imagem*. p. 109.

Nós dois fomos lá... (olhando para o Sr Moacir) Foi na Foto Brasil?... Naquele tempo, eu me lembro. Depois nós vimos um “monte” de coisas. Tudo “nóis” dois... “Nóis” dois que fazia tudo, porque eu era sozinha... (D. Lurdes, casamento de 1976)

E esse álbum aí, na realidade, foi feito (contratado), no dia... Do casamento. Você orientava os fotógrafos, os fotógrafos... Tinha vários fotógrafos, então, vocês escolhia... O “cara” vinha... Você já contratava na hora... Lá, na hora. (Sr. Moacir , casamento de 1976)

A entrevista do casal José Henrique e Vera aponta também para as mudanças ocorridas na dinâmica da preparação do casamento. As decisões são tomadas pelo casal, que passa a acompanhar todos os preparativos. Há uma participação dos familiares apenas no que se refere à realização do casamento. Principalmente nas famílias de classes mais populares, a solidariedade vai permitir que o ritual seja um “evento” de ponta (e pompa). Essa colaboração vai desde o empréstimo de roupas até arrecadações em dinheiro para pagar determinado serviço. Uma tia quem faz o salgadinho, outra ajuda a decorar a igreja, um padrinho que empresta o carro para levar a noiva até a igreja, todos colaboram para que o casamento se realize com o máximo de *glamour* possível. No entanto, mesmo com toda essa participação, as decisões ficam sempre a critério dos noivos. Como aconteceu, no caso deles, ao decidirem a respeito da fotografia. Os dois decidiram que fariam o álbum e ele decidiu quem seria o fotógrafo, por sinal uma “pessoa da família”.

Não, a gente comentou, né, de fazer, mas ele tinha o irmão dele que era fotógrafo: “Não, eu vou falar com o meu irmão e meu irmão faz”. Então, mas a idéia de fazer foi da gente mesmo. (Vera, casamento de 1987)

Como a decisão de fazer o álbum parte dos casais, cada um deles vai encontrar um motivo, ou vários, para explicar o porquê de se registrar o casamento. O que está implícito nessa decisão, e é comum a todos, é o desejo de tornar pública a união. Principalmente quando esta se enche de “pomposidade” e se mostra ainda melhor que a de seus pares.

Os motivos são diversos, mas estão diretamente ligados a um mesmo ponto, o registro da “memória”. Uma reiteração da participação de um ritual que marcou o início de uma nova família. Eles vão reforçar a idéia da “representatividade” do álbum, que “atualiza o passado”, vivido por aqueles que estiveram presentes no momento da inscrição da fotografia. Um pouco mais além, o álbum renova a todo instante aquele ritual, o que “com o passar do tempo, acaba se confundindo com a lembrança do próprio [ritual] casamento”⁶. Os depoimentos dos casais apresentam de forma diversificada esses “porquês” de se ter um álbum de fotografias de casamento.

Olha, o álbum de casamento, realmente, ele é um vínculo que você tem depois que os anos decorrem, do que se ocorreu na data que eu me casei. No dia marcado, aí, dia 22 de fevereiro de 69. Então, toda lembrança, que poderia ser esquecida, é lembrada através das fotos. As pessoas, os amigos, o ambiente, como era na época, como é hoje, então existe essa comparação e também para os filhos, para nossos descendentes agora, lembrarem, nele, que a gente teve uma lembrança, não tão jovial como hoje, mas na época era muito solicitada e concorrida, né. (D. Maria Marta, casamento de 1969)

O álbum foi um... É uma lembrança que agente deixa... “Pros” nossos

⁶ LEITE. *Op. cit.*, p. 111. (O grifo é meu)

mostrando o que foi o passado na vida da gente... Então, é a única maneira de lembrança. (Sr. Moacir , casamento de 1976)

É pra família inteira ficar revendo... Matando saudades... (D. Lurdes, casamento de 1976)

Eu não sei. Acho que é mais... Por tradição. (José Henrique, casamento de 1987)

Eu, por exemplo, pela minha concepção; “O álbum é a história da vida da gente.” É uma coisa para a gente guardar, e acaba mostrando “pros” nossos filhos, “pros” nossos netos, futuramente... Então, se tem uma coisa registrada para guardar, é muito legal, para você estar contando essa história mais para frente. (Vera, casamento de 1987)

Um vínculo com o passado (com o ritual) e com uma lembrança que poderia ser esquecida, uma maneira de matar as saudades e mostrar para os filhos como os pais foram no passado, uma história da vida ou, ainda, uma tradição. Cada casal busca, à sua maneira, apresentar os motivos que o levou a registrar seu casamento. Fica bem evidente nessas falas a intenção de promover a continuidade da família. Todos eles ressaltam a importância de apresentar as fotos do casamento aos filhos e aos netos, isso ultrapassa o desejo de mostrar como o casamento aconteceu ou, mesmo, contar uma parte da história vivida. Esse ato traz consigo um discurso de que a sociedade precisa se estruturar a partir dali (neste caso, do casamento católico abençoado por Deus). É um reforço às normas sociais preestabelecidas. Mesmo nos casamentos em que os casais já vivem juntos, o álbum vai apresentar o início de uma família “padronizada pela sociedade”. Nesses exemplos, fica mais evidente o desejo de fazer parte de uma sociedade de iguais, mostrando que foram cumpridas as “regras sociais”, para se constituir uma família. E o fotógrafo tem um papel fundamental nesse processo, pois é

o olhar “objetivo”, já que frente ao que ele mostra não há contestação, de um filtro social. Porém, esse olhar é também subjetivo, tendo em vista que, ele elege o ângulo e o enquadramento, portanto, é parcial e, ainda, suas eleições nascem de toda uma formação social e cultural.

II. 2 – Mais que um fotógrafo, um olhar privilegiado

O modo como os noivos escolhem e contratam o fotógrafo demonstra a importância que dão ao ritual do casamento. Todos os três casais apresentaram uma preocupação que tinham com a qualidade do serviço que seria prestado. Mesmo a D. Lurdes e o Sr. Moacir mostraram-se preocupados em recordar quem havia fotografado o casamento. Pela situação que eles atravessavam na época do casamento, mesmo verificando antes, em algumas lojas, acabaram contratando o fotógrafo momentos antes da realização da cerimônia do civil. Mas, durante a entrevista, houve um grande interesse em lembrar, ao menos, da loja em que o fotógrafo trabalhava.

Esse (fotógrafo) foi escolhido no civil e foi conversado de fazer o casamento na igreja. (Sr. Moacir, casamento de 1976)

Moacir, nós não tínhamos ido primeiro na Foto Brasil, “dá” uma olhada? Só que a gente não marcou nada... Aí no dia do casamento, os fotógrafos ficavam tudo... Eu ainda estou com o Foto Brasil na cabeça. (D. Lurdes, casamento de 1976)

Os outros dois casais, por vivenciarem uma situação diferente, preocuparam-se com a escolha do fotógrafo. Ambos procuraram um profissional com qualidade, que fosse também conhecido. Nos dois casos, tanto o de 1969, quanto o de 1987,

foram casamentos fotografados por pessoas que faziam parte do convívio dos casais. D. Maria Marta e o Sr. Moacir contrataram um fotógrafo que freqüentava as mesmas rodas sociais. Em sua entrevista, ela frisa bem a amizade que os envolvia e o profissionalismo e competência que o acompanhava, além de deixar sempre escapar que sua contratação era motivo de “projeção social”.

Era um casal já conhecido, muito conhecido aqui, um fotógrafo muito conhecido, inclusive era um casal de nosso relacionamento e ele era disputado aqui entre os melhores fotógrafos de São José, na época. Então, nós o escolhemos justamente assim, pela qualidade das fotos, pontualidade dele... Nós tínhamos um elo de amizade... O nome, o trabalho dele, a pontualidade e realmente naquela época era um dos melhores fotógrafos de São José. (D. Maria Marta, casamento de 1969)

Já, a Vera e o José Henrique escolheram um fotógrafo que fazia parte da família. Uma confiança maior depositada em alguém que, mesmo não estando em direto convívio, era um membro da família. Isso dá uma garantia maior na execução do trabalho, além de possibilitar um preço mais acessível. É a solidariedade existente nas classes mais populares, para que a cerimônia aconteça.

Digamos, porque “tá” na família, já vai vir para o casamento, ele fotografa, vai ficar mais econômico e... E ele faz. Talvez se tivesse contratado um profissional de fora, talvez a condição financeira “talvez” tivesse limitado a quantidade de fotos, tivesse... Apesar de irmão, ele não deixou de cobrar. Cobrou um preço subsidiado, preço baixo. Não cobrou, muito, a mão-de-obra dele. O trabalho de vir... Que ele veio de São Paulo pra cá. (José Henrique, casamento de 1987)

Os depoimentos dos casais relatam a importância que se dá a quem vai cumprir a função de registrar o casamento. O ato de fazer um “contrato” propõe um “acordo” entre duas partes. Este ultrapassa a questão da troca material que existe entre os noivos e o fotógrafo. Não é apenas um valor monetário em troca de um álbum com um número X de fotografias. Deixar-se fotografar é permitir que o outro invada sua intimidade, assim como, aceitar fotografar é estar ciente da necessidade de discrição por conhecer o outro, internamente. Essa confiança se reflete na escolha do fotógrafo. Um amigo, um parente ou uma pessoa que, ao menos, seja indicada por alguém. A escolha desse profissional, ainda mais se for desconhecido, vai acontecer após um processo de conquista da confiabilidade.

Ao ver o mostruário, os noivos certificam-se da capacidade do profissional em retratar o ritual da maneira como os “padrões sociais se inscrevem”. E, mais ainda, têm a certeza de que o fotógrafo vai retratá-los como eles querem ser retratados. O fotógrafo tem a responsabilidade de ser os “olhos” pelos quais os noivos se verão participando do ritual. Isso lança reflexões sobre alguns fotógrafos (e também casais) que procuram se libertar desses padrões arbitrários, propondo trabalhos diferentes. É o caso dos profissionais que vêm do foto-jornalismo e de fotógrafos como Camila Butchner, que produz seus álbuns a partir de um olhar “descondicionado” do ritual do casamento. Suas prioridades se concentram nas espontaneidades que acontecem durante o casamento. Em todos esses casos, a qualidade do material fotográfico vai depender da relação predominante entre o fotógrafo e o fotografado.

II. 3 – Algumas escolhas que contam muito

Grande parte dos fotógrafos faz um número maior de fotografias que o normalmente combinado. A maneira como os noivos escolheram as fotografias para

compor o álbum é um detalhe que merece ser destacado. Essas fotografias escolhidas, como já descrito, caracterizam os momentos importantes do ritual, de acordo com o olhar do fotógrafo e as padronizações estereotipadas da sociedade. A escolha vai depender dos noivos, salvo algumas sugestões dos fotógrafos e/ou dos familiares, estes com menor influência. É o que acontece com os nossos casais, que apresentaram maneiras diversificadas, porém, sem critérios muito bem definidos.

Olha, hoje, eu estou lembrando mais de hoje, do que daquela época, hoje, nós..., eles trazem o mostruário de fotos, de várias fotos, e a gente vê as melhores. Na minha época, era quase parecido, eles traziam, não tantas fotos, mas menos fotos, e a gente também escolhia...(D. Maria Marta, casamento de 1969)

Sr. Moacir – Já foi contratado vinte... Vinte e duas... Trinta e seis fotos... Na época era feito assim... Vou bater trinta e seis e...

D. Lurdes – Não tinha escolha não...

Sr. Moacir – Ele conversava, falava assim: Vou bater trinta e seis fotos... Era de doze, vinte e quatro e trinta e seis, então as trinta e seis batia e...

D. Lurdes – Não é igual hoje, não. (casamento de 1976)

Foram todas as fotos porque... A Vera, ela tem um pouco de exagero, não sabe... Não deixou nada. Então, ela trouxe as amostras, da escolha. Aí, e... Foi lá e escolheu todas, nem. Menos aquelas que de repente por... Duplicadas ou de repente com algum defeito de... De foco, de luz. Aí, por ele ser um profissional, ele não colocou... Já nem mostrou direito, nem...

de acordo. Mas isso, o critério, a princípio, pra mim, seria menos fotos. Mas ela chegou lá e falou: Quero todas. E todas... Já que geralmente “essas coisas é” com elas, daí deixei ela escolher. (José Henrique, casamento de 1987)

Não, é... Sei lá, eu gosto de... Já que eu tirei, foi minha e... É um momento da vida da gente, porque que eu vou deixar com os outros? Não, eu vou levar tudo. Tudo é minha mesmo. Então, vai ser minha mesmo (risadas). Vou embora. (Vera, casamento de 1987)

Pode-se verificar que são maneiras peculiares de selecionar as fotografias. São envolvimentos diferentes com a montagem do álbum. O primeiro casal escolhe junto as fotografias. Mesmo não definindo um critério, que justifique as opções feitas, ela diz que foi um consenso entre os dois. No entanto, esta escolha teve uma participação mais ativa da D. Maria Marta, visto que, as fotografias de seu álbum enfatizavam mais as mulheres. Sua opinião deve ter prevalecido, mesmo que tenha falado numa conformidade. Numa outra dinâmica, D. Lurdes e Sr. Moacir obtiveram o álbum sem nenhuma escolha. Apenas o fotógrafo selecionou o que deveria ser fotografado e escolhido para compor o álbum. Isso fica bem claro ao olhar as fotografias e ver que estas contém a estrutura descrita por nós, anteriormente. São as padronizações que pontuam todos os momentos importantes e que os fotógrafos sentem-se “obrigados” a fazer. Já, o José Henrique e a Vera, como o primeiro casal, tiveram a oportunidade de optar pelas fotografias que mais lhes agradavam. Entretanto, essa escolha foi dispensada, já que, eles colocaram todas as fotos no álbum, menos as que não estavam em “boas condições” (desfocadas ou mal enquadradas). Deste modo, por nenhuma fotografia ter sido excluída, esse álbum de 1987 também deixa bem definido as padronizações fixadas, no decorrer do tempo, dos momentos principais que precisam ser registrados.

Esse processo de escolha passa pelo “crivo” sociocultural, religioso e econômico do casal. Cada um vai, de acordo com sua índole, formação e disponibilidade financeira, enfatizar determinado momento ou definir a quantidade de fotos. Pode ser citado, a título de exemplo, a fotografia do beijo dentro do carro, que a D. Lurdes e o Sr. Moacir esconderam, durante muitos anos, em respeito ao pai do Sr. Moacir. Pois ele achava que aquele gesto era um símbolo do comunismo. A fotografia passou a fazer parte do álbum somente após o seu falecimento. Outro exemplo é a quantidade de fotos escolhidas pelo casal José Henrique e Vera. Eles mesmos disseram que se um outro profissional tivesse fotografado, o número de fotos seria menor, pois seu irmão cobrou um preço mais acessível. Através dessa escolha, o casal evidencia a maneira como quer ser visto pelos outros. Como coloca Ana Maria Mauad, “no álbum final, somente as fotos condizentes com o padrão monumental da cerimônia – ou seja, posadas e arranjadas de forma harmônica”.⁷ Nesse sentido, as imagens que não estiverem adequadas ficarão retidas neste “filtro” social e estético preestabelecido. Esses “óculos” não vão interferir na essência do ritual, mas no modo como ele vai aparecer nos álbuns. De modo que, na maneira como as fotografias são escolhidas e, ainda, no jeito como o ritual é registrado (é o caso do registro nos padrões do foto-jornalismo) essa influência pode ser notada com mais facilidade.

II. 4 – Lugar da memória, espaço para ser (re)visitado

O álbum é um objeto que detém uma maneira particular de organizar as lembranças do ritual. A fotografia como detém um poder mágico de eterno retorno⁸,

⁷ MAUAD, Ana Maria. “Imagens de passagens: fotografia e os ritos da vida católica da elite brasileira, 1850-1950”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro (UERJ), n.º 10(1): 2000. p. 137-53. (cf. p. 150)

⁸ Cf. FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. MACHADO, Arlindo (Apres.). São paulo: Ed. Hucitec, 1995.

uma leitura diferente da linearidade da escrita, possibilita uma incursão à memória, que, por sua vez, depende das conexões feitas com o que foi vivenciado no passado, pois seu funcionamento não segue uma ordem cronológica nem necessita de uma ordem seqüencial. Esse percurso se dá através das idas e vindas, pelo que foi vivido, possibilitando as recordações. Nesse sentido, a criação de um espaço físico, reservado às fotografias, é uma tentativa de organizar os suportes da memória. Um cofre da memória em face à sociedade do esquecimento⁹. Esse local não é exclusivo das fotografias, mas, sim, destinado a receber os objetos portadores de grande carga simbólica. Isso torna esse espaço uma porta de entrada para recordar as histórias vividas. Uma caixa, uma gaveta, um armário, diversas são as maneiras como esses “templos” se constituem, mas este terá sempre o propósito de guardar, com segurança, o passado.

Nas nossas entrevistas ficou evidente que cada casal procura organizar suas lembranças a partir de um local reservado para receber os objetos, principalmente as fotografias, que possibilitem às recordações. Cada história que é lembrada vem acompanhada de uma fotografia, quando não são várias, que auxilia a recomposição daquilo que foi vivenciado. O álbum de casamento reserva ali o seu espaço, como a lembrança do momento que deu início a esta família. Ele se mistura às fotografias da infância de cada um dos noivos, assim como, com as dos filhos e netos. Como eles colocam, neste local está toda a história e toda a lembrança da vida. E, este “templo” é uma das maneiras de reforçar o vínculo familiar.

Geralmente nós temos um armário com todos os álbuns dos nossos filhos. Desde que eles nascem até..., de cada um deles, “até” quando casam.

⁹ BRITO, Marilza Elizardo. “Memória e Cultura”. *Caderno da Memória da Eletricidade*, n.º 1. Rio de Janeiro: C. M. E. B., 1989. 24 p. (cf. p. 17)

Casando eu corto o vínculo e dou o álbum para eles, a não ser o da minha filha, que eu acho que filha tem um vínculo mais forte com a mãe, então, aí, eu faço um álbum dos meus netos e continua o álbum, então o álbum não tem fim, então eu brinco muito com eles, – oh, se eu morrer, está aqui, cada um chega aqui e pega o seu álbum, que já tem os nomes. (D. Maria Marta, casamento de 1969)

No meu guarda-roupa. Fica lá, dentro da caixinha, no guarda-roupa. (...) Ah, tem das crianças, dos filhos que vêm depois. A gente vai acompanhando junto, ali, vai colocando junto, ali. Eu e Moacir, a gente já viu o casamento, já vê os filhos e é a continuidade da família. (D. Lurdes, casamento de 1976)

Fica guardado no Quarto. (...) Ficam todas as fotografias guardadas juntas. (...) É, pra todas as fotos. (Vera, casamento de 1987)

A concentração das fotografias num mesmo lugar facilita a procura por determinado momento que deseje ser (re)visto e recordado. Isso, auxilia, ainda, na organização e, também, na proteção das imagens, pois a ausência de uma fotografia é como se algo fosse apagado da memória (até mesmo põe em dúvida se aquele momento realmente existiu). O ato de colocar o álbum nesse “espaço reservado” é uma forma de proteger tanto as fotografias, como, também, o próprio ritual. É uma proteção que possibilita renovar a cada dia todas as promessas feitas naquele momento.

Mas revisitar esse “templo” é olhar, hoje, para um passado, através de “objetivas refratárias” (não tão objetivas), utilizando, ainda, os “filtros”, produzidos neste período de tempo que separa o momento vivido, do momento em que este é recordado. São os filtros dos afetos, das discórdias, das tolerâncias, das alegrias, vividas pelo casal, que vão permitir um olhar diferente para cada um deles. Assim, a vivência do casal

pode se refletir diretamente na receptividade que darão ao álbum de casamento, depois que os anos se passam. Se o único sentimento que os une é a tolerância, o álbum vai ser um objeto que possivelmente jamais vai ser olhado, se não for, até mesmo, jogado fora. Por outro lado, independente de como os casais se relacionam, o “espaço da memória” vai existir, se não com as fotos do casamento, talvez com as fotos de outros relacionamentos, familiares ou afetivos.

Devemos também olhar para as novas formas que este local reservado à memória tem adquirido. Ao invés da “caixa” ou da “gaveta”, hoje essas imagens são depositadas em “HDs” de computadores, os “bancos particulares de imagens”. Muitos dos fotógrafos profissionais já entregam, juntamente com o álbum, um *CD-Rom* contendo todas as imagens feitas durante o casamento. Isso também lança uma nova possibilidade sobre a fotografia de casamento, que pode ser manipulada e remontada de acordo com aquilo que se queiram (noivos, fotógrafos e, até, convidados) mostrar. Esse pode ser um novo modo de ver as fotografias de casamento e, por consequência, uma maneira diferenciada de olhar para o ritual de casamento.

II. 5 – Instantes e seqüências: modos de ver

Não pode deixar de ser destacado a opinião dos casais sobre a fotografia e o vídeo. Se levarmos em conta que o vídeo foi lançado no mercado há pouco tempo, os casamentos de 1969 e 1976 certamente não teriam mesmo condições de serem gravados. Entretanto, os respectivos casais contribuíram, de modo contundente, com colocações sobre o assunto. Já o casamento de 1987, além de ter sido fotografado, também foi gravado, o que possibilitou contribuições, não melhores, mas diferenciadas. Os dois primeiros puderam contribuir com o olhar de quem não teve o casamento

assistir à fita de vídeo. São formas distintas de lançar o olhar sobre formas diferentes de registrar um ritual. Esses suportes (fotografia e vídeo) começam dividir espaço com o DVD, que é uma outra forma de ter um registro. São próteses que exigem modos diferentes de “olhar” o ritual do casamento.

Agora a filmagem é maravilha, você põe no vídeo e vê toda a..., o casamento, as vozes, é até mais concreto que o álbum, que parece um pouco abstrato, porque você não ouve à voz. Já a filmagem você ouve à voz, opiniões, é gostoso de ver o filme. O álbum é mais abstrato, eu acho. Mesmo você vendo as fotos, te trazendo as lembranças, não é como o filme, está vendo aqui (olhando para o álbum), televisão, vídeo, com vozes. Acho que o álbum é uma coisa que..., Você vê que nós estamos pulando para o DVD, estamos deixando do vídeo, então você já tem que se preocupar em quem vai fazer as mudanças desses vídeos para DVD, então... Já o álbum não, é aquilo que ficou ali, a herança que não muda, ela passa a ser..., ela passa a ser concreta, aí. (...) Então, a gente vê que, às vezes, o aparelho..., dependendo do aparelho, dificulta mais você ver. Agora, o álbum não. É ali, você puxa, dá uma observada e já mostra. (D. Maria Marta, casamento de 1969)

Essa é a importância do álbum, da foto. Álbum eu acho mais fácil. O vídeo ele fica muito..., vou colocar o vídeo, um já: – Vou dá uma saidinha! – não vê. E a foto não, a foto “tá” na mão, aí, né? (Sr. Moacir, casamento de 1976)

tempo, a fita “embolora”, tem o problema de “tá” limpando, ela vai perdendo a qualidade. (D. Vera, casamento de 1987)

Eu acho que o instante que a foto pega... Como a foto trabalha com “instantezinho” só, aproveitando um instante, às vezes, “dum” período, quem “tá” vendo a foto pode ver a foto de várias maneiras, de várias interpretações. Se você mostrar a mesma foto para várias pessoas, essa foto ela vai “tá”... Cada uma vai vê num ângulo... Vai vê de um jeito. Agora, a filmagem tem o seu valor, e já é mais complicado prá você vê, que você vai vê sempre a mesma coisa. Dificilmente você consegue dá uma... Interpretar aquela... Aquela... Aquela imagem. E sem contar que a foto você não precisa de muito recurso para você “tá” vendo. (...) Acho que a foto tem o seu charme, sua facilidade de manuseio. (Sr. José Henrique, casamento de 1987)

A fotografia e o vídeo vão sempre caminhar com esses embates, já que são modos diferentes de representar (e de repensar) a realidade. O vídeo vai depender da intermediação de um aparelho, o que será sempre uma incógnita (a energia pode acabar, a tomada pode não funcionar, o aparelho pode danificar a fita no momento da exibição). Qualquer problema, por menor que seja, pode impossibilitar ver as imagens. Esta, por ser magnética, perde o seu poder material, não existindo sem a mediação do aparelho¹⁰. Se olhar para a fita de vídeo, não se vê imagem alguma, diferente da película de cinema, que contém os fotogramas. D. Maria Marta reconhece que o vídeo passa de “concreto”, para o “abstrato”. No primeiro, por oferecer o vivo, a imagem, o movimento e o som, porém, pela necessidade do aparelho para apresentá-la, ele entra na imagem abstrata pois não pode ser visto. Já o álbum que é abstrato, pois não

¹⁰ DUBOIS, Philippe. “A linha geral: as máquinas de imagens”. In: *Cadernos de Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro (UERJ), n.º 9 (2), 1999. p. 65-85. (cf. p. 72.)

oferece tudo (dando margem à imaginação), passa ao concreto pela sua materialidade e facilidade de ser manuseado.

Diversas são as críticas em relação ao vídeo de casamento, talvez por ser ainda recente o seu aparecimento, isso ofereça uma certa resistência. Podemos pensar o vídeo (de casamento) como um suporte que não é explorado em todas as suas possibilidades. Os profissionais que trabalham com esse tipo de registro, se encontram num estágio de descoberta das “potencialidades”. Isso, por um lado, pode explicar a “inocência” de querer oferecer tudo, como acontecia com as primeiras imagens do cinema, em que se procurava mostrar tudo. A grande “sacada” foi descobrir que aquelas imagens poderiam ser recortadas e reeditadas, que não havia necessidade de se apresentar a realidade como acontecia. Um pouco de retórica, permitida por uma “licença poética visual”, produziu uma nova maneira de conceber as imagens para o cinema. Isso pode ser o que falta ao vídeo de casamento. O álbum se deleita desse direito de “brincar” com as imagens, sem roubar-lhes a seriedade. No álbum, independe se a foto do beijo foi tirada antes ou depois da benção das alianças, o que importa é que o beijo aconteceu e a imagem está ali. Bem ao estilo de Barthes, “isso foi”¹¹, isso aconteceu. Se foi um beijo sensual ou apenas um “selinho” vai ficar na imaginação do leitor. Isso aproxima a fotografia da literatura, já que, uma fazenda, descrita numa história, é diferente para cada leitor. Portanto, “quem lê um livro [ou uma fotografia] viaja”.

A dinâmica de leitura das imagens também é diferente, pois a fita de vídeo exige uma linearidade que é dispensada na leitura do álbum. Este pode ser olhado numa seqüência cronológica, assim como, de qualquer outro modo, do final para o começo ou do meio para as pontas e, ainda, sempre numa verticalidade. Já, o vídeo, na sua horizontalidade, depende de um determinado tempo cronológico, que vai do

¹¹ BARTHES, *Op. cit.*, p. 168.

início ao fim. Essa liberdade permitida ao álbum, que o vídeo ainda não descobriu, pode, numa tentativa, endossar a fala do Sr. Moacir quando diz que é só colocar o vídeo do casamento que as pessoas arrumam uma desculpa para sair da sala. Não ficando ninguém para ver o final.

II. 6 – Um elemento da sociedade do espetáculo

A fotografia é um elemento incorporado aos preparativos da cerimônia, assim como, a escolha do vestido, da igreja, do salão, da decoração, do convite. Os noivos submetem-se a todas essas exigências preparatórias para legitimar satisfatoriamente a união. Cada escolha traz consigo “valores sociais” intrínsecos que situam o casal em diferentes camadas. Isso pode conduzir a um questionamento sobre as grandes indústrias¹² de festas, surgidas nos centros urbanos, que facilitam a ostentação do *glamour* do casamento e, que, sugerem a existência, hoje, de uma “sociedade do espetáculo”. Podemos verificar, nas palavras de D. Maria Marta, que esta espetacularização está presente até mesmo na escolha do horário do casamento.

...Os casamentos de agora são assim... São mais de elite, a noiva fala é traje a rigor. Na minha época, você não especificava o traje, a pessoa ia como queria, esporte, social, não tinha muito, assim, esses negócios. Agora não, oito horas o casamento de ponta, são vinte horas, então o casamento é realmente todo mundo de smoking, terno, já quando é mais cedo, o casamento às cinco horas... Um casamento mais light. Os pais ainda

¹² Cf. LEITE, *Op. cit.*, p. 118.

se vestem como se fossem mesmo de noite, até o arranjo da noiva das cinco horas já é diferente de uma das vinte duas horas, que é um casamento mais elegante... (D. Maria Marta, casamento de 1969)O casal José Henrique e Vera também dialoga sobre alguns desses indícios, referindo-se a uma produção existente no sentido de criar uma *mise-en-scène*, para simplesmente ser fotografada.

Vera – ...Geralmente as festas “era” diferente, eles faziam aqueles “bolão” enorme...

José Henrique – ...Hoje nem bolo não tem mais.

Vera – Hoje os bolos “é” tudo de plástico, que eles fazem...

José Henrique – É isopor...

Vera – Não é isopor, não. É massa que eles fazem...

José Henrique – Até essas balas, hoje...

Vera – Hoje já nem tem mais.

José Henrique – É uma produção... (casal do casamento de 1987)

Nesse sentido, o álbum faz um *duplo* trajeto, torna público e evidente uma situação a qual ele também ajuda criar. Ele não consegue despir-se dessa roupagem glamourosa que reveste o ritual, sendo que, por outro lado, se esquia, de forma sensata, apresentando-se apenas como um registro dos momentos importantes. Numa tentativa de pontuar essa função do álbum, há a necessidade de olhar para o casamento como um misto de ritual de “passagem” e de “ascensão social”. Uma passagem por dar uma nova classificação social a duas pessoas, que antes eram inuptas e independentes, tornando-as cônjuges entre si. Uma ascensão por tornar possível apresentar-se melhor diante da sociedade. Mesmo o casamento sendo o momento da passagem de dada situação a outra e, com isso, legitimando o início de um relacionamento familiar, ele é, também, momento de mostrar à sociedade uma distinção.

Se o casamento do vizinho foi maravilhoso, o meu tem que ser ainda melhor. E, como já colocamos, nas classes populares é a solidariedade da família que vai tornar isso possível.

Mas independente da classe social dos noivos, um ponto importante nessa sociedade do espetáculo é a “previsibilidade”. A necessidade de tomar o máximo de cuidado para que tudo aconteça conforme o planejado. Uma maneira de coibir tudo o que for “inusitado”. Ao invés de fotografar o bolo, que antes era o mesmo distribuído aos convidados, hoje, se fotografa um bolo de isopor, porque tudo precisa ser controlado. Horários, roupas, cenários, cada detalhe precisa ser bem definido para que nada dê errado. Neste contexto, a fotografia vai (re)tratar o início da família dessa sociedade previsível (controlada), que se materializa definitivamente na descoberta do sexo do bebê, antes mesmo dele nascer. O “ultra-som” garante que sejam compradas as roupas certas, com as cores próprias para menino ou menina, montado o quarto, escolhido o nome. Mas, no álbum, essa “previsibilidade” se esconde atrás da cortina da “naturalidade” exigida pela fotografia. Quanto mais natural melhor. Até mesmo as fotografias posadas necessitam de uma naturalidade para parecerem melhores, para terem mais vida¹³.

O fotógrafo, por sua vez, vai assumir o papel de “diretor de cena” desse espetáculo. Ele terá a missão de dirigir a cerimônia (espetáculo) para que todas as imagens sejam feitas com o máximo de perfeição. Suas interferências devem acontecer de maneira sutil para não perder a naturalidade do momento e a riqueza do ritual. No entanto, se algum momento não for fotografado, ele deve ser repetido para que o registro seja feito. Isso já acontece na maioria dos casamentos. Parece mesmo que os padres e diáconos conduzem a cerimônia de modo que facilite o trabalho do fotógrafo. O que permite que o “previsível” se transvista de “inusitado” e “natural”.

¹³ BARTHES. *Op. cit.* p. 26.

Esses tópicos levantados, a partir dos depoimentos dos casais, sobre o álbum, possibilitam olhar para questões que abordam a sociedade pelo viés de um dos “suportes da comunicação”. A liberdade em utilizar partes integrais das entrevistas se justifica na intenção de promover uma cumplicidade entre os interlocutores (pesquisador e pesquisado). Usar essas diversas perspectivas como ponto de partida é uma tentativa de buscar soluções para os questionamentos, nos lugares onde eles surgem. É usar o veneno para produzir o antídoto, sabendo que um só existe em função do outro. Como “no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro”,¹⁴ assim se insere esse trabalho, pesquisador e pesquisado (juntos, sobre um objeto) dando sentido à existência um do outro.

¹⁴ FLUSSER. *Op.cit.*, p. 14.

À guisa de conclusão

Diz a sabedoria popular, “o que os olhos não vêem, o coração não sente”.¹⁵ Partindo desse princípio, procuramos identificar um determinado local em que a fotografia (principalmente a de casamento) encontre o seu viés ou, ainda, determine o seu espaço. Não é preciso ir muito longe (e este trabalho possibilitou-nos também isso) para ver que em cada lugar onde várias pessoas se reunirem para celebrar alguma coisa, uma câmera fotográfica será usada, profissionalmente ou não, para registrar aquele acontecimento. O casamento não foge à regra. É uma celebração – social, religiosa e cultural – para ficar gravada não só na mente, daqueles que estavam presentes (assistindo ou participando) no ritual, como também em um suporte para ser (re)vista, a qualquer momento, em qualquer local e por qualquer pessoa que se interesse.

A fotografia veio, à sua maneira, dar continuidade a uma prática que acompanha o ser humano, desde as suas primeiras manifestações comunicacionais. Um desejo latente de deixar impresso os acontecimentos importantes de sua vida. O desenho do bisão nas paredes da caverna, do período pré-histórico, pode ser uma dessas tentativas de registrar algo que, naquele momento, para ele (o homem “primitivo”), seria necessário deixar gravado. Alguns exemplos de pinturas que retratam o casamento podem reforçar essa idéia. Além do registro, elas tinham ainda a função de comprovar e de atestar o que havia acontecido. Isso era muitas vezes reforçado pela inclusão da imagem do próprio artista no quadro retratado. Uma forma de autenticar a sua obra e, mais ainda, testemunhar a união que ocorrera. Neste caso, não somente a imagem do casal, como também a presença do pintor, seriam provas contundentes do ato acontecido.

Como se insere, então, a fotografia neste contexto? A presença do fotógrafo vai dar uma credibilidade maior ao que aconteceu? Se olharmos para as primeiras fotografias de casamento, não encontraremos muita distinção em relação aos quadros

¹⁵ Ditado popular

produzidos com o mesmo fim (isso, já se esquivando de todas as discussões que ocorreram, e que ocorrem até hoje, sobre a fotografia e a pintura). Ambas necessitavam de um espaço, onde os recém casados pudessem posar para, cada um a seu modo (fotógrafo e pintor)¹⁶, inscrever a imagem. Isso não era feito no local onde a cerimônia acontecia. O pintor poderia se deliciar, em seu ateliê, do interminável tempo disponível para concluir, a cada pincelada, sua tela. Já, o fotógrafo teria que se contentar com os segundos necessários para registrar, em uma só vez, sua fotografia. Como no seu início a fotografia dependia de equipamentos grandes e pesados, além de precisar de longo tempo de exposição, as imagens eram produzidas nos estúdios dos fotógrafos. O auxílio de suportes que fixavam os corpos dos fotografados, para que estes não se mexessem, facilitava na produção das poses. A ausência dos *flashes* corroborava com essa alternativa, principalmente por obrigar o uso das clarabóias como fonte de luz natural. Mesmo com o aparecimento dos primeiros *flashes*, os estúdios ainda continuavam sendo utilizados.

Somente com o aparecimento dos equipamentos mais versáteis (câmeras médio formato e 35 mm) e dos filmes em rolo (mais sensíveis à luz) surge a possibilidade do fotógrafo ir até o local, onde aconteceria o evento, para fotografar. Com isso, o estúdio não precisaria mais ser visitado, já que o registro seria feito *in loco*, no momento em que ocorresse o ritual. A fotografia passa a exigir, do seu autor, atenção redobrada. Diferentemente de outrora, quando se montava uma imagem para ser (re)tratada, estas acontecem e o fotógrafo tem a responsabilidade de “tirar” uma coisa que está ali, diante de seus olhos. É ele quem vai “mumificar” aquele momento para posteriormente ser (re)vivido. Sua função será escolher, dentre tantas, as melhores opções para narrar, visualmente, o ritual. Como diz Ana Maria Mauad: “Esta celebração, a partir dos anos 40, passa ter direito inclusive a um álbum próprio, no qual todos os momentos da

¹⁶ Cf. DUBOIS. *Op. cit.*, p. 167

cerimônia são registrados”.¹⁷ A partir disso, não será somente uma fotografia que representará o casamento e tornará pública a união, mas um conjunto delas. Não uma amostra quantitativa, com uma imagem feita a cada três minutos, ou cinco, ou dez. Mas uma coleta “qualitativa” do que venha a ser importante durante todo o ritual. Pensemos, talvez, numa possível “retórica visual”.

Se olharmos os três álbuns, notamos que esse discurso continua presente. Por detrás das imagens, se encobre uma mensagem do modelo de união que deve ser aceito pela sociedade. Qualquer casal deve institucionalizar o relacionamento por meio de um ritual, se não completo (passando pelo civil, religioso e festa), ao menos por um deles. E no álbum vão estar pontuados os ritos necessários para essa institucionalização. Assim como, a maneira como os noivos devem ser vistos no momento dessa oficialização.

Partindo desse ponto, vê-se que uma das funções do álbum de casamento é provar a pertença do casal em uma sociedade de iguais. Assim como, também, mostrar que, mesmo fazendo parte do mesmo meio, a cerimônia do seu casamento foi melhor que a do outro. É a possibilidade de uma ascensão social, mesmo que esta dure apenas o tempo do ritual de passagem. Como o álbum vai servir de prova, a padronização do registro será inerente. Vão ser encontradas “particularidades” – encadernações, enquadramentos, tipos de papel, um ou outro detalhe – em cada álbum, assim como, “padronizações mercadológicas” – referentes à indústria fotográfica –, no entanto, o que fica mais evidente é o registro de uma “espinha dorsal” do casamento. Nota-se que os pontos principais aparecem nos três álbuns, de uma maneira quase igual. Como se um mesmo olhar estive mirando a objetiva, no momento do disparo do obturador. No álbum da D. Lurdes e o Sr. Moacir isso fica evidente. Se pegarmos os álbuns mais recentes, produzidos pelos fotógrafos profissionais “convencionais”, já que temos

¹⁷ MAUAD. *Op.cit.*, p. 150

aqueles que conseguem um (des)condicionamento mais facilmente, vamos perceber que não vão haver grandes mudanças no estilo das fotos.

Independente de como vai ser o transcorrer da vida a dois, o importante é ter um registro do momento em que tudo começou. São os arquétipos passados de geração em geração. Tem quer ser desse jeito porque foi assim com os meus pais, com os meus avós, com os meus bisavós. Ao deitar-se no leito conjugal, o casal leva junto todos os valores herdados de seus antepassados.¹⁸ E a fotografia vai ser o elo de ligação com o momento da origem dessa família. Como coloca Eliade:

“O Homem religioso desemboca periodicamente no Tempo mítico e sagrado e reencontra o *Tempo de origem*, aquele que ‘não decorre’ – pois não participa da duração temporal profana e é constituído por um eterno presente indefinidamente recuperável.”¹⁹

Deste modo, podemos pensar a fotografia como um objeto tão “profano” e tão “sagrado” ao mesmo.

Este trabalho procurou demonstrar o “padrão” no registro fotográfico de um ritual de passagem, o casamento. Mais ainda, tentou apontar para questões que podem ser geradas a partir de um objeto simples e do convívio diário das pessoas. Como comenta Winkin:

“...é totalmente possível trabalhar etnograficamente em nossa casa, sobre

¹⁸ TAUBE, Maria José de Mattos. “Alianças partidas ou a dor da separação conjugal nas camadas populares (Os pobres Também sofrem?)”. In: PORCHAT, Ieda (org.). *Amor, casamento e separação: a falência de um mito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

¹⁹ ELIADE. *Op. cit.*, p. 79.

nos mesmos, ao redor de nós mesmos. O campo *exótico* é nobre e infinitamente respeitável, mas não é mais uma condição necessária para fazer um trabalho científico”.²⁰

Contudo, é partindo da cotidianidade que poderemos achar repostas para algumas questões, ou, ainda, aumentar o nosso leque de questionamentos. Pois a vida se resume num constante movimento de perguntas e respostas.

²⁰ WINKIN. *Op. cit.*, p. 17.

Referências Bibliográficas

- ALVES, André. *Os Argonautas do Mangue*. Precedido de Balinese Character (re)visitado (de Etienne Samain). Campinas: Editora da Unicamp e Imprensa Oficial, 2004.
- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. 3ª ed., Campinas: Papirus editora, 1999.
- BARRADO, Mario P. Díaz. “Historia y fotografia: la memoria en imágenes”. In: *Historia, Antropologia y Fuentes Orales*. [s. L.], [s. E], 1, 19, 1998.
- BARROS, Armando Martins de (org.). *Pedagogia da Imagem, Imagem da Pedagogia*. Anais do Seminário. Niterói: Ed. DTPPhoenix, 1996.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. “A Mensagem Fotográfica”. In: LIMA, Luís Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- BARTHES, Roland. *La préparation du roman I et II*. Paris: Seuil/imec, 2005.
- BATESON, Gregory. *Mind and Nature. A Necessary Unity*. New York: Dulton, 1979.
- BATESON, Gregory & BATESON, Mary Catherine. *Angels Fear. Toward na epistemology of the Sacred*. New York: Macmillan Publishing Company, 1987.
- BOSI, Alfredo. “Fenomenologia do olhar”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1988.
- BECEYRO, Raúl, *Ensayos sobre fotografia*. México: Ed. Artes e Lybros, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder do simbólico*. Trad. TOMAZ, Fernando. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S. A., 1989.
- BRITO, Marilza Elizardo. “Memória e Cultura”. In: *Caderno da Memória da Eletricidade*, n.º 1. Rio de Janeiro: C. M. E. B., 1989. 24 p.
- CARDOSO, Ruth C. L. (org), *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, , 1997.
- COLLIER JR., John. *Antropologia Visual. A Fotografia como Método de Pesquisa*. São Paulo: EPU/USP, 1976.

- DAVIS, Flora. *Comunicação Não-Verbal*. Trad. DIMAS, Antonio. São Paulo: Ed. Summus, 1979.
- DUBOIS, Philippe. “A Linha Geral. As máquinas de imagens”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. n.º 9, Rio de Janeiro: (UERJ), 1999.
- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. Campinas: PAPIRUS, 1994.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. FERNANDES, Rogério. São Paulo: Ed. Martins fontes, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio básico da língua portuguesa Folha/Aurélio*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994-95. (Fascículos semanais)
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. MACHADO, Arlindo (Apres.). São paulo: Ed. Hucitec, 1995.
- GOODY, Jack. *Domesticação do Pensamento Selvagem*. Lisboa: Ed Presença, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- KHOTE, Flávio (org). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Ática, 1985. cap. 8: “Pequena História da Fotografia”.
- JONAS, Irene, “Verdades e mentiras do álbum de família”. In: *Cadernos de antropologia e imagem*. Rio de Janeiro (UERJ), n.º1 (s. ed.), 1991. p. 17-34.
- JUNG, C.G. *Psicologia e Religião*. Trad. ROCHA, Pe. Dom Mateus Ramalho, OSB, 5ªed., Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de Pesquisa*. 3ª ed., São Paulo: Ed. Atlas, 1996.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (org). “Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica”. São Paulo: *Textos CERU*, 03, 2º Série, 1992.
- LEITE, Mirian L. Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1992.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Ed. Nacional.
- LIMA, Ivan. *A fotografia e a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo, 1988.
- LORDELLO, Josette Magalhães. *Entre o Reino de Deus e o dos Homens: a secularização do casamento no Brasil do séc. XIX*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.
- MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular*. Introdução à Fotografia. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, Funarte, 1984.
- MAUAD, Ana Maria. “Imagens de passagens: fotografia e os ritos da vida católica da elite brasileira, 1850-1950”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro (UERJ), n.º 10(1): 2000. p. 137-53.
- NOVAES, Sílvia Caiuby. *Jogo de Espelhos*. Imagem da Representação de si através dos outros. São Paulo: Edusp, 1993.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, vol. 39, nº 1, 1996.
- PAIS, José Machado. “Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana.” In: *Análise Social*, vol. XXII (90), 1996-1º, p. 7-57.
- PAIS, José Machado. “Nas rotas do quotidiano”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, junho/1993. p. 105-113.
- PANOWSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Ed. Perspectiva e Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. 1976.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva”. *CERU, Coleção Textos nº 4*. São Paulo: 1985.
- SAMAIN, Etienne. “Gregory Bateson. Antropólogo e Comunicólogo”. In: *Cadernos de Pós-Graduação*. Instituto de Artes/Unicamp. Ano 04. Vol. 04. Campinas: 2000. p. 72-84.

- SAMAIN, Etienne. “Gregory Bateson: Rumo a uma Epistemologia da Comunicação”.
Ciberlegenda. (Revista eletrônica da UFF), nº 5, 2001.
- SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo. Hucitec/CNPq, 1998.
- SAMAIN, Etienne & Mendonça, João Martinho de. “Entre a Escrita e a Imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira”. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 2000. Vol. 43, p. 185-246.
- SAMAIN, Etienne. “Quando a Fotografia (já) fazia os Antropólogos Sonharem: O Jornal La Lumière (1851-1860)”. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 2001. Vol. 44. p. 89-126.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: SEVANKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. NOVAIS, Fernando A. (Coord.). São Paulo: Ed. Cia. Das Letras, 1998.
- SEGALEN, Martine. *Antropología histórica de la familia*. Madrid: Taurus Universitaria/Ciencias sociales, 2000.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 20ª ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1996.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Ed. Arbor, 1981.
- TAUBE, Maria José de Mattos. “Alianças partidas ou a dor da separação conjugal nas camadas populares (Os pobres Também sofrem?)”. In: PORCHAT, Ieda (org.). *Amor, casamento e separação: a falência de um mito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. (1ª ed. em inglês, 1969)
- TURNER, Victor. “Betwixt and between: the liminal period in rites de passage”. In: *The forest of symbols. Aspects of Ndembu ritual*. Ithaca/London: Cornell University, 1977. (1ª ed., 1967)

- VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- VERÓN, Eliseo. *A Produção de Sentido*. Trad. Vários Autores. São Paulo, Cultrix Ed. USP, 1980.
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano (1914-1988)*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP. São Paulo, 1989.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Tradução de FERREIRA, Roberto L. Campinas: Papyrus Editora, 1998.

Anexos

Entrevista I - 1969

Entrevista com Dona Maria Marta, casada com o Sr. Moacir. Realizada no dia 03 de julho de 2003, em sua residência, No Jardim Esplanada. O casamento aconteceu no dia 22 de fevereiro de 1969, na Igreja N. S. do Loreto, no CTA, em São José dos Campos, São Paulo. Não foi possível conciliar um horário, para que o Sr. Moacir estivesse presente em nossa entrevista.

Entrevistador – A primeira coisa que eu gostaria de saber é por que um álbum de casamento? Por que teve um álbum de casamento?

D. Maria Marta – Olha, o álbum de casamento, realmente, ele é um vínculo que você tem depois que os anos decorrem, do que se ocorreu na data que eu me casei. No dia marcado, aí, dia 22 de fevereiro de 69. Então, toda lembrança, que poderia ser esquecida, é lembrada através das fotos. As pessoas, os amigos, o ambiente, como era na época, como é hoje, então existe essa comparação e também para os filhos, para nossos descendentes agora, lembrarem, nele, que a gente teve uma lembrança, não tão jovial como hoje, mas na época era muito solicitada e concorrida, né.

Entrevistador – E assim, o álbum de casamento, quem foi que contratou? De quem partiu a idéia de ter um álbum?

D. Maria Marta – Olha, O Luiz Antonio, antigamente, quer dizer, são 33 anos que sou casada, eram as famílias mais ou menos de posse que faziam festa, álbum, enfim, reuniões sociais. Então, geralmente, vinham da parte dos pais e da noiva com o noivo que também sofriam influência pelos que estavam casando na época. No meu caso, por exemplo, partiu da minha mãe, de mim, do meu marido, então era mesmo assim, era uma mútua, foi como se fosse um elo entre nós quatro meu pai, minha mãe, eu e o Moacir.

Entrevistador – Quem foi o fotógrafo, a senhora se lembra dele?

D. Maria Marta – Era da... (pausa), era da... (pausa), Foto... (pausa), eu acho que São Paulo. Era um casal já conhecido, muito conhecido aqui, um fotógrafo muito conhecido, inclusive era um casal de nosso relacionamento e ele era disputado aqui entre os melhores fotógrafos de São José, na época. Então, nós o escolhemos justamente assim, pela qualidade das fotos, pontualidade dele. Acredito que nós escolhemos ele... Era do Foto São Paulo mesmo.

Entrevistador – Foto São Paulo? A senhora lembra o nome dele?

D. Maria Marta – Olha, um casal japonês, eu teria que pesquisar e fornecer posteriormente.

Entrevistador – E a Senhora sabe se ele é vivo até hoje?

D. Maria Marta – O filho dele e o neto eu tenho contato, são do Foto Ásia, acho, hoje.

Entrevistador – Do Foto Ásia?

D. Maria Marta – É, são agora do Foto Ásia, naquela época seria do foto São Paulo.

Entrevistador – O nome do filho dele a senhora não sabe?

D. Maria Marta – Do neto?

Entrevistador – Do neto, é!

D. Maria Marta – Não, não. Eu posso me informar e depois ligar para você.

Entrevistador – É que lá tem o Christian.

D. Maria Marta – Ah, é esse.

Entrevistador – O Christian?

D. Maria Marta – É o Christian. Foi o avô do Christian...

Entrevistador – O avô do Christian quem fez...? (interrupção)

D. Maria Marta – ...que fez pra mim o álbum. Depois, inclusive, também peguei ele para fazer o da minha filha e, ele tentou ver outros de qualidade, assim, superar o que eles fizeram, mas na época ele foi muito bom para mim, ele foi para os meus filhos, e não para o que é médico, que aí foi a família dela quem escolheu. Mas da minha filha e do meu filho, este último, foi o Christian quem fez as fotos para o álbum.

Entrevistador – Ah, ta? E geralmente partia mais do lado da família da noiva, a escolha do...?

D. Maria Marta – Geralmente é. A família da noiva que escolhe quem é o fotógrafo. Apesar que hoje, nós estamos vivemos numa época totalmente diferente. Hoje que eu falo é uns, cinco..., seis..., eu acho que até mais, anos para cá, está acontecendo muito de ambos, o casal, não está havendo mais a participação dos pais. Eles são independentes e os dois fazem juntos, não era igual na minha época, que (os pais) você tinha que pagar o álbum, você que era... que escolhia o fotógrafo... Hoje não, hoje realmente...

Entrevistador – São os noivos.

D. Maria Marta – ...os dois que escolhem..., pagam juntos..., eles (os pais) não vêm.

Entrevistador – Antes eram mais os pais que...?

D. Maria Marta – É, os pais que envolviam...

Entrevistador – Que se envolviam?...

D. Maria Marta – Os pais da filha.

Entrevista – Da noiva?

D. Maria Marta – Da noiva, é. Então, hoje já está totalmente diferente porque pode ter certeza que é o casalzinho que...

Entrevistador – Hoje é o casal mesmo que... (pausa). Então é assim, os motivos que a senhora teve para estar escolhendo esse fotógrafo e essa...

D. Maria Marta – Esse elo que a gente tinha de amizade.

Entrevistador – Esse elo que já tinha?

D. Maria Marta – Nós tínhamos um elo de amizade e ele era conhecido assim como um fotógrafo, que atribuía-nos um fotógrafo jovem, o avô do Christian, talvez tinha a minha idade, o pai do Christian..., o pai do Christian é que tem a minha idade hoje. Então hoje..., naquela época..., ele (avô) deveria ter uns quarenta e poucos anos, o pai do Christian tem a minha idade. A mãe do Christian, acho que tinha vinte e dois..., vinte e um..., eu não me lembro bem. O nome, o trabalho dele, a pontualidade e realmente naquela época era um dos melhores fotógrafos de São José. Agora tem excelentes fotógrafos, tem de ponta, fotógrafos de todo o tipo.

época, hoje, nós..., eles trazem o mostruário de fotos, de várias fotos, e a gente vê as melhores. Na minha época, era quase parecido, eles traziam não tantas fotos, mas menos fotos e a gente também escolhia...

Entrevistador – Os noivos mesmo escolhiam?...

D. Maria Marta – Eu me lembro que, eu acho que, fui eu e o Moacir quem escolhemos as fotos que nós gostamos, naquela época.

Entrevistador – Então, as fotos foram a senhora e o...

D. Maria Marta – Moacir...

Entrevistador – ... O Moacir que?

D. Maria Marta – ... Que escolhemos. Os pais sempre não fazem opção, hoje em dia eles fazem – “Oh, escolha essa ou àquela”. Mas na época de hoje já é diferente, vocês (os noivos) é quem escolhem, a gente não interfere em nada, então, mudanças, no decorrer dos anos mudaram muito.

Entrevista – É verdade! Mudou tudo.

D. Maria Marta – Tudo, né. Hoje o casal vai casar, o dinheiro não é só meu, o dinheiro é de nós dois. Eles vão comprar um apartamento, não, não é o homem, é a mulher e o homem que juntam-se para ter..., manter uma vida melhor, então, é..., hoje em dia mudou muito, na época minha, o homem tinha mais compromisso na parte de montagem de casa e a mulher ficava mais por conta da festa, do álbum e..., da parte do enxoval e o homem ficava com a parte de casa, geladeira, televisão.

Entrevistar – Estrutura do?...

D. Maria Marta – ...do lar.

Entrevistar – Do lar!

D. Maria Marta – Então, mudou muito, hoje em dia ganham presente, que cobre tudo isso, né. Não precisa deles nem comprar, eu vejo pelos meus filhos que nem compraram nada, ganham tudo e eles, os dois, que participam. Já fazem lista de casamento, então..., coisas que a gente vê nos álbuns, todas aquelas lembranças das fotos assim que, a gente ganhava presentes, hoje em dia não tem mais essas fotos que, em cima da cama, os presentes, que são muitos os presentes, tem a geladeira, tem o fogão, então mudou muito, não sei se foi o poder aquisitivo ou mudou a maneira de viver.

Entrevistador – É, está um pouco diferente as coisas.

D. Maria Marta – Bem mais avançado.

Entrevistador – Bem mais avançado, mais participativo, dos dois.

D. Maria Marta – É, dos dois, realmente

Entrevistador – Depois de alguns anos, para que serve o álbum?

D. Maria Marta – Lembrança, né. Você senta, fala – *Olha como eu era, gente (emociona)! Olha para mim garota! Nossa, olha o meu corpinho! Olha, esse casal já não existe mais...* Aí vêm as lembranças, no meu álbum mesmo, quantos falecidos. Então, agente faz lembrar o que se ocorreu no decorrer desses trinta e três anos, porque você analisa o presente do..., o passado, o presente e vê nesse intervalo, entre o presente e passado, o que mudou, né. As exigências das pessoas..., mudou a cultura, mudou o jeito, a maneira de viver, enfim, a mudança foi muito grande, né. Nós estamos vivendo numa era, hoje, totalmente moderna, pode se

dizer, e na minha época tudo era mais..., mais..., mais pai e mãe para dar palpite, então hoje não, hoje a gente (os pais) participa só assim se for para ajudar monetariamente, nem palpite a gente dá, porque palpite atrapalha, né, opinião ajuda, mas palpite atrapalha, né.

Entrevistador – Esse álbum é revisto sempre?

D. Maria Marta – É, sempre quando tem alguém assim – O mãe, deixa eu ver o seu álbum. Mostra para minha namorada. (ou hoje em dia já são todos casados) – Então eles entram – olha como que a minha mãe era. Olha a menininha. Olha o corpinho. Que corpinho, hein! O meu pai casou com a minha mãe porque ela era linda. – Então, quer dizer que vê que é um vínculo muito forte que fica de lembrança, né. Por isso que as pessoas não gostam de emprestar, porque têm medo que estrague..., que consumem com aquilo..., então, realmente, é uma lembrança muito gostosa, de trinta e três anos, - olha como é que eu era... As coisas como eram... Fez parte um dia. – Mas, enfim, eu acho que o álbum é uma opção muito importante, para o casal. É uma lembrança que todos nós deveríamos dar essa oportunidade para os nossos filhos, de ter um álbum que é uma lembrança, no correr dos tempos..., um ano..., né, do que se passou. Então, eu aconselho, assim como mãe, com experiência, que os casais que não podem, ter ao menos umas fotos que lembrem aquela data, é muito importante, né.

Entrevistador – Onde é que a senhora guarda o álbum?

D. Maria Marta – Geralmente nós temos um armário com todos os álbuns dos nossos filhos. Desde que eles nascem até..., de cada um deles, “até” quando casam. Casando eu corto o vínculo e dou o álbum para eles, a não ser o da minha filha, que eu acho que filha tem um vínculo mais forte com a mãe, então, aí, eu faço um álbum dos meus netos e continua o álbum, então o álbum não tem fim, então eu brinco muito com eles, – oh, se eu morrer, está aqui, cada um chega aqui e pega o seu álbum, que já tem os nomes.

Empregada – A senhora quer alguma coisa?

D. Maria Marta – Posso falar?

Entrevistador – Fique a vontade.

(Interrupção para atender a empregada)

Entrevista – Então tem um espaço, um local que a senhora já deixa reservado para guardar?

D. Maria Marta – Sim, tem. Já têm mais de trinta álbuns. Ah, sim, tem álbum de quando eu estava grávida do primeiro..., do casamento..., tem primeiro quando eu conheci meu marido..., quando eu era neném..., quando ele era neném..., depois eu juntei esses dois álbuns..., deu espaço para colar nós dois adolescentes..., depois o nosso namoro..., depois o noivado..., é..., depois vem a época do casamento..., aí vem a família, né, e vem o álbum das crianças e eu fico grávida, aí já mostra a gravidez..., aí depois o neném..., a idade assim passando..., até..., até o vínculo que eu corto, que eu falei para você, quando casam.

Entrevistador – Quando casam!

D. Maria Marta – Porque não dá mais, aí você tem fotografias das reuniões,

todas as reuniões de almoço, jantar aqui em casa a gente tira foto em conjunto, todos nós juntos, então, tem muitos álbuns que nós guardamos no armário e são muitos álbuns..., muitos... E eu brinco com eles: – Ah, quando eu morrer, aqui é fácil, vocês chegam e cada um pega o seu, porque já tem o nome, né. Então cada um deve ter seus cinco, seis álbuns, mais ou menos, a não ser os que estão juntos, que vêm no álbum da família. Aí, isso aqui eles que se virem. Mas..., Por isso que eu falo que o álbum é uma lembrança. As fotografias trazem recordações..., Lembranças..., Pode tirar uma análise por você, se você pensar bem, hoje você não tem a sua mãe, você sente saudade, você vai lá, olha a foto, traz recordações gostosas, então é muito importante.

Entrevistador – E hoje, eu não sei se a senhora chegou a ter filmagem no casamento, que eu acho que não tinha...

D. Maria Marta – Agora já tem.

Entrevistador – É, agora já tem.

D. Maria Marta – Teve da minha filha, que foi há oito anos atrás, depois do meu filho, do outro filho meu, tivemos filmagem.

Entrevistador – Na época não tinha filmagem?

D. Maria Marta – Tinha *Slides*.

Entrevistador – Somente *Slides*?

D. Maria Marta – Mas *slides* eu fui pegar quando o meu menino..., eu fui comprar os aparelhos de *slides* já há 31..., 32 anos atrás, 32 mesmo..., que quando..., ele tem 31..., então quando ele nasceu eu já comecei com os *slides*. Têm inúmeros, tem o projetor, têm inúmeros..., têm *slides* que eles nunca vão ver, isso aqui vai ser para jogar fora, porque você não projeta mais, é muito difícil. Agora a filmagem é maravilha, você põe no vídeo e vê toda a..., o casamento, as vozes, é até mais concreto que o álbum, que parece um pouco abstrato, porque você não ouve a voz. Já a filmagem você ouve a voz, opiniões, é gostoso de ver o filme. O álbum é mais abstrato, eu acho. Mesmo você vendo as fotos, te trazendo as lembranças, não é como o filme, está vendo aqui (olhando para o álbum), televisão, vídeo, com vozes.

Entrevistador – Se tivesse, na época, o vídeo e a fotografia a senhora...

D. Maria Marta – Se eu optava por um ou por outro?

Entrevistador – Sim, por um ou por outro?

D. Maria Marta – Os dois. Acho que o álbum é uma coisa que..., você vê que nós estamos pulando para o DVD, estamos deixando do vídeo, então você já tem que se preocupar em quem vai fazer as mudanças desses vídeos para DVD, então... Já o álbum não, é aquilo que ficou ali, a herança que não muda, ela passa a ser..., ela passa a ser concreta, aí. E o DVD e o vídeo, você fica assim: – *Nossa, tenho que pegar àqueles focos. Ai se estragar o vídeo daqui como é que eu vou fazer.* –, então a gente quer imediatamente passar o vídeo para o DVD. Que eu nem sei se já fazem.

Eu tenho um garoto que casou agora, recente, que comprou o DVD, comprou não, ganhou de presente, então ele mesmo falou que não viu a fita dele, do casamento. A sogra dele viu, todo mundo viu e ele não, porque só tem o DVD (aparelho). Então, eu falo para ele vir assistir aqui, este que casou por último, em fevereiro do ano passado. Então, a gente vê que, às vezes, o aparelho..., dependendo do aparelho, dificulta mais você ver. Agora, o álbum não. É ali, você puxa, dá uma observada e já

mostra. Você tem que ter todo o cuidado, porque não pode dar na mão de criança, a ação do tempo estraga, por mais cuidado que eu tive, você vê, que já está, olha, embaçado..., já está um pouco mais manuseado. Agora, a fita não, a fita fica perfeita, você vê como se fosse no dia do casamento mesmo.

Entrevistador – Do álbum da Senhora, tem alguma foto que a senhora goste mais?

D. Maria Marta – Olha, todas elas têm uma recordação. Todas elas eu acho que..., que..., têm um momento e têm, assim, recordação. Mas a que eu acho mais interessante, entre elas, foi uma delas que eu estou com o Moacir, nós dois, acho que sozinhos. Então, aquela foto lembra mais um momento meu e dele, não sei qual delas, mais...(procura no álbum, foto nº 35), como faz tanto tempo. Aqui por exemplo, entrando na igreja, você tem a sensação..., aqui você tem a esposa do “Hélio”, que foi prefeito de São José. Todas lembranças, têm aqui, envolvendo, assim, amigos que já faleceram (pausa olhando o álbum). Aqui..., essa aqui é uma foto que lembra muito a gente, né..., eu e ele, né..., é o casamento civil, que muitos dão mais importância no religioso e, então, quer dizer: – *Oh, eu e ele dizendo um pro outro, enfim, que já estávamos casados* (pose no civil) –, mas lembra muito essa “fase” aqui, essa foto e também aqui..., essa aqui, quando você também diz sim para o padre, você também lembra muito... Aqui, essa por exemplo, que você está recebendo a aliança, é uma hora que você..., realmente, você lembra que o tempo passou e nós estamos juntos até hoje. *Trinta e três anos é muito tempo, né?* Então, falo assim: – *Oh, quanto tempo passamos juntos?* – Então, essas duas lembram muito. Depois, no final, aqui também, essa aqui marca bastante, depois do casamento. Eu acho que é uma das que mais marcam, é depois do casamento mesmo. Aqui brindando também. Quer dizer (mostra a foto – pose no final da festa), como eu falei para você, aqui é um momento a dois, já casou, estava tudo pronto, já não tinha mais nada para fazer, era só tirar fotos mesmo. Eu acho que essa foi a última foto mesmo..., acho que foi mesmo...(dúvidas), é foi, colocaram essa, mais aqui essa foi a última foto nossa, que nós estávamos ali, eu e ele, e “tava” tudo terminado. E uma foto que hoje nem existe mais (foto dos presentes), porque como hoje os jovens ganham presentes riquíssimos e antigamente, por melhor que fosse a família, os presentes eram mais..., ...mais pobres. Hoje não, hoje você vê assim, ganhando televisão, meu filho ganhou televisão de 29 polegadas, o outro ganhou de 21 ou 20 polegadas, ganha geladeira, ganha microondas. E eu ganhei o fogão, mas não está aqui. É, então, quer dizer que hoje eles não tiram mais foto dos presentes. Realmente eles mudaram essa maneira de ser, o resto continua bem parecido, às fotos, mas a de presente hoje eles não tiram não, eu que vi, eu não vi um álbum com presente de casamento, depois, assim moderno, de oito anos para cá. Vocês que fazem casamentos têm mais noção.

Entrevistador – É, são poucas às vezes que fazem. Geralmente vai ao clube e o clube, às vezes, fica longe da casa e os profissionais acabam não indo até a casa, mas têm alguns (noivos) que ainda pedem, aí mesmo no clube, os que levam presentes no clube, acabam fazendo por lá mesmo.

D. Maria Marta – Os meus meninos não têm as fotos de presentes, até os presentes..., nunca..., eles chegam..., como são muitos presentes que chegam, esses

três armários aqui (mostra os armários), eu os desocupo e vou “enfiando”, vou “enfiando” aí dentro. Então, quando chega no outro dia, se precisar trocar presente com urgência, a gente abre alguma coisa, se não, a gente nem abre, espera eles chegarem, depois de uma semana, que geralmente a lua-de-mel dura de uma semana a dez dias, então eles chegam, sentam aí vão ver os presentes, mas geladeira, televisão, máquina de lavar roupas, esses geralmente são ganhos antes do casamento. Juntam três casais, quatro casais para dar o presente. Então, têm essas mudanças que passaram, mas eu acho que uma das fotografias mais importantes para mim é aquela mesmo que o padre está abençoando você, não, porque eu sou católica, e te traz no seu subconsciente e inconsciente que Deus, naquele momento, está abençoando o casamento, é uma coisa minha, muito pessoal. Hoje em dia usa muito ir morar junto, então não têm esse negócio de benção Divina, mas para mim foi a foto que mais marcou, foi depois do casamento quando o padre já estava...

Entrevistador – Estava abençoando!... Essa (olhando a foto) que ele está abençoando?

D. Maria Marta – ...estava abençoando. Essa que ele está abençoando (mostra a foto). Então é uma hora que você se concentra, nem dá para ver o Moacir direito, mas se a gente pensar. Analisando as duas fotos juntas, uma complementa a outra. A gente olha assim. E você vai olhando, quantas pessoas aqui já morreram, quantas já estão casadas. O tempo muda muito, por isso que eu falo que o álbum é uma lembrança, que nunca a gente vai poder esquecer, eu acho que toda a noiva deveria ter um álbum.

Entrevistador – Eu acho que, para um primeiro papo nosso, está rico, está riquíssimo.

D. Maria Marta – Está rico, né. Tem bastante conteúdo para você. Eu acho que têm opiniões que vai dar para você pensar no passado, presente e futuro.

Entrevistador – A gente vai voltar a conversar, sim, talvez um pouco mais preciso, até contar algumas coisas do próprio casamento, mas por enquanto, esse primeiro mergulho que nós demos, deu pra...

D. Maria Marta – Deu para você conhecer, mais ou menos, ou, pelo menos, para você saber qual foi o motivo, o que levou a montar um álbum. Se você pensar bem, a montagem do álbum, acho que é essa mesmo, né. A pessoa querer, ter condições monetárias, que hoje em dia está muito fácil, eu vejo que na minha época, era mais difícil os pais terem dinheiro para fazer um álbum, ficava muito caro. Hoje fica mais barato, por mais caro que seja, mas ainda fica mais barato que antigamente.

Entrevistador – Popularizou mais...

D. Maria Marta – Popularizou mais, então tornou se uma coisa, praticamente pode se dizer, cotidiana, que se usa no dia-a-dia. Na minha época não, quando eu me casei, eu me lembro que a noiva que casou comigo (no mesmo dia) não tinha condições de pagar o enfeite da igreja, de ter um álbum, porque a família era mais simples, hoje em dia não, pode ser uma menina mais simples, ela tem condições de pagar o enfeite da igreja, de ter um albumzinho simples. Têm muitos fotógrafos hoje. Hoje nós temos assim, eu não sei se são bons fotógrafos, que possam se considerar fotógrafos, mas você tem..., em cada esquina, você vê uma pessoa tirando fotografias. Eu tenho amigas, tenho amigos que são formados no ITA, que são profissionais de primeira classe,

tiram álbum lindíssimos e têm outros que cobram mais caro e têm outros que cobram mais barato, inclusive o Christian, eu acho ele um “cara” que cobra o álbum barato. Certo? Em vista dos outros que eu conheço, o Christian é uma das pessoas que não explora, cobra bem baixo, fotografa direitinho. A gente exigindo dele, mostrando o que quer, o objetivo nosso, ele pode trazer um álbum bonito. Agora vale muito você dar opinião para o Christian porque ele ainda não tem, como se diz, assim... (pensa), porque esse é um (modelo) álbum antigo, mas agora as fotos são..., elas vêm dentro do álbum (no *passe-partout*), então eu acho esse álbum aqui um álbum interessante, apesar dele ser tão velho, ele tem um jeitinho de álbum moderno. O jeito dele, da colocação que o pai dele (do Christian) colocou, na época que eu pedi. Eu me baseei por um caderno, que ele seria um caderno, o caderno espiral.

Entrevistador – Então a Senhora deu opinião para ele de como a Senhora queria?

D. Maria Marta – Fui eu quem deu a opinião, de como eu queria, e eu me lembro que aqui (na capa) ele pensou pôr um véu; – *ah, não, põe a rosa minha e as duas taças.*

Entrevistador – Ah, a Senhora deu umas dicas?...

D. Maria Marta – Dei umas dicas. Ele era uma pessoa assim “bacana”, de aceitar, que têm fotografos que não aceitam, ele não, ele aceitou, ele achou que era muito “bacana”, mas têm uns álbuns, na minha época, que jogavam o véu da noiva aqui, então ficava tudo assim.

Entrevistador – A contra-capas ele fez assim.

D. Maria Marta – Ele fez, né?

Entrevistador – A contra-capas é o véu.

D. Maria Marta – Aí, oh (mostra), a contra-capas é. Então quando ele falou, eu falei para ele: – *como que é isso* –, até ele sugeriu pra mim também de pôr a aliança: – *não, eu quero a rosa e as duas tacinhas* –, aí ele foi “bacana”, falou assim, eu me lembro bem disso, é como se fosse hoje, eu muito “mulecona” ainda, que vinte anos naquela época...

Entrevistador – Mas nas poses que foram fotografadas, a Senhora chegou a dar opiniões também?

D. Maria Marta – Não, não. Ele que falava: – *Vira aqui. Olha aqui, Faz isso.*

Entrevistador – A Senhora não chegou a pedir nada assim, alguma coisa?

D. Maria Marta – Não, naquela hora, eu acho que é tão corrido para a gente, a única coisa que eu me lembro..., eu não lembro o nome mais do..., porque o pai do Christian era novo, ele ajudou o pai dele a tirar as fotos, porque o pai do Christian deve ter o que..., mais ou menos..., a mãe do Christian tem a minha idade, o avô deve ter uns oitenta anos, hoje, entre setenta e oito e oitenta, então, ele era mais que o filho, uns vinte e poucos anos, então eu me lembro assim que ele é quem falava: – *oh, reúne a família, os irmãos* –, porque você fica meia..., na hora você fica muito assim..., excitada, eu acho, então o fotógrafo ajuda muito, eu acho que o fotógrafo tem que ter muita presença de espírito, se não fica como o da minha nora, o fotógrafo é de primeira linha e não tem fotografia da família. Ele não chamou todo mundo..., não pediu..., então quer dizer que são umas coisas que a gente vê que não adianta ser profissional. Então, eu como “ouvinte”, porque como profissional, eu julgo que o fotógrafo é...,

sabe?... , sem ele..., a presença dele..., as fotos ficam muito pobres. Hoje em dia, têm muitos fotógrafos com presença de espírito muito boa.

Entrevista – Eu agradeço a Senhora o tempo disponibilizado.

D. Maria Marta – Que nada, valeu a pena, a gente trocou umas idéias...

Entrevistador – Eu vou perturbar a senhora outras vezes.

D. Maria Marta – Mas pode vir, a gente vai ter o prazer de auxiliá-lo, às vezes, o Moacir pode estar aqui, pode também dar a opinião dele, eu acho que ele não vai achar ruim também, porque homem é mais...: – *ah, não..., lembranças..., essas coisas...* –, mas eu acho que todo homem se comove com uma parte assim sentimental, por mais que ele seja profissional, intelectual, na hora que ele vê o álbum assim, ele lembra, no fundo, fica assim algo bem especial.

Entrevistador – É típico dos homens, serem assim durões, mas se derretem também.

D. Maria Marta – Derretem sim, eu acho que o executivo, o intelectual é o mais difícil a ceder, mas mesmo assim, acho que perante uma fotografia, eles: – *Olha aqui!... Olha isso!...* – é gostoso dizer isso da outra parte, principalmente, não só do álbum de casamento, mas no decorrer dos anos..., você vê as modificações..., como é que você foi..., como é que você ficou..., a ação do tempo..., a ação da idade..., tudo isso aí vai influenciar no hoje, então, acho muito importante um álbum. Quem casa..., quem tem filho..., deve ter o álbum e vamos lá falar que a fita também é muito importante. Que a fita você vê o vivo, a voz. Agora, o álbum é uma lembrança que você leva em qualquer lugar. Eu aconselho todos os noivos: – *tenham o álbum de lembrança* –. E é isso Luiz Antonio.

Entrevistador – Eu agradeço e com certeza vou procurá-la novamente.

D. Maria Marta – Uma coisa que não pensamos, como eu falei para você, olha a ação do tempo aqui, vai ficando o plástico mais velho..., a gente também..., né, Luiz Antonio, você olha assim: – *Nossa, mas eu fui assim! Olha o corpinho, né! Nossa como é que pode! Olha aqui, por exemplo, esse já morreu..., esse aqui já é casado..., aqui têm inúmeras pessoas que já foram, aqui desse lado...* (mostra no álbum) –, então é uma lembrança boa, umas desquitaram..., outras casaram novamente..., o padre que fez meu casamento, ele já não pode mais, é..., dar comunhão, está num retiro de idosos.

Entrevista – A Senhora lembra o nome do padre?

D. Maria Marta – Padre Ernesto.

Entrevistador – Padre Ernesto?

D. Maria Marta – Ele está num retiro agora, de padres. Ele foi vigário da igreja do São Dimas, desde..., em 69 e casei..., 65..., 64..., ele era um padre fabuloso, ele cativava a adolescência a participar da igreja, então fazia lanchinho, conversava com a gente, era um padre super moderno, então, quer dizer que..., tudo isso aí você vê que são coisas que se olhar assim, você lembra de tudo, cada coisa, cada momento, tudo é lembrado. E também uma outra coisa que eu acho muito importante agora, os casamentos de agora são assim..., são mais de elite, a noiva fala é traje a rigor, na minha época você não especificava o traje, a pessoa ia como queria, esporte, social, não tinha muito, assim, esses negócios, agora não, oito horas o casamento de ponta,

são vinte horas, então o casamento é realmente todo mundo de *smoking*, terno, já quando é mais cedo, o casamento às cinco horas, como o do meu filho, ele foi marcar o casamento, dormiu..., a noiva dele estava em reunião na Embraer (empresa), não podia, quando acordou foi correndo marcar e então o casamento saiu as cinco e meia, os meninos ficaram uma fera!... Nossa!.. Estão acostumados com casamento às oito e meia, nove horas; – *Marcelo, que horas você escolheu para casar? – Mas não fui eu, era o único horário que tinha, vago.* – Então foi um casamento mais *light*. Os pais ainda se vestem como se fossem mesmo de noite, até o arranjo da noiva das cinco horas já é diferente de uma das vinte duas horas, que é um casamento mais elegante, então, acho que isso aí na minha época, por exemplo, não existia. Eu casei acho que foi às dez e oito horas, só que eu atrasei, houve um erro lá, eu casei mais tarde um pouquinho, tinha gente de terno, tinha gente de esporte, de todo jeito. Então, já agora não, agora eles estão..., mais de vinte horas, todo mundo de *smoking*, terno; e o casamento as cinco, dezessete horas, a turma vai mais à vontade, depende também do clima, se estão no inverno, a pessoa vai elegante, às cinco horas, de terninho, de roupa quente tudo, mais elegante, porque no verão é infernal, viu? As cinco e meia, por exemplo, como o Marcelo (filho) casou, um calor exuberante, foi um casamento que deu bastante esporte, o do Marcelo. Já do outro que é médico, foi vinte e uma horas, então, foi um casamento realmente, como o da minha filha, muito chique, pode se falar chique. Eu já sou daquela opinião, pra mim o importante é o casal, esse negócio de exigir, tem que pôr isso ou aquilo, é tudo muito superficial, porque você não sabe o que a pessoa passa, na cabeça. O que é bom para você não é bom para o outro. Mas é isso aí Luiz Antonio.

Entrevistador – Eu agradeço a disponibilidade do tempo e da simpatia.

D. Maria Marta – Por nada e espero poder ajudar novamente.

Entrevista II - 1976

Entrevista com o casal Lurdes e Moacir, realizada em sua residência, no dia 14 de junho de 2003. O casamento aconteceu no dia 17 de julho de 1976, na Igreja São Dimas, em São José dos Campos, São Paulo.

Entrevistador – Por que vocês quiseram um álbum de casamento?

Sr. Moacir – O álbum foi um... É uma lembrança que agente deixa; né o Liu?... “Pros” nossos filhos e netos. É a única coisa que a gente pode “tá” deixando pra eles, mostrando o que foi o passado na vida da gente... Então, é a única maneira de lembrança.

D. Lurdes – É pra família inteira ficar revendo... Matando saudades... (ela ri)

Sr. Moacir – Eu tive um parente meu, lá de Minas... Um irmão, a gente “ta” sempre revendo as fotos. Esses dias mesmo, o meu padrinho de casamento veio com o meu tio, deve ter matado (a saudade)... Não viu, “mor”? Aquele dia?

D. Lurdes – Não, o álbum não “tava” aqui. Mas ele é muito chorão, se visse ia encher os olhos... (ri novamente)

Sr. Moacir – Então, é isso aí.

Entrevistador – E foi assim... Foi de comum acordo, quem que teve, assim... Se preocupou mais em estar “correndo atrás de álbum”? Quem fotografou? Quem foi o fotógrafo?

Sr. Moacir – Foi em comum mesmo, né? (olhando para D. Lurdes)

D. Lurdes – Nós sempre resolvemos tudo junto. Né, Bem?

Sr. Moacir – Porque, na época, só tinha mesmo fotografia, então, fomos nós mesmos...

D. Lurdes – Aí nós fomos lá, nós dois que fomos atrás das coisas e vimos isso.

Entrevistador – O casamento inteiro foram vocês que... Os dois que organizaram juntos isso? Foram atrás?

Sr. Moacir – É, os pais dela não moravam aí...

Entrevistador – Então, foram vocês mesmos que contrataram...

D. Lurdes – Nós dois fomos lá... (olhando para o Sr Moacir) Foi na Foto Brasil?... Naquele tempo, eu me lembro. Depois nós vimos um “monte” de coisas. Tudo “nóis” dois..., “Nóis” dois que fazia tudo, porque eu era sozinha...

Sr. Moacir – E esse álbum aí, na realidade, foi feito no dia... Do casamento (contratado), Você orientava os fotógrafos, os fotógrafos... Tinha vários fotógrafos, então, vocês escolhia... O “cara” vinha... Você já contratava na hora, lá, na hora.

D. Lurdes – É, isso foi verdade. Eu me lembro, que ele saiu, tinha vários fotógrafos...

Sr. Moacir – Tinha vários fotógrafos, você é que escolhia um...

D. Lurdes – Moacir, nós não tínhamos ido primeiro na Foto Brasil, dá uma olhada? Só que a gente não marcou nada... Aí no dia do casamento, os fotógrafos ficavam tudo ...

Sr. Moacir – “Tavam” lá...

Entrevistador – Aí na hora vocês viram ele e...?

D. Lurdes – Isso, aí você... Aí, então, a gente escolheu ele. O rapaz saiu de lá definido, tudo ficou definido... Mas foi escolhido na hora...

Entrevistador – Vocês lembram quem é o fotógrafo?

D. Lurdes – Ah, não lembro.

Entrevistador – Não lembram, nem?

D. Lurdes – Não lembro, não.

Entrevistador – Esse Foto Brasil era onde?

D. Lurdes – Na rua Sete.

Entrevistador – na rua Sete?

D. Lurdes – Acho que é, né.

Entrevistador – Aí no álbum não falava nada?

D. Lurdes – Se falava, eu não lembro. Mas foi no Foto Brasil.

Entrevistador – Seria bom se eu pudesse entrevistar o pessoal de lá.

D. Lurdes – Ah, eu não lembro... Na capa, não tem? Na capa não tem marcado alguma coisa?

Entrevistador – É, se fosse do Foto São José, que também é antigo, seria mais fácil.

D. Lurdes – Mas a Foto Brasil acho que tem na rua Sete, eu já passei e vi “ela lá”. Lá tem muitas Fotos, parece.

Entrevistador – É, Ali têm vários...

D. Lurdes – E vai mudando os nomes, né?

Entrevistador – É..., pode ter mudado.

D. Lurdes – Isso é verdade mesmo, porque na época, ali a rua Sete, era pouca coisa que tinha, pouca casa.

Entrevistador – Na época, o Foto São Paulo e o Foto São José eu acho que já tinha.

D. Lurdes – É...

Entrevistador – E, quando vocês escolheram as fotos, como que se deu a escolha? Vieram várias fotos para vocês escolherem? Ou já...?

Sr. Moacir – Já foi contratado vinte... Vinte e duas... Trinta e seis fotos... Na época era feito assim... Vou bater trinta e seis e...

D. Lurdes – Não tinha escolha não...

Sr. Moacir – Ele conversava, falava assim: *Vou bater trinta e seis fotos...* Era de doze, vinte e quatro e trinta e seis, então as trinta e seis batia e...

Entrevistador – Já vinha completo? Igual álbum de formatura? Não teve escolha?

D. Lurdes – Não é igual hoje, não.

Entrevistador – Na hora já contratava o fotógrafo e falava o tanto e pronto?...
(D. Lurdes ri)

Sr. Moacir – Esse álbum, aqui “tá” no civil, né? Esse fotógrafo foi escolhido lá no civil, ele fez o civil e já contratamos para a igreja...

D. Lurdes – Eu não lembro... Então, não foi na igreja?...

Sr. Moacir – Então, não foi na igreja não...

D. Lurdes – Era no civil mesmo então...

Entrevistador – Na igreja tinha também?D. Lurdes – Ficava bastante fotógrafo, ficava...

Sr. Moacir – Esse aqui foi legal, ele de manhã na... Na época tinha de manhã, no sábado. Casava no civil, sábado. E a tarde era na igreja.

Entrevistador – Hoje também está tendo o civil, no sábado, novamente.

Sr. Moacir – Esse (fotógrafo) foi escolhido no civil e foi conversado de fazer o casamento na igreja.

D. Lurdes – Eu ainda estou com o Foto Brasil na cabeça.

Entrevistador – Mas tinha um Foto Brasil sim, não sei se ainda tem. Há uns nove anos eu sei que tinha.

Sr. Moacir – É, O Foto Brasil existia...

D. Lurdes – Porque, então, nós fomos pegar lá, no Foto Brasil. Aquele que nós levamos a foto da lua-de-mel para revelar. Lembra? (olhando para o Sr. Moacir)

Sr. Moacir – É, mas pode ter sido o...

D. Lurdes – Aquele que a máquina quebrou, um negócio assim...

Entrevistador – E, depois que passou a euforia de ver o álbum, depois de um ano, esse álbum é sempre revisto?

D. Lurdes – A gente aqui, é todo ano... (novamente ri)

Sr. Moacir – Aqui teve uma foto que foi uma polêmica danada... “Num” sei se é a última...

D. Lurdes – Ah, essa “tá” coberta. Era outra foto que tinha... Nós nem tiramos a foto aí de trás, é o pai dele... Cadê aquela foto?

Sr. Moacir – Meu pai condenou a foto... “Tava” beijando, né.

D. Lurdes – Falou que era comunismo.

Sr. Moacir – Foi na Brasília, no carro...

D. Lurdes – Na hora que a gente saiu da igreja.

Entrevistador – Acho que ela está aí sim.

D. Lurdes – Ela está atrás, lá atrás, na última foto... (indicando no álbum)

Entrevistador – Está aí sim. (todos procura a foto no álbum)

Sr. Moacir – É, foi uma polêmica danada... (procurando a foto no álbum)

D. Lurdes – Só que o pai dele, a hora que viu o álbum, ficou muito bravo: *Isso aqui é comunismo. Vai ficar beijando, é?* Ela ficou muitos anos escondida... É essa daí. (apontando a foto)

Sr. Moacir – Essa daqui... (D. Lurdes dá risadas)

Entrevistador – Comunismo!?

Sr. Moacir – É! Ih! Ele não gostou nada!

Daniele (filha do casal) – Mas estava casado, o que que tinha a ver?

Sr. Moacir – Ele achava que era comunismo, porque na época uma foto dessa aqui para ele era...

D. Lurdes – Coitado, como as coisas eram antes disso aqui, né... Ele era muito conservador e depois, imagina... Aí essa foto ficou muito tempo escondida.

Entrevistador – Depois vocês colocaram ela no álbum?

D. Lurdes – Depois que ele... Fazia muito tempo que ele tinha morrido, nem bem? Tem pouco tempo que a gente tirou ela daí.

Entrevistador – Mas ela estava escondida?

D. Lurdes – É, então, Ela “tava” aqui dentro. Nós colocamos uma foto, ali, que é de batizado. Ficou atrás da do batizado. Aí, depois a gente tirou.

Entrevistador – Esse batizado de quem é?

D. Lurdes – É o primeiro afilhado de nós dois, fazia um ano de casada, aí eu fui madrinha.

Entrevistador – Eu pensei que fosse um dos filhos.

D. Lurdes – Não, não.

Sr. Moacir – Ele tinha algo a ver comigo, na aparência...? (mostrando a foto do pai)

Entrevistador – Ah, parece um pouco sim.

D. Lurdes – Mas parece bem... É que você tem mais aparência com a sua mãe, mas parece sim. É que o seu pai não era careca.

Daniele – Engraçado, meu “vô” não era careca e todos os filhos são carecas.

D. Lurdes – Puxou a família da sua vó...

Entrevistador – Dos padrinhos, só aquele do civil quem faleceu?

Sr. Moacir – Só, só o padrinho.

D. Lurdes – Viu, e são os pais dele (do Sr. Moacir) que são nossos padrinhos. Assim, os pais dele são meus padrinhos na igreja. Na igreja são os únicos dois... Tem a tia dele que foi madrinha lá também. É o maior “barato” ela.

Sr. Moacir – Esse meu cunhado, aqui (mostra na foto), é que entrou com ela na igreja. O pai dela não quis entrar.

Entrevistador – Ele não quis entrar?...

D. Lurdes – Meu pai falava que ele não entrou com a minha irmã que casou, então, ele falava que não entrou com ela, não ia entrar com ninguém.

Entrevistador – Mas ele estava presente?

D. Lurdes – “Tava”, tem a foto dele aí...

Entrevistador – Não quis ficar no altar?...

D. Lurdes – Não, não quis ficar no altar não... Sabe por quê? Ele tinha vindo para cá muito doente, ele e a minha mãe. Inclusive no meu casamento ele “tava” muito doente... Minha mãe “tava” muito doente...

Entrevistador – Tem uma foto dele aqui na recepção...?

D. Lurdes – Tem... Ele não achava... Ele não gostava... Não sei se não “tava” bom... Aí depois do meu casamento ele veio embora para cá (pausa). Nossa! Se você vê a minha mãe

hoje. Ela veio “bem acabada”, era muito ruim. Aí ela veio para cá, era tiróide que ela tinha, operou, “cabou” o problema dela.

Entrevistador – E ela mora onde?

D. Lurdes – Mora na Corinto (uma rua próxima), ali!

Entrevistador – Então, mora perto?

D. Lurdes – Mora. Aí, essa aqui (mostra no álbum) é irmã da minha sogra, ela que ajudou no nosso casamento. Aí eu encontrei agora, há pouco tempo, ela falou: –

O *Olha, parabéns, vocês são os únicos que estão segurando a barra.* – porque os irmão dele..., já têm dois que estão se separando. E foi mesmo, por causa dela que a gente começou a namorar. Mas ela é um barato, bebe pinga igual água.

Entrevistador – E essa pessoa que aparece em várias fotografias aqui na igreja? (mostro o na fotografia)

D. Lurdes – Ah, é irmão dele, irmão do Moacir.

Entrevistador – Ele aparece várias vezes.

D. Lurdes – É, olha a barba dele. Essa menina aqui (mostra no álbum), nós fomos padrinhos de casamento dela, agora...

Entrevistador – E esse padre?...

D. Lurdes – Esse padre? Esse padre eu não... Eu já ouvi falar desse padre...

Sr. Moacir – Padre Ernesto...

D. Lurdes – Padre Ernesto... Padre Ernesto que era do ...

Sr. Moacir – ... Padre Ernesto ou Genésio?.

D. Lurdes – Não, Padre Ernesto!... Não Bem, era o padre Ernesto que tinha no São Dimas...

Sr. Moacir – O padre de bigode. Não existia... Padre não usava bigode, até então, os mais antigos.

Entrevistador – Mas ele era padre?

D. Lurdes e Sr. Moacir – Era padre!

Entrevistador – É que está com a Estola de diácono, na diagonal.

D. Lurdes – Mas ele era padre.

Sr. Moacir – Naquela época a gente não ia muito na igreja...

D. Lurdes – É verdade. A gente ia na missa, mas não freqüentava a igreja, como faz hoje...

Daniele – Vai vê que não era padre.

Entrevistador – Como que é o nome dele? Diácono...

D. Lurdes – Ele falava padre Ernesto, que ele falava.

Entrevistador – Ernesto?...

Sr. Moacir – Padre Ernesto era o padre, vai vê que ele era o diácono.

D. Lurdes – Naquela época, não era o diácono que fazia o casamento, era o padre (insistente)! É, não fazia com diácono, por isso que estou falando...

Sr. Moacir – É, não era diácono...

D. Lurdes – Porque diácono está fazendo casamento, faz pouco tempo, casamento, batizado. Que quando a nossa afilhada foi batizada, era só padre que fazia batizado. Até quem foi padrinho foi o Joel e a Zeneida. E essa parece comigo? (aponta a foto)

Entrevistador – Parece um pouco.

D. Lurdes – Não é não. Essa é madrinha da Dani (filha).

Entrevistador – Tem alguma foto que vocês gostaram mais?

Sr. Moacir – A foto que eu achei mais assim, que destacou mais, em termos de “bem feitinha”, essa antes do beijo (pose dentro do carro). Que eu gostei mais em termos de aparência.

D. Lurdes – e “tá” dentro do carro.

D. Lurdes – e “tá” dentro do carro.

Sr. Moacir – Essa “tá” dentro do carro!?

D. Lurdes – Dentro do carro, é. Oh, o beijo... (e ri)

Sr. Moacir – Essa aqui é o beijo. (os dois riem)

Entrevistador – Aí, no álbum, ficava só essa daí? (mostro a foto da pose dentro do carro)

D. Lurdes – A outra ficou um bom tempo guardada.

Entrevistador – E na igreja, não tem nenhuma foto assim, em especial?

Sr. Moacir – Era tudo emprestado... (olhando para as fotos)

D. Lurdes – Aquela época era o “maior barato”...

Sr. Moacir – Esse paletó casou um monte de gente...

D. Lurdes – Os irmão eram... Eu tinha bastante irmãos, em casa, e eram todos um perto do outro, porque um casa com o paletó e o outro ia ser padrinho com o paletó e variava...

Entrevistador – Até hoje é assim.

D. Lurdes – É muito engraçado...

Sr. Moacir – O álbum é pra gente... A gente acha que as pessoas que a gente tem amizade vai falecendo, no caso do meu pai que já faleceu, aqui eu não sei se dá para aparecer também meu tio Fabiano, que já faleceu...

Daniele – A minha madrinha...

Sr. Moacir – Essa é a importância do álbum, da foto. Álbum eu acho mais fácil. O vídeo ele fica muito..., vou colocar o vídeo, um já : – *Vou dá uma saidinha!* – não vê. E a foto não, a foto “tá” na mão, aí, né?

Entrevistador – É mais fácil?...

Sr. Moacir – Mais fácil... (silencia) Esse padrinho que faleceu, era ali da padaria Atalaia. Ali era tudo dele.

D. Lurdes – É, tudo dele.

Sr. Moacir – A gente tinha um time que não saía de lá...

D. Lurdes – Na onde era a padaria, era lanchonete...

Sr. Moacir – “Nóis” fechava a lanchonete... “Nóis” fechava a lanchonete... Inclusive a gente levava no restaurante da Vila São Bento, eles pagavam o *chopp*. Lá “nóis” ia e sugava do homem. Lá ele ia e pagava a despesa, lá churrascaria.

Entrevistador – Era um time de futebol?

D. Lurdes – Time de futebol, oh!!! (sinal de bebida) Eu falo para ele que era barril quando bebia.

Entrevistador – Eu pensei que era um time de futebol que vocês tinham. (D. Lurdes cai na risada)

Sr. Moacir – Um time de cervejada! (mais risadas de D. Lurdes)

D. Lurdes – Você acredita que eu tenho essa roupa até hoje (mostrando a foto do civil)? “Tá” desse “tamanhinho” assim (dá risadas).

Entrevistador – Tem essa roupa até hoje?...

D. Lurdes – Ele tinha a calça, que ele casou com ela, até pouco tempo, não sei se guardou. Calça da boca fina... Não, da “bocona”...

Daniele – Não, ela “tá” aí...

D. Lurdes – Não, aquela que ele “tava” trabalhando... Calça branca...

Sr. Moacir – Da igreja?

D. Lurdes – É... (pausa) O Danilo (filho do casal) chegou a usar ela uma vez.

Entrevistador – O meu pai tem a gravata até hoje.

Daniele – O meu pai também tem... O Danilo que usa.

D. Lurdes – Mais voltam... Vai voltando, nem?

Entrevistador – E olhando para o álbum dá para recordar várias coisas?

D. Lurdes – Muita coisa boa... Hoje eu “tava” até falando com a Daniele: – *Olha Daniele, é um dia que marca a vida da gente. É um dia que você tem a atenção de todo o mundo. Todo o mundo olha para você.* – Agora, eu fiz o seguinte; quando eu fui arrumar para casar, porque ninguém foi me ajudar. Imagina, eu não tinha condições de “ta” pagando uma pessoa para me arrumar. Eu só fui arrumar o cabelo no dia do civil, mas na igreja não tinha ninguém para me arrumar. Eu, “igual tonta”, enrolada para ir para a igreja. Eu lá no quarto, desesperada, sem ninguém para me arrumar. Aí, foi a madrinha do casamento nosso, parente dele, chegou lá e foi me ajudar. Eu não tinha ninguém nem para apertar o vestido para mim. Foi o maior sufoco... (indignada)

Sr. Moacir – Esse é falecido... Recordação... Padrinhos dela, morreram de acidente.

Daniele – Ela e o pai dela faleceram.

Sr. Moacir – Morreu o pai e ela.

Entrevistador – Mas, faz tempo?

Sr. Moacir – A Daniele era novinha.

Daniele – Faz uns doze anos para mais.

D. Lurdes – É, o álbum faz lembrar muita coisa... O que aconteceu... Muitas coisas na vida das pessoas... Esse irmão dele, que aparece aí nas fotos, quando a gente casou, ele era muito autoritário, tudo era ele que mandava. Aí depois, passou um tempo, ele namorava uma moça, aí terminou com a moça, aí passou a beber, beber. Não sei o que ele arrumou, aí desapareceu meu cunhado, depois de muitos anos, ele ainda “tava” sofrendo e hoje ele é outra pessoa, parou de beber, mudou muito. Quando ele era solteiro, era conservador.

Por um problema técnico, uma parte da entrevista não foi gravada. Fez-se necessário uma continuação dessa entrevista, que foi realizada no dia 22 de agosto de 2003, no mesmo local da 1ª entrevista.

Entrevistador – Depois de alguns anos, depois que passou aquela euforia do álbum, esse álbum é revisto? Vocês o revêm sempre?

D. Lurdes – Ah, sim. A gente sempre “tá” revendo. Quando chega os amigos, os parentes, a coisa que agente mais gosta é de mostrar. A gente “tá” sempre recordando. *Recordar o passado* – como é que fala? – *é ser feliz duas vezes.* (risadas) É, a foto é uma coisa muito importante para a gente. Uma coisa que não acaba.

Entrevistador – E tem algum lugar especial para guardar o álbum? Onde que esse álbum é guardado?

D. Lurdes – No meu guarda-roupa. Fica lá, dentro da caixinha, no guarda-roupa.

Entrevistador – Tem um lugar próprio para guardar?

D. Lurdes – Sempre ficou lá, desde...

Entrevistador – E as outras fotos ficam lá também?

D. Lurdes – Tudo junto. As nossas ficam tudo lá.

Entrevistador – E, além desse álbum de casamento, tem mais alguma seqüência de álbuns que vocês fizeram depois?

Sr. Moacir – Álbum de batizado.

D. Lurdes – Ah, tem das crianças, dos filhos que vêm depois. A gente vai acompanhando junto, ali, vai colocando junto, ali. Eu e Moacir, a gente já viu o casamento, já vê os filhos e é a continuidade da família.

Entrevistador – Como a senhora estava falando, então, a escolha do álbum, foi na época que já tinha o colorido?

D. Lurdes – Já tinha o colorido. Foi por opção do preto e branco pela situação mesmo.

Entrevistador – Então já tinha o colorido?

D. Lurdes – Já tinha... Eu nunca vi. Na época, eu não cheguei a ver... Na época... Comentavam da foto colorida... Mas foi pela situação mesmo, na época.

Entrevistador – Que ele era mais barato?

D. Lurdes – Era bem mais barato.

Entrevistador – No álbum, tem alguma foto que vocês gostam mais, além das que vocês já apontaram?

D. Lurdes – Essa daqui a gente tirou dentro do carro, na hora que a gente saiu da igreja. Essa daqui foi o caso da foto que ficou muitos anos escondida, porque o meu sogro não podia ver essa foto. Ele falava que era comunismo. Que a gente tirou uma foto beijando na boca, naquela época era muito difícil você vê. Então, ela ficou muitos anos escondida dentro do álbum. Aí, depois de muito tempo que ele faleceu, que a gente tirou. Tem bem pouco tempo que a gente tirou essa foto.

Entrevistador – E ela ficava escondida?

D. Lurdes – Ficava escondida. Assim em respeito a ele, né. Ele era uma pessoa muito boa, muito bacana, ele era bem... Nessa época... Ele achava que isso era uma falta de respeito, mesmo na foto, que todo mundo ia olhar a foto e ia ver. (risadas)

Entrevistador – Então, essa é a foto que vocês acham mais bonita? Essa do carro?

D. Lurdes – É, essa daqui, na Brasília. (risadas)

Entrevistador – Lá da igreja, dos momentos da igreja, tem algum em especial para vocês?

D. Lurdes – Essa foi do civil, depois do casamento civil. Inclusive eu tenho a roupa guardada até hoje. É uma relíquia que vai ficar. Eu falo pra Danielle: *Guarda até depois que eu tiver ido.*

Entrevistador – Então, faz essa função também?

D. Lurdes – Faz, de guardar as coisas... Que vai passando de pai para filho, vai passando para os netos. Igual hoje, a Danielle, ela adora as fotos dos avós dela, do tempo que eles eram assim jovens. E ela fica encantada ela gosta de mais de fazer, de ampliar. Têm umas ampliações aqui que ela mandou fazer...

Sr. Moacir – Essa jaquetinha, aqui também, ela tem guardado em casa...

D. Lurdes – ... É uma recordação muito boa.

Sr. Moacir – ... Que vai guardar...

Entrevistador – A jaqueta, né?

Sr. Moacir – É!...

Entrevistador – Então, o álbum é isso? É uma recordação?

D. Lurdes – Pra gente tem uma importância muito grande, né. É uma coisa... Foi uma época sofrida, mas que... E alegre ao mesmo tempo, que a gente, numa situação difícil que a gente “tava”, mas a gente “tava” realizando uma coisa que prevaleceu, né. Já vai fazer vinte e sete ano e é uma coisa que... Hoje eu casaria do mesmo jeito. Você entendeu? Eu acho que para mim, eu voltaria no tempo e faria tudo de novo. Não me arrependo de nada. Então, esse álbum,

pra mim, tem uma importância muito valiosa. Então, eu pretendo cuidar dele, pra conservar mais. Agora, fala você. (risadas). Ficou inibido? (falando com o Sr. Moacir)

Sr. Moacir – Não estou inspirado hoje, não.

Entrevistador – Então, está bom. Era esse fechamento que estava faltando...

Entrevistador – Então já tinha o colorido?

D. Lurdes – Já tinha... Eu nunca vi. Na época, eu não cheguei a ver... Na época... Comentavam da foto colorida... Mas foi pela situação mesmo, na época.

Entrevistador – Que ele era mais barato?

D. Lurdes – Era bem mais barato.

Entrevistador – No álbum, tem alguma foto que vocês gostam mais, além das que vocês já apontaram?

D. Lurdes – Essa daqui a gente tirou dentro do carro, na hora que a gente saiu da igreja. Essa daqui foi o caso da foto que ficou muitos anos escondida, porque o meu sogro não podia ver essa foto. Ele falava que era comunismo. Que a gente tirou uma foto beijando na boca, naquela época era muito difícil você vê. Então, ela ficou muitos anos escondida dentro do álbum. Aí, depois de muito tempo que ele faleceu, que a gente tirou. Tem bem pouco tempo que a gente tirou essa foto.

Entrevistador – E ela ficava escondida?

D. Lurdes – Ficava escondida. Assim em respeito a ele, né. Ele era uma pessoa muito boa, muito bacana, ele era bem... Nessa época... Ele achava que isso era uma falta de respeito, mesmo na foto, que todo mundo ia olhar a foto e ia ver. (risadas)

Entrevistador – Então, essa é a foto que vocês acham mais bonita? Essa do carro?

D. Lurdes – É, essa daqui, na Brasília. (risadas)

Entrevistador – Lá da igreja, dos momentos da igreja, tem algum em especial para vocês?

D. Lurdes – Essa foi do civil, depois do casamento civil. Inclusive eu tenho a

roupa guardada até hoje. É uma relíquia que vai ficar. Eu falo pra Danielle: *Guarda até depois que eu tiver ido.*

Entrevistador – Então, faz essa função também?

D. Lurdes – Faz, de guardar as coisas... Que vai passando de pai para filho, vai passando para os netos. Igual hoje, a Danielle, ela adora as fotos dos avós dela, do tempo que eles eram assim jovens. E ela fica encantada ela gosta de mais de fazer, de ampliar. Têm umas ampliações aqui que ela mandou fazer...

Sr. Moacir – Essa jaquetinha, aqui também, ela tem guardado em casa...

D. Lurdes – ... É uma recordação muito boa.

Sr. Moacir – ... Que vai guardar...

Entrevistador – A jaqueta, né?

Sr. Moacir – É!...

Entrevistador – Então, o álbum é isso? É uma recordação?

D. Lurdes – Pra gente tem uma importância muito grande, né. É uma coisa... Foi uma época sofrida, mas que... E alegre ao mesmo tempo, que a gente, numa situação difícil que a gente “tava”, mas a gente “tava” realizando uma coisa que prevaleceu, né. Já vai fazer vinte e sete ano e é uma coisa que... Hoje eu casaria do mesmo jeito. Você entendeu? Eu acho que para mim, eu voltaria no tempo e faria tudo de novo. Não me arrependo de nada. Então, esse álbum,

pra mim, tem uma importância muito valiosa. Então, eu pretendo cuidar dele, pra conservar mais. Agora, fala você. (risadas). Ficou inibido? (falando com o Sr. Moacir)

Sr. Moacir – Não estou inspirado hoje, não.

Entrevistador – Então, está bom. Era esse fechamento que estava faltando...

Entrevista III - 1987

Entrevista com o casal José Henrique e Vera, realizada no dia 07 de setembro de 2003, em sua residência. O casamento aconteceu no dia 10 de Janeiro de 1987, na Igreja do Coração de Jesus, em São José dos Campos, São Paulo.

Entrevistador – Por que vocês escolheram ter um álbum de casamento? Por que vocês quiseram ter um álbum de casamento?

José Henrique – Eu não sei. Acho que é mais... Por tradição. Na época, eu deixava acontecer, eu não “tava” muito ligado na... No que ocorria... De álbum, né. É que hoje muda, né. É que hoje muda a concepção. Com a cabeça que eu tenho, talvez eu não “taria” muito desligado, “tava” mais ligado. “Mais” por mim, se tivesse ou não tivesse... Eu, por exemplo, na época, não pensava muito nisso, não. Era mais questão da Vera que...

Vera – Eu, por exemplo, pela minha concepção; *O álbum é a história da vida da gente*. É uma coisa para a gente guardar, e acaba mostrando “pros” nossos filhos, “pros” nossos netos, futuramente. Então, eu acho uma coisa muito legal de você estar guardando, o acontecido, um momento importante da sua vida, porque o casamento é importante. Então, se tem uma coisa registrada para guardar, é muito legal, para você estar contando essa história mais para frente.

Entrevistador – Então, essa foi a razão principal de se ter o álbum?

Vera – Foi!...

José Henrique – Inclusive ela chegou lá para escolher as fotos, ela falou: *Eu quero todas...* Não escolheu, pegou todas. Cinquenta e poucas fotos.

Entrevistador – E quem foi que pediu o álbum? Partiu de quem? Foi da Vera mesmo?

Vera – Não, a gente comentou, né, de fazer, mas ele tinha o irmão dele que era fotógrafo: *Não, eu vou falar com o meu irmão e meu irmão faz*. Então, mas a idéia de fazer foi da gente mesmo.

Entrevistador – Foi em conjunto?

Vera – Foi em conjunto, é.

Entrevistador – O fotógrafo foi o irmão dele, então?

Vera – Foi.

Entrevistador – Houve alguma coisa, em especial, para a escolha do seu irmão, para fazer o álbum.

José Henrique – Não, porque... Digamos, porque “tá” na família, já vai vir para o casamento, ele fotografa, vai ficar mais econômico e... E ele faz. Talvez se tivesse contratado um profissional de fora, talvez a condição financeira “talvez” tivesse limitado a quantidade de fotos, tivesse... Apesar de irmão, ele não deixou de cobrar. Cobrou um preço subsidiado, preço baixo. Não cobrou, muito, a mão-de-obra dele. O trabalho de vir... Que ele veio de São Paulo pra cá.

Entrevistador – Ele é de São Paulo?

José Henrique – É de São Paulo... Ele veio para cá e fez o trabalho. Inclusive para buscar o álbum lá... Nós fomos buscar o álbum... Fomos escolher as fotos lá, depois fomos buscar o álbum. E... Mas a escolha primeiro por ser da família: *Se o*

irmão faz, porque nós vamos trazer outra pessoa para fazer.

Entrevistador – Mas tem alguma coisa a ver com a própria responsabilidade? Com o profissionalismo? Com essas coisas?

José Henrique – Ah, sim, sim, porque... Já que vai fazer, e a gente já tinha visto o trabalho dele. Ele era um apaixonado... Na época, ele era um apaixonado por foto, vivia praticamente disso e... Ele fazia umas fotos muito bonitas. Ele já tinha feito as fotos do outro irmão meu. Inclusive ele fez um álbum mais elaborado, conseguiu levar para uma praça, aonde fez umas fotos bonitas. Aí, através do trabalho que a gente... Que a Vera... Que a gente viu, aí eu falei: *Já que o meu irmão fez, e ele fez bem feito, a gente... Vamos chamar ele também pra fotografar.*

Entrevistador – Foi uma confiança a mais, o fato de ser irmão?...

José Henrique – Ser irmão e... E pela qualidade também.

Entrevistador – Qual o critério que vocês usaram para a escolha das fotos? Até você falou que foram todas as fotos?

José Henrique – Foram todas as fotos porque... A Vera, ela tem um pouco de exagero, não sabe... Ela chegou lá, fomos escolher as fotos, ela falou: *As amostras pequenininhas*; inclusive até as amostras pequenas, ela trouxe aqui para nós.

Entrevistador – Não deixou nada lá?

José Henrique – Não deixou nada. Então, ela trouxe as amostras, da escolha. Aí, e... Foi lá e escolheu todas, nem. Menos aquelas que de repente por... Duplicadas ou de repente com algum defeito de... De foco, de luz. Aí, por ele ser um profissional, ele não colocou... Já nem mostrou direito, nem... Tirou fora e falou: *Não, essa daqui eu não vou pôr, porque não 'tava' bem de acordo.* Mas isso, o critério, a princípio, pra mim, seria menos fotos. Mas ela chegou lá e falou: *Quero todas.* E todas... Já que geralmente “essas coisas é” com elas, daí deixei ela escolher.

Entrevistador – Teve um motivo especial para você escolher todas, Vera?

Vera – Não, é... Sei lá, eu gosto de... Já que eu tirei, foi minha e... É um momento da vida da gente, porque que eu vou deixar com os outros? Não, eu vou levar tudo. Tudo é minha mesmo. Então, vai ser minha mesmo (risadas). Vou embora.

Entrevistador – Acabou ficando com todas mesmo?

Vera – Acabei ficando com todas.

Entrevistador – Só as que não estavam boas?...

Vera – Só as que não tinham, né... Meio distorcidas... O foco. Foi assim, o que não ficou legal a gente não ficou, mas as outras todas a gente pegou.

Entrevistador – E foi assim, na hora de escolher, mesmo você pedindo todas, praticamente foi de comum acordo, a escolha das fotos?

Vera – Foi. Primeiro eu dei uma olhada. O Henrique não, só: *O que você decidir, “tá” decidido.*

Entrevistador – Você decide e pronto?

Vera – É... Peguei tudo e falei assim: *oh, não vamos escolher não, vamos mandar tudo para o álbum de uma vez.* E colocamos tudo no álbum. (pausa) Mas se fosse questão de escolher, caso a gente tivesse contratado um outro profissional, que não fosse alguém da família, aí agente ia pensar mais e selecionar algumas. Aí a gente ia ver as melhores, as que não estavam repetidas. As que estivessem com imagem

melhor, para não ficar uma coisa muito repetitiva. Porque aí (aponta o álbum) têm várias que dava para ser tiradas, né. Mas como eu falei: *não, vamos pôr todas*. Então, põe todas mesmo.

Entrevistador – Qual o destino deste álbum de vocês? A que se destina este álbum depois de feito? Ele é revisto sempre?

Vera – Ah, de vez em quando eu dou uma olhadinha. O Henrique que raramente pega nele. Coisa mais rara mesmo é ele pegar neste álbum. Às vezes vem alguém: *Ah, o seu álbum de casamento? Como foi? Quer vê*. Aí a gente mostra. E de vez em quando a gente dá uma olhada, a criançada vê. Esses dias a criançada fez um comentário: *Ainda bem que quando a gente fica velho, a gente fica mais bonito* (risadas). O Willian olhou a foto, de quando a gente casou e falou: *Vocês eram muito “feinhos”* (risadas). Então, vai guardando pra... A gente “ta” guardando a história da gente mesmo, pra “tá” mostrando futuramente. Chega daqui uns vinte e cinco anos: *Né, Henrique* (olhando para o marido)? Que nós vamos fazer o próximo, daqui uns nove anos, aí a gente: *Oh, ‘vão’ vê como foi o primeiro, como foi o segundo*. Então, é um momento muito especial.

Entrevistador – E tem algum lugar?... Onde é que fica guardado o álbum?

Vera – Fica guardado no Quarto.

Entrevistador – Tem um lugar especial para guardar o álbum ou todas as fotografias?

Vera – Ficam todas as fotografias guardadas juntas.

Entrevistador – Tem um espaço já separado.

Vera – É, pra todas as fotos.

Entrevistador – O Fotógrafo foi seu irmão, e ele trabalha ainda com fotografia?

José Henrique – Não... Na época que ele fotografou para a gente, ele fez... Ele era fotógrafo e taxista, fazia os dois serviços. Antes ele trabalhava na indústria e fotógrafo, aí saiu da indústria e foi ser taxista e fotógrafo e... Mais prá frente, agora não sei porque, talvez pelo mercado, o mercado “tava” saturado ou de repente achou que o táxi dava mais e hoje é só taxista. Não trabalha mais como fotógrafo. Tem o equipamento, tudo de fotografia, mas não exerce mais a profissão.

Entrevistador – Mas passou muito tempo, depois que fez o álbum, para ele parar?

José Henrique – Oitenta e sete que ele fotografou, meu irmão ainda casou em... Em noventa e ele “tava” fotografando. Acho que ele ainda ficou mais uns cinco ou seis anos, ainda, fotografando. Ele ainda ficou um tempo fotografando.

Entrevistador – Vocês fizeram vídeo, também, no casamento?

José Henrique – Olha, o vídeo foi até engraçado porque a gente chegou... Não sabia... Meu irmão veio prá cá, ele morava em São Paulo, veio com a família e perguntou para mim onde que ficava... Qual o local que seria a igreja, que seria o casamento. Aí eu falei prá ele. Aí ele falou: *Oh, tenho que ir na casa da minha... Da madrinha da minha filha – que é a daminha –, eu tenho que ir lá, que ela mora aqui, “tá” morando aqui em São José, mudou para cá*. Aí... Mas na verdade ele “tava” indo levar a equipe de filmagem... A equipe de filmagem. Aí... E filmagem naquela época era a coisa mais rara do mundo, coisa para quem tinha dinheiro mesmo. Aí, eu

entrando, o Maurício chegou e falou: *Sé Henrique, o seu casamento vai ser filmado.* Eu falei: *Olha, não... Não sei de nada, acho que não, acho que o “cara” deve “tá” errado. O “cara” deve “tá” confundindo o casamento. Deve ser o outro casamento prá frente, sei lá, sei que o meu não é, porque eu não contratei nada dele, não “tô” sabendo nada disso. O meu irmão vai fotografar e só.* E eu cheguei e fui conversar com o “cara”, né. E fui entrando, naquela época o noivo não entrava, entrava “mais” pela porta lateral, não tinha a procissão de entrada que tem hoje... Os padrinhos... Só entrava a noiva. E o “cara” chega e eu vou em direção do “cara”, prá tirar satisfação com ele, porque que ele “tava” gravando. Aí ele olha prá mim, dá um toque, me manda ficar calmo. Mandou... Falou: *Fica tranqüilo.* Aí eu peguei, falei: *Larga mão.* Aí eu acabei esquecendo o “cara”, não preocupei e fiquei... Mas só que durante o casamento eu fiquei perguntando prá mim mesmo; *Quem que foi que fez aquilo? Quem contratou? Quem chamou aquele “cara” lá?* Aí, durante o casamento, eu me toquei, porque o câmara “tava” filmando o meu irmão... Durante o casamento. Eu falei: *Mas o “cara” “tá” filmando o meu irmão, por quê?* – Aí falei – *Foi ele que trouxe de lá (São Paulo) para cá.* Mas foi assim, a filmagem entrou no esquema. Inclusive “pos” padrões da época, eu vejo muita filmagem hoje, como eu trabalho com filmagem, vê que o cara teve a capacidade de captar o som direto, você percebe nitidamente que ele teve... A noiva entrou... A gente chegou, foi recebido pelo celebrante, Padre Nivaldo, e ele (filmador) dá um corte ali, para ligar um microfone que “tava” aclopado no microfone. Tinha um “monitorzinho”, tudo esperando. O som da... Da fita, da igreja é nítido, não é aquele som ambiente, barulhento. Isso em 87, que “tava”... Que a filmagem era um...

Vera – ...Era raridade...

José Henrique – ...Raridade... Eram poucos que faziam... Eram poucos que faziam e ele já fazia com qualidade. Já era... A câmara dele bem firme (não tremia), bem trabalhada. E foi essa surpresa, aí... Da... Da filmagem, que me fez trabalhar com filmagem hoje. Porque até então, eu tinha o sonho de trabalhar com fotografia. E toda vez... Nunca tive uma máquina fotográfica, sempre com máquina dos outros e sempre tirei boas fotos. Tirei uma foto da Basílica de Aparecida, que o pessoal fez pôster com ela. Tirei uma foto da Lucimara, que foi madrinha do civil, da Vera, lá em Minas, no meio de um pasto; *Não ela pastando, viu (risadas)?* Numa paisagem bonita, que aí, depois, ela mandou fazer um pôster, bem legal. E sempre tinha idéia de trabalhar com fotografia, mas depois que eu vi a filmagem e a fita que ele editou, e aí que eu passei “pro” vídeo. Mas ainda tenho o sonho de um dia fazer um trabalho desse (fotográfico).

Entrevistador – Qual a diferença que vocês sentem entre a foto e a filmagem? Se tem alguma diferença? Se fosse para escolher entre a fotografia e o vídeo, qual vocês escolheriam?

Vera – Se for avaliar um e outro, a filmagem ela é muito boa por uma questão assim que tem imagem “viva”. Então você... Igual a minha avó mesmo, minha avó faleceu uns quatro depois que a gente casou. Eu tenho imagem dela viva, aí na fita do meu casamento. Então é uma coisa que você guarda, ela ali conversando com você, abraçando, uma coisa muito forte que você guarda. Só que a filmagem, ela tem um certo tempo, a fita “embolora”, tem o problema de “tá” limpando, ela vai perdendo a

qualidade. Agora, a foto não. Ela até amarela, mas olha para você vê (mostra o álbum), ela tem, o quê, dezesseis anos, não mudou muito da época que a gente fez. Você arrumando um bom profissional, a foto vai sair boa por um bom tempo. Eu acredito que a foto para você guardar é melhor.

José Henrique – Eu acho que o instante que a foto pega... Como a foto trabalha com “instantezinho” só, aproveitando um instante, as vezes, dum período, quem “tá” vendo a foto pode ver a foto de várias maneiras, de várias interpretações. Se você mostrar a mesma foto para várias pessoas, essa foto ela vai “tá”... Cada uma vai vê num ângulo... Vai vê de um jeito. Agora, a filmagem tem o seu valor, e já é mais complicado prá você vê, que você vai vê sempre a mesma coisa. Dificilmente você consegue dá uma... Interpretar aquela... Aquela... Aquela imagem. E sem contar que a foto você não precisa de muito recurso para você “tá” vendo. Apesar de trabalhar com filmagem e falar para o pessoal: *Oh, compra a filmagem, não compra a foto não*. Acho que a foto tem o seu charme, sua facilidade de manuseio.

Eu – É, algumas coisas que facilitam, o próprio período (tempo) que você precisa para ver um e outro. O vídeo você precisa de um tempo maior para estar vendo, a fotografa você vê mais rápido, mais devagar, depende somente do tempo disponível...

Vera – É, a nossa fita de casamento já é duas horas de fita, esse aqui em dez minutos eu vejo o álbum todo, né. Então tem seu encantos, mas também tem os seus contras. Se fosse para mim escolher entre a foto e a fita, eu ainda escolheria a foto.

Entrevistador – Tem alguma foto assim, no álbum, que vocês gostem mais? Você pegue e: *Essa aqui é a que eu mais gosto, do álbum todo*. Você escolheria uma fotografia assim dele?

José Henrique – Se eu pudesse assim dizer, a que eu mais gosto... Talvez, acho que é difícil, mas que tem maior importância, principalmente, talvez para a Vera não, mas para mim, porque é a foto da minha família “inteirinha” junta. Que esse período aqui (olhando para o álbum), foi a última vez que... Foi a última vez que eu “tive” com meu pai. E foi a primeira... A primeira e a única vez que... Que a minha família “teve” “inteirinha” reunida. Única vez que “teve” assim, entre pai, mãe e todos os filhos esteve juntos, no mesmo ambiente, no mesmo local, no mesmo dia e na mesma foto. Foi a única vez... Eu acho que essa “bendita”... (Procura a foto no álbum. Olhando para a Vera, pergunta assustado) Cadê a foto?...

Vera – *Não sei, ‘tava’ aí no álbum. Vai vê foi nas vezes que... Saiu.*

José Henrique – *Mas quem fez isso?...*

Entrevistador – Tem uma da família da Vera.

José Henrique – Tem uma da Vera. Aqui é o meu pai (mostra na foto). (Continua procurando, no álbum, a foto da família)

Entrevistador – Mas é lá na festa mesmo?

José Henrique – É na festa... *Quem fez isso?!*

Vera – Vai vê está lá, no meio das outras.

José Henrique – Não, porque tinha foto da família toda...

Entrevistador – As vezes é uma das que saíram, porque está próximo, na festa, na recepção tem uma...

José Henrique – Essas daqui são... Era para “tá” aqui. Era para “tá” por aqui... (mostrando a falha, no álbum) Foi justamente duas fotos que foram tiradas daqui. Para

tirar essa foto daí, tem que arrancar, tem que querer tirar a foto. Tem que querer tirar a foto, não é acidentalmente (indignado). Prá quem ia interessar, também não sei, agora também não saiu daqui esse álbum de casa.

Vera – Saiu sim.

José Henrique – Mas quando?...

Vera – Muita gente viu esse álbum, Henrique!

Entrevistador – Era uma foto que estava a família toda...

José Henrique – Minha família inteira.

Entrevistador – ...Assim com essa da Vera?

José Henrique – Assim com essa da Vera, aqui. Essa daqui é quando “tava” um...

Entrevistador – Dessa daqui, na igreja tem uma também, mas que também está falhando. Porque tem um espaço que está sem a fotografia.

José Henrique – E é justamente...

Vera – Tem uma foto lá em cima...

José Henrique – ...A que nós estamos assinando, Vera. A que nós estamos assinando, olha lá. “Tá” vendo. Aqui ainda é...

Entrevistador – Não, olha, a assinatura está aí. Talvez seja a que você está cumprimentando o padre.

Vera – Não, do Henrique cumprimentando o padre não foi tirada.

Entrevistador – Não foi?

José Henrique – Foi sim.

Vera – Não foi, Henrique.

José Henrique – “Sacanagem” (indignado com o sumiço da foto da família). Se não pode ser...

Vera – ...Você tem certeza que foi tirada?

José Henrique – Foi, da minha família inteira, foi.

Vera – Porque eu lembro que da minha família não foi tirado.

José Henrique – Foi, olha, todos os seus irmãos “tão” aqui. *Quer ver?* Meus pais, os seus. “Tá” aqui, sua família inteira, oh. “Tá” aqui o Jaílton, o Fabiano, o Didi... O César... “Tá” faltando... Oh, o João aqui.

Vera – Ah, não. Esse não é o João não, esse é o Paulinho.

José Henrique – Aqui é o Paulinho?!

Vera – É!

José Henrique – Não, o João “tá” de camisa vermelha... Mas uma foto semelhante à essa, “tava” no álbum. Era para estar aqui. Olha lá, como teve a sua família, depois tinha da... E foram e arrancaram fora. “Tomara” que “teja” guardada lá em cima.

Entrevistador – Então essa fotografia que você acha que é a mais importante?

José Henrique – Essa fotografia seria aquela que... Que eu tenho assim... Porque foi a única vez que eu vi, assim, a família inteira reunida, né. Porque quando eu era pequeno, o meu pai saiu de... Trabalhava fora e quando ele... Sempre quando ele retornava, aí meus irmãos também saíram. Um vivendo na Bahia, outro vivendo por São Paulo. Desde que eu me conheço por gente, eu nunca vi os irmãos, todo mundo

reunido no mesmo dia. Nem mesmo no casamento de outros irmãos, mais velhos ou mais novos. E esse dia foi o dia em que a família inteira “tava” reunida. Pai, mãe e irmão, todo mundo junto. Apesar dos meus pais serem separados, ele chegou no dia do casamento. Eu mandei o convite para ele, mas mandei o convite achando que ele não fosse vir. Mas aconteceu que ele perdeu um irmão, nas vésperas do meu casamento, no Paraná, aí ele, aproveitando, já fez as duas coisas. Não sei se ele, já “tava” vindo “pro” meu casamento, aconteceu com o irmão e ele foi para lá ou se veio “pro” enterro do irmão e passou por aqui. Mas essa é a foto que eu acho mais assim... Pelo menos eu tinha mais importância por ela... mais marcante para mim.

Entrevistador – E para você Vera, tem alguma foto que você acha que é mais importante?

Vera – Todas elas, para mim, é a mesma importância. Não tem uma mais, outra menos, não. Nenhuma é especial, assim.

Entrevistador – Agora, no álbum não tem as fotos casamento do civil, por queo civil foi depois?

José Henrique – É porque o civil eu tinha feito... Uma emancipação, para a compra deste terreno. Para construir a casa, precisava fazer uma emancipação de idade e a minha mãe precisou dar a emancipação para mim e eu tinha esse documento. Só que com esse documento eu achava que... E acabo perdendo o registro civil. Aí a gente marcou... Pediu a segunda via do registro e nunca vinha, não vinha e demorava. E eu “tava” com o casamento marcado, festa arrumada, salão, igreja e não saía o documento para marcar o civil. Aí, “aonde” a gente tinha pedido dispensa na igreja, “pro” Bispo, “pro” Bispo assinar. Depois que o Bispo... Aí a gente se comprometeu casar depois. A gente casou em janeiro, depois casou em junho no civil, na época que a gente conseguiu trazer o documento. A minha mãe foi para lá e conseguiu trazer esse documento para mim e a gente casou depois. Por isso que a fotografia não foi “feito”, se tivesse sido feito... Tivesse o civil junto, “taria” no mesmo álbum, na mesma gravação, porque o meu irmão queria que trouxesse o civil “pro” salão. Ia ser feito no salão, para ser tudo junto, entraria tudo no mesmo álbum. Aí a gente acabou fazendo esse álbum aí (mostra o álbum do civil). Esse álbum a gente contratou o foto São José, né.

Vera – Foto São José ou Cássio?... Não, foi o foto São José mesmo.

José Henrique – Foto São José que a gente contratou, prá eles “fazer” o álbum civil. Aí foi um outro padrão de foto também, outra encadernação que ele fez.

(Nesse momento a entrevista foi interrompida, para que o José Henrique fosse atender uma pessoa. No entanto, a Vera me contou sobre a não aceitação do casamento, pelo seu pai, e como eles fizeram para que esse problema fosse resolvido. Essa parte da entrevista não gravada, por descuido do entrevistador, pois não havia nenhum objeção por parte do casal.)

Entrevistador – Olhando para o álbum vocês lembram muitas histórias?...

José Henrique – Tranquilo, “Nossa Senhora”! O álbum...

Vera – A gente nem olha nele para “tá” lembrando essas coisas. *Né Henrique?*

José Henrique – Mas quando você olha... Você pega o álbum e vê o contraste que você era, o estilo de vida que você vivia naquela época, os valores. Aí, você vê pessoas que... Tem sobrinha minha, no álbum, pessoas que eu vi pequenas, no álbum de fotografias, que hoje se eu encontrar não... Você não reconhece mais... Não reconhece mais a pessoa. E outra coisa, vem tudo aquela... A idéia, na época. Às vezes pego o álbum do civil, por exemplo, a gente foi prá uma chopperia, perto lá do cartório mesmo, ficamos lá, foi de tarde, ficamos até a noite tomando cerveja, tomando chopp naquele dia, com os padrinhos. Aí você consegue lembrar, por exemplo, no caso do civil, que a gente pegou o Adão assim de “chupetão”, e de repente alguém acha que o Adão foi como “tapa-buraco”, nem. Mas pelo menos foi uma pessoa que eu conhecia que “tava” lá. É porque é vizinho, mora até hoje perto da gente. E lembra tudo, isso é gostoso. É bom você voltar um pouco.

Entrevistador – Bom, eu acho que está bem em cima do que estou precisando, por enquanto. Talvez eu precise fazer outras entrevistas, mas por enquanto é somente isso, o que significa o álbum para vocês?

José Henrique – Então, mas fundamental. Pode ser... Um álbum, acho que pode ser uma boa recordação ou uma péssima recordação, quando não dá certo. Eu fico imaginando as pessoas que não “dá” certo o casamento, que desmancha o casamento. *Como é que você vai rachar uma foto no meio?*

Entrevistador – E acontece de rasgar...

José Henrique – É o caso da Juliana (amiga), ela confessou para mim que foi para o casamento sabendo que não ia dar certo. E assim mesmo foi. Foi toda uma besteira. Ela usou o casamento prá... Ela falou que tinha que casar prá se livrar, prá ganhar a liberdade. Eu fico imaginando... No início, as primeiras vezes que eu vi esse álbum... Muitas vezes o pessoal falava: *Nossa, mais você vai casar, o seu sogro não... Você não combina com o seu sogro, com a família toda. Como é que você vai...?* Foi até meio contrangedor...

Vera – ...Tanto é que ele não ia me levar no altar, pode ver que ele nem “tá” de terno, aqui...

José Henrique – ...Não “tá” de terno, “tá” de camisa normal...

Vera – ...Ele resolveu me levar no altar, na véspera do casamento. Aí não deu tempo para arrumar terno para ele. Porque ele falava que não ia levar, então ficou certo que o meu padrinho ia entrar comigo. Chegou na hora ele... Na véspera do casamento ele falou que ia levar.

José Henrique – Você vê que até o meu pai que veio de fora... O meu pai que chegou, não sei se ele já “tava” preparado, ele “tá” de terno. Mas ele não “tá” de gravata, mas “tá” de terno. E a Vera foi conhecer ele lá no altar, viu.

Vera – Eu conheci no altar. Eu lembro que...

José Henrique – Ela chegou, não deu para desistir.

Vera – Eu casei sem óculos, nem deu para ver. Eu vi o “véio” de perto, quando eu fui cumprimentar ele. *Ai meu Deus! “Tô ferrada”! Baixinho, barrigudo e careca*. (risadas)

José Henrique – Careca, o quê? Meu pai não era careca não.

Entrevistador – Então, foi na última hora que ele resolveu?

Vera – É, na véspera do meu casamento que ele resolveu. Naquela época, para a gente alugar roupa, demorava. Você tinha que alugar... O meu vestido mesmo, eu aluguei três meses antes do casamento, aí não deu tempo de eu ir atrás, de alugar: *Ah, vai do jeito que “tá” mesmo.*

José Henrique – *Você lembra dessa menina aqui?*

Entrevistador – *Não estou lembrado, não.*

José Henrique – *Sandra, morava aqui do lado.*

Entrevistador – *Ah, sim, me lembro.*

José Henrique – Essa é a minha sobrinha (mostrando na foto). Essa aqui... Essa... Essa é irmã da minha cunhada. Essa é a mulher do fotógrafo. Na verdade, não sei nem... Naquela foto que eu falei prá você, não sei se ele saiu nessa foto também.

Vera – Acho que ele não saiu em nenhuma foto aí.

José Henrique – Na filmagem ele saiu. Na gravação da filmagem...

Vera – *Quem é esse menino aqui?*

José Henrique – *Não conheço...* (pausa) *E foto é legal, é um negócio interessante. Esse menino aqui (foto da champagne). O que esse menino estava fazendo ali? Se fosse na filmagem, talvez não tivesse o detalhe. “Que nem” essa foto aqui, oh, “qué” vê. Oh, essa é a casa da Dona Delci, no quarto do Seu Chico, lá na casa dele, né. Aí, essa daqui é amiga da Vera. Bete, né?*

Vera – *Essa é a Penha.*

José Henrique – *Penha!? Não é a Bete?*

Vera – *Não, não é a Bete não. Essa aqui é a Penha*

José Henrique – *Aí a foto tem esses flagrantes. E tinha outra foto... Você tirou ela daqui, né? Não, “tá” aqui.*

Vera – *Vou tirar essa foto (pose no jardim) daí, “tá” muito feia.*

José Henrique – *Nem essa daqui, ela escapou, “tá” vendo. Tem um jardim... O jardim é na frente da casa dela, hoje é completamente diferente, esse... Pena que o meu irmão não explorou mais, não deu para explorar...*

Vera – *Mas era muito bonito lá, mesmo.*

José Henrique – *Não explorou mais o jardim, mas foi feito essas fotos lá... O detalhe do sapato. Esse sapato é seu mesmo?*

Vera – *É, você que tirou. Você não lembra, não?*

José Henrique – *“Viche”, faz tanto tempo. E a mãe dela, com ar de reprovação, para ver essas fotos.*

Vera – *E a Bete (cunhada) “botando fogo” ainda. (risadas)*

José Henrique – *Aí (mostrando na foto) a maleta do cinegrafista. Esse é o cabo de energia. Ele fez uma... É que agora...*

Vera – *...Geralmente as festas “era” diferente, eles faziam aqueles “bolão” enorme...*

José Henrique – *...Hoje nem bolo não tem mais.*

Vera – *Hoje os bolos “é” tudo de plástico, que eles fazem...*

José Henrique – *É isopor...*

Vera – *Não é isopor, não. É massa que eles fazem.*

Entrevistador – *É gesso que eles usam.*

José Henrique – Até essas balas, hoje...

Vera – Hoje já nem tem mais.

José Henrique – É uma produção... Esse rapazinho aqui, hoje ele tem... Essa menina casou... Essa...

Vera – ...Tem a foto da Martinha. *Lembra? A Martinha que namorava o João Lúcio, que morreu num acidente.* Tem na fita, na foto acho que não tem, não.

Entrevistador – A Martinha irmã do Nelto?

Vera – Isso.

José Henrique – Então, mas a diferença... Única diferença que você... Talvez a foto... Nesse álbum aqui...

Vera – A foto tem, do Rodolfo, do Padre Rodolfo, “molecão”. Tem na foto, ele aí entrando, lá no “comecinho”.

José Henrique – Acho que o fotógrafo, hoje em dia, ele deveria, assim, explorar mais os convidados...

Vera – Lembrar aqui, minha “vó” que faleceu quatro anos depois.

José Henrique – No caso, meu pai faleceu, a “vó” dela também faleceu...

Vera – Na fita “tá” mais nítido. Tem ela conversando, eu sentei no colo dela, aí a gente “tava” lá. Então, tem seus valores, os dois.

José Henrique – O “cara” filmando, você vê que é uma câmera VHS, “simpleszinha”. A simplicidade do enfeite, que nesse dia eu nem percebi que tinha enfeite na igreja. Agora aqui tem... Tem aqui o Levi...

Vera – A Josefa ali, oh.

José Henrique – Aquela menina, a Sílvia, a Josefa, o Zacarias, a Luciana, filhafilha da Salomé...

Vera – Aqui, oh, o Rodolfo.

José Henrique – Oh, o Rodolfo... Se você vê... A Tereza aqui “tá” sentada. Se vê essa turminha aqui... Essa menina, hoje... A Sílvia também... O meu cunhado, César... **Aqui não dá, por causa da profundidade da foto.** E outro “agravo” é que isso aí “é” três horas da tarde e o “cara” **deve ter aberto a íris**, aqui em cima, **aí automaticamente escurecia o fundo.** (Pausa, olhando o álbum) Aí, conforme eu falei para você, o “cara” “tava” usando... O microfone dele “tava” aqui. O microfone dele de Lapela. Foi nesse momento aqui que eu peguei o “cara”... Descobri que ele “tava”... Que tinha sido meu irmão. Que meu irmão “tava” fotografando aqui, fazendo essa foto, e ele focalizando meu irmão, descobri que foi... O que “estava” fazendo, aqui, os jovens, no mês de janeiro?

Entrevistador – Era a Semana da Juventude.

José Henrique – Mês de Janeiro, a Selminha...

Vera – Semana da juventude, em janeiro? Mas não era em Junho? Sempre era no meio do ano, nas férias de junho.

Entrevistador – Não, começou no final do ano, começamos a fazer no final do ano, depois é que mudou para junho.

José Henrique – Mas assim, já “tava” no final do ano?

Vera – Não, já “tava” no começo do ano, né Henrique! Foi dia dez de janeiro.

José Henrique – Começou a fazer em janeiro?

Entrevistador – É, começamos a fazer em Janeiro. Nós começamos a fazer em dezembro, aí por causa do natal e ano novo, mudamos para janeiro, que era férias. Depois é que fomos para junho, que aí o pessoal viaja menos, e janeiro tinha o problema do pessoal viajar.

José Henrique – Era sempre em época de férias?

Entrevistador – É, sempre.

José Henrique – Vou ter que achar aquela...

Vera – Se ela saiu daqui, ela está perdida no meio das outras.

José Henrique – Ainda temos esse aqui (mostrando na foto dos presentes), tem essa bandejinha, ainda, hoje. Essa daqui ainda “tá”, “baqueada”, mas ainda “tá”, essa daqui...

Vera – A batedeira não tem mais, o jogo de panelas a gente ainda tem...

José Henrique – Esse jogo de panelas aqui. Meia dúzia de garfo. Esse ferro já foi... Ferro de passar, ganhamos três...

Vera – Ganhamos três ferros de passar, queriam que eu passasse roupa o dia inteiro.

José Henrique – Esse “cara” deu o maior susto na Vera. Falou: *Vera, o Henrique não “tá” aí.*

Vera – Falei “pro” Henrique: *Foi a primeira besteira, compromisso marcado e não “tá” na hora.* O Henrique tinha uma mania danada de: *Ah, sete horas eu “tô” na sua casa.* Era sete e meia que aparecia. *O dia que você marcar um horário comigo e não vier, você pode esquecer que você não vai me encontrar mais.* Daí no dia do casamento eu falei prá ele: *Oh...* – o casamento “tava” marcado para quatro horas, mas no horário de verão era três horas, eu falei – *Oh, Henrique, se chegar quatro horas, eu não atrasar, se eu chegar quatro horas e você não estiver lá, eu mando o Leandro dar volta no carro, a gente vai embora e não tem casamento.* Aí ele: *Ah, não sei o que, não sei o que.* Aí, chegou lá, a Celminha falou assim: *Vera, o Henrique não “tá” aí não, hein.* Que ela sabia que eu tinha falado para ele, eu falei “pro” meu padrinho: *Liga o carro, dá meia volta, que eu vou embora. O que eu prometi, eu vou cumprir.* Aí ela pegou e: *Não, não, ele “tá” aí sim.* Eu falei: *Então, brinca comigo que você não me conhece, o que eu falo eu cumpro.*

José Henrique – É Vera, pegaram quatro fotos aqui, mesmo (pausa). E eu vou dizer um negócio para você, essa foto não está em casa não.

Vera – Será?

José Henrique – Não sei como essa foto saiu daí, mas eu acho que... Seria a foto que eu falei para você e a foto... “Tá” vendo, tirou a foto do seu pai, aí, da sua família. Qual seria a próxima foto?

Vera – É, mas eu não acredito que seria assim não, porque o seu irmão tirou muita foto, Henrique, assim sem seqüência... Sem seqüência, assim de família.

José Henrique – Sem seqüência, mas no álbum, na família, Vera, tem seqüência, tem... Você pode ver que o álbum tem sua seqüência... Olha lá, você vê que tem a

seqüência. É seqüencial. Eu acho que, não sei não, viu...

Entrevistador – Bem, para o que eu estou precisando está bom. Eu agradeço a disponibilidade do casal.